

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS, COMUNICAÇÃO E
EDUCAÇÃO

CÍNTIA APARECIDA DE SOUSA

GUERREIRAS: realização de um livro-reportagem sobre histórias de mulheres para-atletas
em Uberlândia

UBERLÂNDIA, 2018

CÍNTIA APARECIDA DE SOUSA

GUERREIRAS: realização de um livro-reportagem sobre histórias de mulheres para-atletas em Uberlândia

Relatório de Defesa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Tecnologias, Comunicação e Educação.

Áreas de Concentração: Tecnologia e Interfaces da Comunicação

Orientador: Prof. Dr. Rafael Duarte Oliveira Venancio.

UBERLÂNDIA, 2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S725g Sousa, Cíntia Aparecida de, 1987-
2018 Guerreiras : realização de um livro-reportagem sobre histórias de
mulheres para-atletas em Uberlândia / Cíntia Aparecida de Sousa. -
2018.
121 f. : il.

Orientador: Rafael Duarte Oliveira Venancio.
Relatório (mestrado profissional) - Universidade Federal de
Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação
e Educação.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.166>

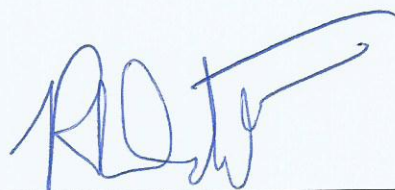
Inclui bibliografia.

1. Educação - Teses. 2. Jornalismo esportivo - Teses. 3. Mulheres
atletas - Teses. 4. Atletas com deficiência - Teses. I. Venancio, Rafael
Duarte Oliveira. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de
Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação. III. Título.

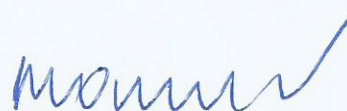
CDU: 37

Glória Aparecida – CRB-6/2047

BANCA EXAMINADORA



Prof(a). Dr(a). Rafael Duarte Oliveira Venancio
Universidade Federal de Uberlândia - UFU



Prof(a). Dr(a). Marcelo Marques Araújo
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Participou por meio de webconferência

Prof(a). Dr(a). Luciano Victor Barros Maluly
Universidade de São Paulo - USP

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida.

A Amanda Sousa, Daniele Martins, Gisele Ferreira, Joana Silva e Laila Suzigan, por confiarem em mim e contarem as suas histórias.

A Antônio Sousa, Marli Martins, Marcos Sousa e Graciele Sousa, pessoas que foram escolhidas para ser a minha família, o meu porto seguro.

A Rafael Duarte Oliveira Venâncio, meu orientador, pela oportunidade de realizar o meu sonho.

A Adriana Omena, minha primeira orientadora nas pesquisas de Comunicação e uma das responsáveis pela implementação do programa de pós-graduação em Tecnologias Comunicação e Educação da UFU.

Aos professores Ana Spannenberg e Marcelo Marques Araújo, pelos valiosos conselhos na temida banca de qualificação.

Aos professores Luciano Victor Barros Maluly e Marcelo Marques Araújo, por terem aceito o convite para a banca de defesa deste trabalho.

Ao professor Gerson de Sousa, pela grande paciência nas atividades de epistemologia.

Aos amigos de profissão da Escola Estadual Honório Guimarães, por me darem apoio ao longo da árdua jornada de conciliar estudo e trabalho.

As minhas eternas amigas Angélica Guimarães, Deisiane Cabral e Valquíria Amaral, pelo companheiro de sempre e por compreenderem a minha ausência nos encontros das JornAmigas.

A Elisa Chueiri, pelo projeto gráfico e pela diagramação.

A minha amiga Danielle Stephane Ramos que sempre me incentiva em minhas escolhas.

Aos técnicos Emilene dos Santos e Weverton Santos (halterofilismo); Leandro Garcia (atletismo); Fernando Dias (goalball); Alexandre Vieira, Daniel Cunha e Lucas Oliveira (natação); por permitirem a minha presença nos treinos das **Guerreiras**.

A Sociedade, que mantém a universidade pública e me proporcionou duas graduações e um mestrado na UFU.

Já pensou, tudo sempre igual?
Ser mais do mesmo o tempo todo não é tão legal
Já pensou, sempre tão igual?
Tá na hora de ir em frente:
Ser diferente é normal!

Vicente Castro- Trecho da canção Ser diferente é normal

RESUMO

O presente trabalho apresenta o processo de produção do livro-reportagem **Guerreiras**: *histórias de mulheres para-atletas nunca antes contadas*. A obra compõe-se de perfis de cinco para-atletas da cidade de Uberlândia. Amanda Sousa do halterofilismo; Daniele Martins da bocha; Gisele Ferreira do goalball; Joana Silva do atletismo e Laila Suzigan da natação são as protagonistas do livro-reportagem. **Guerreiras** tem como objetivo ser um espaço de divulgação do trabalho das esportistas, visando o empoderamento das pessoas com deficiência que são invisíveis à nossa grande mídia.

Palavras-chave: Mulher. Paradesporto. Para-atleta. Jornalismo Esportivo.

ABSTRACT

This work aims to show the production process of the reporting book *Guerreiras: histórias de mulheres para-atletas nunca antes contadas*. The work is based in five para-athletes profiles: Amanda Sousa (Weighlifting); Daniele Martins (Boccia); Gisele Ferreira (Goalball); Joana Silva (Athletisme) and Laila Sozigan (Swimming) are the protagonists from the reporting book. *Guerreiras* has as objective to be an disclosure space of these athletes work aiming the disabled people empowerment that are invisible to our big media.

Keywords: Woman. Paraspport. Para-athletes. Sports journalism

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 Conceitos teóricos	14
2.1.1 <i>Afinal, o que é deficiência</i>	15
2.1.2 <i>A deficiência como fenômeno</i>	17
2.1.3 <i>Paradesporto: De atividade de reabilitação à atividade esportiva</i>	19
2.1.3.1 <i>As modalidades paralímpicas.....</i>	22
2.1.4 <i>A presença feminina no esporte adaptado</i>	25
2.2 Conceitos metodológicos	28
2.2.1 <i>A arte de contar histórias: a conexão entre o jornalismo literário e jornalismo esportivo</i>	28
2.2.2 <i>Livro-reportagem: as páginas jornalístico-literárias</i>	31
2.2.2.1 <i>Perfis: a narrativa jornalística.....</i>	32
2.2.3 <i>Terminologias sobre deficiência</i>	33
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO	36
3.1 Exequibilidade e Aplicabilidade.....	39
3.2 Recursos utilizados	40
3.3 Demandas mercadológicas.....	40
4 GUERREIRAS: histórias de mulheres para-atletas nunca antes contadas	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS	47
ANEXO A - Termo de Autorização de uso de imagem e depoimentos de Amanda Aparecida Santos de Sousa	52
ANEXO B - Termo de Autorização de uso de imagem e depoimentos de Daniele Martins	53
ANEXO C - Termo de Autorização de uso de imagem e depoimentos de Gisele Ferreira da Silva	54
ANEXO D - Termo de autorização de uso de imagem e depoimentos de Joana Helena dos Santos Silva.....	55
ANEXO E - Termo de autorização de uso de imagem e depoimentos de Laila Suzigan Garcia	56

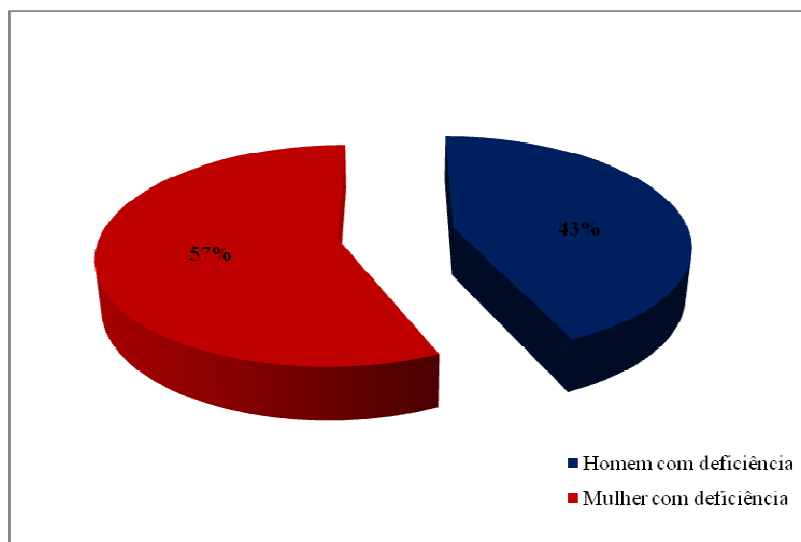
APÊNDICE A- Livro-reportagem impresso GUERREIRAS <i>histórias de mulheres para-</i> <i>atletas nunca antes contadas</i>	57
--	----

1 APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa nasce de uma inquietação sobre a abordagem da pessoa com deficiência na mídia e é uma continuação do projeto de conclusão de graduação intitulado "A MÍDIA E O PARADESPORTO: A representação do para-atleta no site Globoesporte.com", orientado pela professora doutora Adriana Cristina Omena dos Santos, realizado para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social: habilitação em Jornalismo no curso da Universidade Federal de Uberlândia.

Para o pesquisador Marques (2010), a deficiência está muito presente em nossa sociedade, visto que um décimo de todas as crianças nasce ou adquire impedimentos físicos, intelectuais ou sensoriais. O Censo Demográfico, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano 2010, aponta que 23,9% da população brasileira (45.606.048 milhões de pessoas) possuem algum tipo de deficiência, seja ela visual, auditiva, motora ou intelectual. É válido ressaltar que a pesquisa levou em consideração qualquer grau de deficiência, ou seja, do menor ao maior.

GRÁFICO 1- Percentual da população com deficiência, segundo o gênero - Brasil- 2010



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Deste total de pessoas com deficiência, quase um quarto da população brasileira, 25.800.681 milhões, se declara do gênero feminino, as personagens centrais do nosso trabalho. A partir desse expressivo número de mulheres com deficiência, esta pesquisa de mestrado propôs desenvolver um livro-reportagem sobre a presença do gênero feminino no paradesporto da cidade de Uberlândia.

O esporte adaptado é voltado exclusivamente para pessoas com algum grau de deficiência visual, motora ou intelectual. Ele teve impulso com o fim da Segunda Guerra Mundial, período em que um grande número de combatentes sofreu graves lesões na coluna vertebral e ficou paraplégico (perda dos movimentos dos membros inferiores) ou tetraplégico (perda dos movimentos dos membros inferiores e superiores), enquanto outros perderam os membros ou a visão.

Este cenário influenciou o início de um trabalho de reabilitação médica e social, que visava reestabelecer a saúde física e mental do indivíduo com alguma lesão, por meio da prática esportiva. O responsável pelo trabalho desta inserção foi o médico alemão, Ludwig Guttmann, que foi também o precursor dos Jogos Paralímpicos.

A escolha em abordar a pessoa com deficiência com foco na mulher deve-se ao fato, primeiramente, do paradesporto ser um assunto pouco abordado em pesquisas acadêmicas. O esporte adaptado é estudado principalmente nas áreas médicas, visto que o foco são os benefícios físicos e sociais. Entretanto, este trabalho objetiva apresentar as mulheres para-atletas focando nas histórias proporcionadas pelo esporte e não somente nos benefícios à saúde.

Outro fator para a realização da pesquisa consiste no paradesporto ter uma visibilidade menor que o desporto. O esporte adaptado, muitas vezes, é abordado na grande mídia com mais intensidade apenas nos períodos de grandes competições, como os Jogos Paralímpicos ou Parapan-Americanos, e mesmo nestes períodos a cobertura dedicada ao universo paradesportivo é relativamente inferior ao esporte olímpico.

A partir dessas observações sobre a presença do paradesporto na mídia brasileira, nossa delimitação temática proposta baseia-se no seguinte questionamento: Como acontece a construção da imagem da mulher para-atleta no jornalismo?, ou seja, Esta imagem contribui para a construção de um perfil além do estereótipo da superação dando a mulher um lugar de protagonista em um ambiente com predominância masculina?.

Como base na questão norteadora, o objeto geral deste trabalho foi produzir um livro-reportagem com perfis, textos biográficos e descritivos, sobre a vida esportiva de mulheres para-atletas em Uberlândia. Para alcançarmos o nosso objetivo geral, traçamos os seguintes objetivos específicos: contar histórias da vida esportiva da mulher no paradesporto; registrar a presença de protagonista da mulher com deficiência no esporte; averiguar a visibilidade da presença do paradesporto e levar o leitor a uma reflexão da presença da pessoa com deficiência no esporte em Uberlândia, em especial, para a mulher com deficiência.

A relevância acadêmica desta pesquisa justifica-se por ser uma temática pouco abordada na academia, em especial, na área de comunicação. A escassez de pesquisas deve-se ao fato do paradesporto ser estudado principalmente com foco nos benefícios físicos e sociais para a pessoa com deficiência, como relatamos anteriormente. Assim, esse trabalho pretende destacar o espaço que o esporte adaptado pode ter dentro do jornalismo esportivo, com foco para as mulheres, gênero que ao longo dos anos vem lutando por espaço de protagonismo em nossa sociedade.

A pesquisa também se justifica socialmente pela questão de ser um trabalho que tem como objeto de estudo pessoas que foram ou são excluídas do âmbito da sociedade pelo fato de possuírem uma deficiência. Deste modo, o presente trabalho pretende contribuir para a compreensão da construção da imagem da mulher com deficiência na mídia esportiva.

Carvalho Lima (2007, s.p), em um trabalho de conclusão de curso sobre a abordagem do paradesporto na mídia, destaca que "de incapaz, o deficiente foi alçado à categoria de super-herói, alguém que é sempre um exemplo de força de vontade por transpor todas as barreiras e se colocar em alguma posição de destaque (no caso, como atleta)".

Entretanto, o referido pesquisador afirma que ambas as abordagens não retratam o para-atleta, pois "entre a pena e a exaltação, a cobertura da mídia sobre o paradesporto muitas vezes deixa de lado aspectos inerentes à competição. Assim, o valor esportivo do atleta ou campeonato, nível de exigência ou mesmo condições de treinamento de um determinado esportista, são preteridos em detrimento de um enfoque mais sensacionalista" (CARVALHO LIMA, 2007, s.p.).

Deste modo, a pesquisa pretendeu criar um espaço para a divulgação do trabalho das para-atletas em Uberlândia, visando o empoderamento das pessoas que são invisíveis à nossa grande mídia.

Este relatório divide-se em cinco partes. Na primeira, realizamos a apresentação e a introdução do tema. Na segunda parte dedicamos ao referencial teórico do trabalho, que se divide entre os conceitos teóricos e os metodológicos. Na terceira discutimos os procedimentos metodológicos e apresentamos um relato sobre o desenvolvimento do produto. Por fim, encerramos este trabalho com as considerações finais acrescido das referências bibliográficas, anexos e apêndices.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo dedica-se ao referencial teórico utilizado para a realização do livro-reportagem **Guerreiras: histórias de mulheres para-atletas nunca antes contadas**. Para uma melhor compreensão do conteúdo, o capítulo será dividido em duas partes. Na primeira apresentamos os conceitos teóricos da pesquisa. Iniciamos com a definição de deficiência com base na corrente epistemológica norteadora desta pesquisa, a fenomenologia/existencialismo. Na sequência, abordamos o paradesporto e a presença da mulher no esporte adaptado.

A segunda parte destaca-se aos conceitos metodológicos utilizados para a realização deste trabalho. Nesta parte elencamos o jornalismo literário, o jornalismo esportivo e a definição de livro-reportagem. O capítulo finaliza-se com o conceito do gênero perfil e com uma breve discussão sobre as terminologias do léxico deficiência.

2.1 Conceitos teóricos

Perceber a deficiência como um fenômeno possibilita um novo olhar ao conceito, pois deixa de lado as informações já estabelecidas, para que a construção do conceito aconteça a partir apenas do momento vivido, promovendo assim uma diferente visão sobre a pessoa com deficiência. Este presente trabalho tem como intuito entender a deficiência a partir da corrente defendida por Edmund Husserl, a Fenomenologia.

A fenomenologia é uma corrente de pensamento que nasceu na Alemanha, tendo como fatores para o seu surgimento o ambiente filosófico que envolvia a Europa no fim da Idade Moderna. O pesquisador Sokolowski, que faz um estudo sobre o pensamento de Husserl no livro *Introdução à Fenomenologia*, conceitua a teoria como "o estudo da experiência humana e dos modos como as coisas se apresentam elas mesmas para nós em e por meio dessa experiência. [...]. Vai além dos antigos e modernos, e se esforça para reativar a vida filosófica em nossas circunstâncias presentes (2004, p.10)".

Mas, antes de navegarmos nos conceitos do filósofo e matemático alemão, realizaremos uma sucinta e breve apresentação de como a deficiência é ou foi representada ao longo da história e na sequência a abordaremos sob a luz dos princípios da fenomenologia, isto é, a deficiência vista como um fenômeno.

2.1.1 Afinal, o que é deficiência¹

O indivíduo com deficiência é abordado de diferentes maneiras na sociedade, desde seres incapazes a heróis. Segundo Carvalho Lima (2007, s.p), "contar a História das pessoas portadoras de deficiência desde os primórdios da humanidade é, acima de tudo, fazer uma narrativa das atrocidades geradas pela aliança entre o desconhecimento e o preconceito".

Na Antiguidade (500 a.C e 400 d.c), havia duas formas de tratamento à pessoa com deficiência. Na Grécia e na Roma era permitido o extermínio, pelo fato delas não estarem aptas à guerra. Já, na cidade de Atenas, "a influência do pensamento de Aristóteles criou um sistema semelhante à previdência social, que tinha a função de proteger os portadores de deficiência" (CARVALHO LIMA, 2007, s.p). Em ambas as abordagens, a pessoa com deficiência é representada como inferior, pois ou era punida com a morte ou dependeria do assistencialismo dos governantes.

Na Idade Média, por influência do cristianismo, "os indivíduos com deficiência passam a ser 'guardados' em casas, vales, porões e, principalmente, sobre a proteção dos monastérios, ou seja, dos padres. Nesse período, ainda persiste a ideia de possessão demoníaca, que terminava em longas sessões de exorcismo" (CIDADE; FREITAS, 2002, p.14). A pessoa com deficiência seria um indivíduo amaldiçoado, o qual deveria ficar à margem do convívio social.

Na Idade Moderna com os ideais iluministas, que defendiam a substituição das crenças religiosas e do misticismo pelo pensamento racional, a sociedade passa a se preocupar com o indivíduo com deficiência. "Surge a representação da normalização, do modelo médico em que a deficiência é representada como uma doença, assim a medicina procura a cura, eliminando-a" (MAVIGNIER; TARAPANOFF, 2013, p.03). Neste período, a deficiência é tratada como uma doença, para a qual era preciso descobrir a cura.

No século XX, pelo fato dos combatentes retornarem das Guerras Mundiais (1914 a 1918 e 1939 a 1945) e da Guerra do Vietnã (1955 a 1975) com alguma deficiência, a visão da pessoa com deficiência na sociedade alterou-se. "Em vez de inválidos ou seres menos

¹ O texto base deste item tem origem no trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação Social: habilitação em Jornalismo e foi publicado em forma de artigo em anais de evento conforme referência: SOUSA, Cíntia Aparecida de; OMENA DOS SANTOS, Adriana Cristina. *A mídia e o paradesporto: A representação do para-atleta no site Globoesporte.com*. In: XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2015, Uberlândia - MG. **Anais Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste** São Paulo: Intercom, 2015. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/resumos/R48-0132-1.pdf>>. Acesso em 12 mar. 2017.

capazes, os deficientes passaram a ser vistos como heróis que haviam dado suas pernas, pés, mãos ou braços pelo bem da nação" (CARVALHO LIMA, 2007, s.p).

Em resumo, podemos perceber que a representação da pessoa com deficiência é influenciada pelos sistemas culturais, ou seja, é a partir de como a sociedade trata a pessoa com deficiência que a representação é criada.

As pesquisadoras Mavignier e Tarapanoff (2013), ao realizar um trabalho sobre a presença da pessoa com deficiência no cinema, elencam quatro tipos de representação nos veículos midiáticos. São elas, a de assistencialismo (como 'coitadinhas' que precisam de ajuda); da normalização (a deficiência é representada como uma doença, para qual se procura a cura); da cidadania (a pessoa com deficiência é vista como um ser humano completo, um cidadão com deveres e direitos) e da superação (a pessoa com deficiência é representada como vencedora, mito).

Entretanto, Hilgemberg (2013) afirma que ao analisar a representação da pessoa com deficiência, percebe-se que geralmente esses indivíduos são retratos de forma irreal e estereotipada, pois

desde os seus primórdios que a sociedade tendeu a marginalizar e inabilitar as pessoas com deficiência apondo-lhes o estigma da diferença. Mesmo na atualidade, e apesar de vivermos numa sociedade dita inclusiva, o preconceito para com a pessoa com deficiência é ainda prevalente. Todo o indivíduo que foge aos padrões de normalidade é considerado estigmatizado, sendo que tal como afirma Pontes (2001), o estigma não está nem no sujeito, nem na deficiência, mas nos 'valores culturais estabelecidos pela sociedade que permitem categorizar as pessoas que fogem aos padrões de normalização, aferindo a estas determinados rótulos sociais' (HILGEMBERG, 2013, p.02).

Seja por meio da imagem de superação, de assistencialismo, de normalização, de cidadania ou de super-herói, a representação da pessoa com deficiência é um fértil campo de estudo, visto que um mesmo veículo midiático apresenta diferentes representações, carregadas ou não de preconceitos e estereótipos.

Dantas (2011, p. 06) defende que "em uma sociedade que busca a inclusão, é preciso ter cuidado ao adotar uma postura de aceitação condescendente, pois de forma naturalizada, passa-se a reproduzir o preconceito". Desta forma, a investigação da representação da pessoa com deficiência possibilita uma compreensão do universo dos indivíduos, que foram ou são ignorados da sociedade pelo fato de possuírem uma deficiência, seja visual, motora, auditiva ou intelectual.

Assim, constatamos que a representação da deficiência é estabelecida por critérios e ou regras criadas pela própria sociedade. Esta afirmação pode ser percebida pelos dois modelos

de deficiência vigentes nas pesquisas científicas, pois a primeira trabalha a deficiência como uma anormalidade e a segunda apresenta a influência da sociedade.

Segundo Diniz (2007), a deficiência ainda é considerada uma questão de tragédia pessoal, ou seja, a deficiência é vista como uma patologia. Essa visão que defende "a concepção de deficiência como uma variação do normal da espécie humana" (DINIZ, 2007, p.08), ficou conhecida como *modelo médico da deficiência*.

Entretanto, estudos desenvolvidos no Reino Unido e nos Estados Unidos, no início dos anos 1970, alertaram que para conceituar-se o termo deficiência era preciso levar em consideração o contexto social, pois

é importante salientar que não devemos colocar a deficiência dentro de uma concepção puramente médica, ficando associada exclusivamente à doença. [...] Muito mais atual e dinâmica é a compreensão da deficiência como parte da área de desenvolvimento social e dos direitos humanos, conferindo-lhe uma dimensão mais personalizada e social (MARTINS, 2008, p.28).

Essa concepção de deficiência ficou conhecida como *modelo social da deficiência*, pois trabalha a deficiência não apenas a partir dos conceitos biomédicos, mas leva em consideração o contexto social.

Ao percorrermos a representação da deficiência pelos séculos e com base nos modelos apresentados, percebemos que ela sempre foi analisada a partir da comparação com as pessoas sem deficiência, ou seja, é criado um padrão de normalidade e caso as pessoas não enquadrem nos critérios pré-estabelecidos elas são representadas de maneira diferente.

Outra maneira de caracterizarmos a deficiência é pela influência da sociedade, traços de uma concepção marxista, em que o homem é resultado do meio em que ele vive.

Em suma, percebemos que a deficiência não foi ou não é abordada a partir dela própria, mas sim com base em elementos que são exteriores a ela. Voltar para o objeto, a deficiência, e analisá-la sem um conceito pré-estabelecido, é o ponto de partida para a fenomenologia, isto é, purificar a relação sujeito e objeto para chegarmos ao verdadeiro conhecimento.

2.1.2 A deficiência como fenômeno

Os diferentes posicionamentos sobre o conceito de deficiência apresentados no item anterior permitem-nos perceber que para compreendê-los é necessário entendermos a corrente

filosófica predominante na época. Na revisão acima, passamos pelos ideais dos metafísicos, dos racionalistas, dos empíricos e dos religiosos dentre outros.

E investigar a deficiência desconsiderando as opiniões preestabelecidas e principalmente as influências culturais existentes teria proporcionado alguma representação diferente ao nosso objeto de estudo? A pessoa com deficiência seria vista e/ou tratada de outra maneira? As pessoas com deficiência seriam rotuladas por suas características ausentes ou em excesso?

Perguntas estas que para o filósofo e matemático alemão Edmund Husserl poderiam ser respondidas de uma maneira diferente. Considerado o pai da fenomenologia e um dos fundadores do pensamento contemporâneo, Husserl defende que para chegarmos ao conhecimento é preciso enxergarmos as coisas como fenômenos. "E fenômeno é tudo aquilo de que podemos ter consciência, de qualquer modo que seja. Fenomenologia, no sentido husserliano, será, pois, o estudo dos fenômenos puros, ou seja, uma fenomenologia pura" (HUSSERL, 2002, p.18).

O fenômeno trata-se da realidade como ela é mostrada para nós (sujeitos), ou seja, o fenômeno refere-se como as coisas devem ser pensadas a partir das percepções mentais de cada ser. Assim, percebemos que o ponto de partida da fenomenologia é a relação entre sujeito e objeto e para compreendermos essa relação é necessário voltarmos às coisas mesmas, o princípio primordial da corrente defendida por Husserl.

Na fenomenologia, o sujeito refere-se à consciência que apreende o fenômeno, enquanto o objeto é o fenômeno apreendido pelo sujeito. Sendo que nesta corrente filosófica não há uma competição entre o sujeito e o objeto e, sim, uma relação de equilíbrio entre eles.

Ao defender que o conhecimento é concebido quanto voltamos às coisas, Husserl acredita que ao estarmos frente a um fenômeno é preciso analisarmos a partir daquele momento, sem a interferência ou a experiência anterior do sujeito que presencia o fenômeno. Para o filósofo, só quando voltamos às coisas mesmas e evitamos a sua contaminação é que alcançamos o verdadeiro conhecimento.

A fenomenologia deve ser ciência dos fundamentos e das raízes, ou seja, uma ciência radical, uma ciência dos fundamentos originários: "Não é das filosofias que deve partir o impulso da investigação, mas, sim das coisas e dos problemas" [...] A *epoqué* filosófica, que nos propusemos praticar deve consistir, formulando-o expressamente, em nos abstermos por completo de julgar acerca das doutrinas de qualquer filosofia anterior e em levar a cabo todas as nossas descrições no âmbito desta abstenção (HUSSERL, 2002, p.21-22).

Ao compreendermos a deficiência como um fenômeno, dentro dos pressupostos husserlianos, precisamos deixar de lado todas as informações que achamos que temos sobre o objeto, pois devemos ter a percepção apenas daquele momento presenciado.

Deixar os pressupostos de lado ao investigar um fenômeno trata-se de deixar de realizar a atitude natural para alcançar o que Husserl denominou de atitude fenomenológica ou atitude transcendental.

A atitude natural é o foco que temos quando estamos imersos em nossa postura original, orientada para o mundo, quando intencionamos coisas, situações, fatos e quaisquer outros tipos de objetos. A atitude natural é, podemos dizer, a perspectiva padrão, aquela da qual partimos, aquela em que estamos originalmente. Não viemos para ela de nenhuma coisa mais básica. A atitude fenomenológica, por outro lado, é o foco que temos quando refletimos sobre a atitude natural e todas as intencionalidades que ocorrem dentro dela. É dentro da atitude fenomenológica que levamos a cabo as análises filosóficas (SOKOLOWSKI, 2004, p. 51).

Deste modo, com a atitude fenomenológica, o conhecimento do pesquisador sobre o fenômeno busca novas formas de visão para além do seu entendimento cotidiano. Compreender a deficiência como fenômeno consistiria em investigá-la a partir de sua relação com o sujeito e não a partir dos pressupostos que o sujeito carrega estigmatizados pela sociedade na qual está inserido. A teoria de Husserl exalta a interpretação do mundo que surge intencionalmente à consciência, enfatizando a experiência pura do sujeito.

Trabalhar a deficiência partindo dela mesma possibilitaria a compreensão da pessoa com deficiência sem um olhar estigmatizado ou estereotipado. Visão esta que possibilitaria uma melhor inserção destas pessoas na sociedade, pois deixaríamos de ter um parâmetro de comparação entre o que é considerado normal e o que possui alguma deficiência e assim poderíamos compreender a deficiência sem a influência de um conceito já estabelecido.

2.1.3 Paradesporto: De atividade de reabilitação à atividade esportiva

O paradesporto consiste em atividades esportivas praticadas pelas pessoas com deficiência, que podem ser de dois tipos: adaptada a partir de uma modalidade esportiva já existente, natação, por exemplo; ou criada exclusivamente para as pessoas com deficiência, como o *goalball*, que foi desenvolvido excepcionalmente para as pessoas com deficiência visual.

O esporte adaptado teve impulsão com o fim da Segunda Guerra Mundial. Em 1944, o neurocirurgião alemão, de origem judaica, Ludwig Guttmann, foi convidado pelo governo inglês para fazer parte do Centro de Lesionados Medulares de Stoke Mandeville. Na instituição, Guttmann realizou um trabalho de reabilitação médica e social de veteranos da guerra por meio de práticas esportivas. "Depois de estudar exaustivamente o gesto esportivo, como forma terapêutica e de integração social, iniciou o que se tornaria o desencadeador da prática desportiva entre os portadores de deficiência" (FREITAS; CIDADE, 2000, p. 25).

O sucesso do trabalho motivou o médico a organizar a primeira competição para os atletas em cadeiras de rodas, em 29 de julho de 1948 - mesma data de abertura dos Jogos Olímpicos de Londres (MARQUES *et al.*, 2009, p. 370).

Entretanto, a prática de atividade esportiva por pessoas com deficiência possui registro já no fim do século XIX, pois

existem registros de aparições do esporte adaptado datados de 1871, na School of Deaf, de Ohio, Estados Unidos, que foi a primeira escola para surdos a oferecer beisebol. As primeiras notícias da existência de clubes esportivos para pessoas surdas datam de 1888, em Berlim, Alemanha. Porém, somente em 1924 é que foram realizados, em Paris, França, os primeiros "Jogos do Silêncio", com a participação de 145 atletas de nove países europeus. Essa foi a primeira competição internacional para pessoas com deficiência (MARQUES *et al.*, 2009, p.370).

Apesar da gênese do paradesporto estar relacionada ao movimento esportivo dos surdos, atualmente as pessoas com deficiência auditiva não participam das competições paralímpicas organizadas pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). "O movimento esportivo das pessoas surdas por questões culturais não ocorre de maneira conjunta com o paralímpico, tendo, desse modo, ações políticas, bem como os eventos que ocorrem em separado" (PARSONS; WINCKLER, 2012, p.03).

Nos Estados Unidos, o paradesporto desenvolveu-se quase ao mesmo tempo em que na Inglaterra. O responsável, no país norte-americano, foi Benjamim Lipton (FREITAS; CIDADE, 2000, p. 25). No cenário brasileiro, o paradesporto foi introduzido pela iniciativa de Robson Sampaio de Almeida e Sérgio Serafim Del Grande, que após sofrerem acidentes, buscaram nos Estados Unidos os serviços de reabilitação (ARAÚJO, 1997, p.16).

O marco inicial do paradesporto no Brasil aconteceu com "a apresentação da equipe de basquetebol em cadeiras de rodas 'Pan Jets', formada por funcionários deficientes físicos da companhia aérea *Pan American World Airlines*. Foram duas exibições em novembro de 1957,

no ginásio do Ibirapuera (São Paulo) e no Maracanãzinho (Rio de Janeiro)" (CARVALHO LIMA, 2007, s. p.).

A primeira participação brasileira em uma competição internacional ocorreu em 1969, na segunda edição dos Jogos Parapanamericanos, em Buenos Aires, Argentina. Em 1972, uma equipe de para-atletas representou o Brasil em uma Paralimpíada, na Alemanha. A primeira medalha paralímpica (prata) foi conquistada na Bocha, no ano de 1976, em Toronto, Canadá, pela dupla Luiz Carlos da Costa e Robson Sampaio de Almeida (CARVALHO LIMA, 2007, s. p.).

Os para-atletas brasileiros vêm participando de competições internacionais desde 1972, mas só em 1991 que o governo federal passou a investir no paradesporto e, quatro anos depois, criou o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). A partir dos resultados conquistados pelo paradesporto, em junho de 2001, criou-se a Lei Agnelo Piva, "que destina parte dos lucros das Loterias Caixa ao desporto paraolímpico" (CARVALHO LIMA, 2007, s.p.).

Nos Jogos Paralímpicos de 2016, realizados no Rio de Janeiro, a delegação brasileira alcançou a oitava colocação geral no Quadro Medalhas, com 14 ouros, 29 pratas e 29 bronzes. Este resultado demonstra que o país está entre as potências do esporte paralímpico e que o número de adeptos ao paradesporto vem crescendo a cada dia.

O paradesporto não é exclusivamente voltado para o alto rendimento, de acordo com os pesquisadores Costa e Winckler (2012, p.17), o esporte adaptado "pode ser visto através de diferentes ângulos, que constituem suas diferentes formas de manifestação". Essas formas de manifestação apresentadas pelos pesquisadores são: Esporte Saúde, Esporte Educacional, Esporte Lazer e o Esporte Rendimento.

O Esporte Saúde consiste em uma forma de ação terapêutica, ou seja, a atividade física contribui para "a profilaxia, a reabilitação ou a manutenção do estado de saúde do praticante" (COSTA; WINCKLER, 2012, p.17). Nessa abordagem, o paradesporto tem como intuito melhorar a qualidade de vida e o estado de saúde das pessoas com deficiência, e é nesse espaço que os indivíduos têm o primeiro contato com o universo esportivo.

A segunda manifestação, o Esporte Educacional, tem como característica a questão do ensino-aprendizagem, isto é, o esporte é o canal para a troca de conhecimento.

No caso da pessoa com deficiência, permite o acesso às possibilidades de novas formas de movimento ou interação com o meio, possibilitando ao praticante o acesso a novos contextos de inserção, que, por vezes, eram limitados pela falta de informação ou pelo preconceito pessoal das outras pessoas (COSTA; WINCKLER, 2012, p.18).

É importante ressaltar que o Esporte Educacional não se restringe ao ambiente escolar, apesar deste ser o principal lugar em que acontece essa manifestação, pois a característica principal está no processo de aprendizagem e não no local.

O Esporte Lazer foca a questão de a atividade esportiva ser uma ocupação do tempo livre, ou seja, uma forma de prazer. Segundo Costa e Winckler (2012, p.18), nessa manifestação é preciso locais adequados para a prática esportiva, fato que impede que mais pessoas com deficiência realizem atividades físicas.

Por fim, encontramos o Esporte Rendimento, manifestação "mais conhecida e notória do esporte, já que é a que mais atraia a atenção da mídia e das pessoas" (COSTA; WINCKLER, 2012, p.18). No Esporte Rendimento, o resultado e a competição passam a ter uma grande importância no processo. Nessa manifestação, o esporte é visto como negócio, e "é possível ao atleta ser profissional e viver por meio de seus ganhos provindos do esporte" (COSTA; WINCKLER, 2012, p.18).

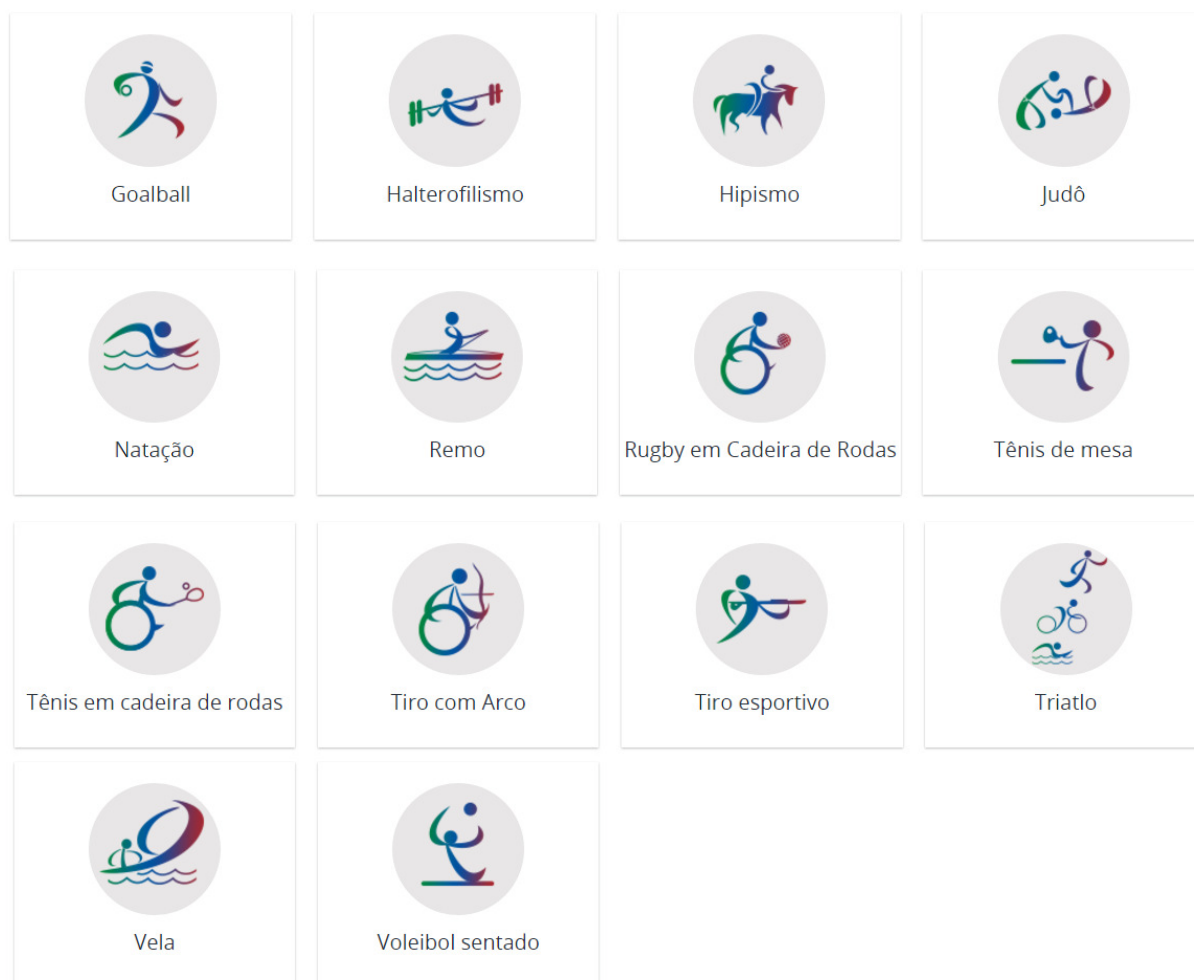
2.1.3.1 As modalidades paralímpicas

O Comitê Paralímpico Internacional (IPC) classifica vinte e oito modalidades paralímpicas (FIGURA 1), sendo vinte e duas presentes nos Jogos de Verão e seis nos Jogos de Inverno.

FIGURA 1 – Modalidades Paralímpicas de Verão²



² A modalidade de Ciclismo é disputada em duas categorias: Ciclismo de Estrada e Ciclismo de Pista.



Fonte: Símbolos das modalidades retirados da página do Comitê Paralímpico Brasileiro (2017)³

As modalidades paralímpicas de inverno são Biatlon, Esqui alpin, Esqui cross-country, Esqui de velocidade, *Snowboard cross*⁴ e *Wheelchair curling*. É importante ressaltar que a primeira participação brasileira em uma edição dos Jogos Paralímpicos de Inverno aconteceu no ano de 2014. Os para-atletas André Cintra, no *snowboard cross*, e Fernando Aranha, no Esqui *cross-country*, competiram em Sochi, na Rússia (CPB, 2013a).

Para participar de competições oficiais paralímpicas, os para-atletas precisam passar por um sistema de classificação. Este tipo de avaliação começou em 1944 e levava em consideração apenas o tipo de sequela do esportista.

No cenário brasileiro, o sistema de classificação aconteceu pela primeira vez no ano de 1984, na competição de basquetebol em cadeira de rodas da Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas (BENFICA, 2012).

³ Disponível em <<http://www.cpb.org.br/modalidades>>. Acesso em 26 mar. 2017.

⁴ O *snowboard cross* é uma modalidade recente no cenário esportivo paralímpico, sendo que a primeira participação nos Jogos Paralímpicos de Inverno foi em 2014.

Entretanto, em 1990, o professor de educação física Horst Strohkendl defendeu que a classificação não deveria levar em consideração apenas a gravidade de sequela, mas, sim, os movimentos biomecânicos, isto é, os movimentos e a força que cada esportista consegue produzir. A partir desse estudo, a classificação passou a ser a esportiva (FREITAS, 2013).⁵

A professora da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia Patrícia Silvestre de Freitas faz parte da comissão de classificação brasileira do atletismo há 20 anos. A profissional explica que o procedimento é necessário, pois quando a atividade física por pessoas com deficiência começou a tornar-se mais competitiva foi preciso que os atletas fossem divididos em classes. "O objetivo da classificação funcional é estabelecer semelhanças, porque hoje a gente sabe que não existe igualdade, mesmo em sequelas iguais. Hoje, para a gente, cinco por cento de força muscular é muito diferente de zero por cento" (FREITAS, 2013).

Atualmente, o IPC divide os para-atletas em cinco categorias de deficiências elegíveis para as competições: 1- paralisados cerebrais, 2- pessoas com deficiência visual, 3- atletas em cadeira de rodas, 4- amputados e 5- *les autres*⁶ (outros tipos de deficiência que não se enquadram nos grupos anteriores) (CPB, 2013b).

De acordo com Castro (2005) a equipe responsável pela classificação pode ser composta por três profissionais da área de saúde: médico (analisa a severidade da deficiência e a sua interferência na função muscular necessária para determinado movimento), fisioterapeuta (avalia a funcionalidade do indivíduo nas habilidades relacionadas ao esporte) e um professor de Educação Física (análise do desempenho do atleta através do movimento executado e da utilização da técnica, prótese e órtese) (BENFICA, 2012, p.21-22).

Deste modo, a classificação é realizada em três estágios: médico, funcional e técnico. Destacando que cada modalidade possui um sistema de classificação, levando em consideração as habilidades exigidas pelo paradesporto. "A classificação do esporte paralímpico no modelo atual é dividida em classificação médica para os atletas com deficiência visual, classificação funcional pra os atletas deficientes físicos e classificação psicológica para os atletas com deficiência intelectual" (FREITAS; SANTOS, 2012, p.45).

⁵ Informação obtida em entrevista com a professora Patrícia Silvestre de Freitas da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia e coordenadora da Classificação Funcional do Comitê Paralímpico Brasileiro, em agosto de 2013.

⁶ Palavra francesa que pode ser traduzida pela expressão Os outros.

2.1.4 A presença feminina no esporte adaptado

"Experiências, valores e atitudes de mulheres podem enriquecer, elevar e desenvolver o esporte. Similarmente, a participação no esporte pode enriquecer, elevar e desenvolver a vida de mulheres". A Declaração de Brighton sobre Mulheres e Esporte foi elaborada durante o congresso internacional *Women, Sport and the Challenge of Change*, organizado pelo British Sports Council, com apoio do Comitê Olímpico Internacional, no ano de 1994.

"O objetivo primordial da Declaração é o de desenvolver uma cultura esportiva que permita e valorize a participação plena das mulheres em todos os aspectos do esporte. A Declaração apresenta princípios que deveriam guiar ações destinadas a aumentar a participação das mulheres no esporte em todos os níveis e em todas as funções e papéis" (ALTMANN, 2014, p.53).

Para muitos é estranho um documento que incentive a mulher à prática esportiva, mas ao analisamos a presença feminina no esporte percebemos a disparidade com os homens. Nos Jogos Paralímpicos, o Brasil fez sua estreia em 1972, em Heidelberg, Alemanha, com a participação de vinte homens. As mulheres só integraram a delegação brasileira paralímpica na edição seguinte, em Toronto, Canadá. As para-atletas Beatriz Siqueira, que competiu na natação e no *lawn bowls* (um tipo de bocha sobre grama), e Maria Alvares, no tênis de mesa e no atletismo, foram as primeiras representantes brasileiras nos Jogos (MELO, 2016, s.p).

Na edição seguinte da competição novamente a mulher não esteve presente na delegação brasileira. Entretanto, nos jogos de 1984, em Stoke Mandeville e Nova Iorque, Inglaterra e Estados Unidos respectivamente, as mulheres trouxeram mais medalhas que os homens, das 28 do nosso país, 19 foram conquistadas por elas.

A delegação brasileira era composta por apenas seis mulheres, das quais cinco voltaram com medalhas na bagagem. No atletismo, a para-atleta Amintas Piedade conquistou dois ouros e duas pratas, Anelise Hermany trouxe duas pratas e um bronze, Márcia Malsar conseguiu um ouro, uma prata e um bronze e Miracema Ferraz ganhou um ouro e cinco pratas. Já na natação, Maria Jussara Santos faturou um ouro e duas pratas.

TABELA 1 - Participação brasileira nos Jogos Paralímpicos

Ano	Cidade	País	Nº de Atletas	Homens	Mulheres
1972	Heidelberg	Alemanha	8	8	0
1976	Toronto	Canadá	23	21	2
1980	Arnhem	Holanda	2	2	0
1984	Stoke Mandeville/ Nova Iorque	Reino Unido/Estados Unidos	30	24	6
1988	Seul	Coreia do Sul	59	47	12
1992	Barcelona	Espanha	41	31	10
1996	Atlanta	Estados Unidos	60	41	19
2000	Sydney	Austrália	64	53	11
2004	Atenas	Grécia	96	74	22
2008	Pequim	China	188	133	55
2012	Londres	Grã Bretanha	182	115	67
2016	Rio de Janeiro	Brasil	278	181	97

Fonte: Os dados foram retirados da página do Comitê Internacional Paralímpico⁷

Em relação aos jogos olímpicos, a primeira participação do Brasil aconteceu em Antuérpia, Bélgica, em 1920, sendo que a presença da mulher na delegação brasileira aconteceu doze anos após a estreia masculina. A nadadora paulista Maria Emma Lenk participou dos jogos de Los Angeles, Estados Unidos, e tornou-se a primeira mulher brasileira e a primeira sul-americana a participar do torneio (OLIVEIRA, CHEREM, TUBINO, 2008, p.123).

A história revela que tanto nos jogos paralímpicos quanto nos olímpicos, a participação da mulher aconteceu posterior a masculina e o número de participantes também é inferior ao comparado com dos homens.

Para a pesquisadora Miragaya (2007), a inclusão das mulheres no cenário esportivo vem acontecendo de forma gradual, fato que se deve principalmente pelas lutas dos movimentos feministas.

As mulheres começaram a conquistar novas posições em seus países, tornando-se mais ativas, e especialmente lutando para se tornarem cidadãs com direito ao voto. Se as mulheres estavam cada vez mais querendo ocupar um lugar na ordem social, não era muito diferente no mundo do esporte. Pouco a pouco as mulheres começaram a invadir uma área que nunca lhes havia pertencido e que lhes era bastante atraente. A prática do esporte e da atividade física lhes dava prazer, porém o esporte sempre foi um construto

⁷ Disponível em < <https://www.paralympic.org/results/historical>>. Acesso em 26 mar. 2017.

masculino do qual muito raramente as mulheres fizeram parte. Além disso, crenças tradicionais sempre prescreveram que o cansaço físico e a competição eram contrários à natureza da mulher. Acreditava-se que o lugar da mulher era dentro de casa, num mundo interno e particular, tomando conta do lar e dos filhos e que o lugar do homem era fora de casa, no mundo externo e público, trabalhando para o sustento da família (MIRAGAYA & DACOSTA, 2002 *apud* MIRAGAYA, 2007, p.229).

As mulheres vêm em uma luta constante para alcançar um lugar de protagonismo no esporte, mas esta luta acontece em um ambiente ainda com a predominância masculina. "A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo (BEAUVOIR, 2016, p.12).

Como reflexo de uma sociedade patriarcal e machista, até 1979 essas modalidades [judô e boxe], juntamente com as diferentes variações de futebol, foram proibidas às mulheres em razão da regulamentação do Decreto-Lei 3.199 de 1941. Tais esportes foram considerados incompatíveis com as condições da natureza feminina, causando um atraso no desenvolvimento esportivo das atletas brasileiras (GREGORY, 2014, p.12).

Além de enfrentarem os percalços de uma sociedade permeada pelos ideais machistas, as mulheres com deficiência precisam lidar com a falta de incentivo, as dificuldades de adaptação, as insuficientes condições de treinamento, dentre outros entraves.

A para-atleta Teresinha Guilhermina, em uma entrevista ao Observatório Brasil da Igualdade de Gênero no ano de 2014, destacou algumas das dificuldades enfrentadas pela mulher no paradesporto.

Observatório: Você sentiu, em algum momento, desafios específicos por ser mulher?

Terezinha Guilhermina: Sim, os desgastes físicos são maiores que dos atletas homens. Há também a ausência de atletas-guias mulheres.

Observatório: Quais os desafios você teve que superar para se consagrar como atleta profissional?

Terezinha Guilhermina: Considero a ausência de recursos financeiros, nos três primeiros anos da minha carreira, como meu principal desafio. A falta de um/a atleta-guia, para me auxiliar nos treinamentos, me obrigava a treinar sozinha e, por não enxergar bem, acabava sofrendo alguns acidentes como trombadas e quedas (GUILHERMINA, 2014, p.73).

Ser mulher, possuir uma deficiência e ainda dedicar-se a um universo permeado pelos ideais masculinos. Este é o contexto em que estão inseridas as personagens do nosso livro-

reportagem, pois se existe um preconceito contra mulher em nossa sociedade, ele é potencializado quanto associado à deficiência.

2.2 Conceitos metodológicos

2.2.1 A arte de contar histórias: a conexão entre o jornalismo literário e jornalismo esportivo

"Olhem Pelé, examinem suas fotografias e caiam das nuvens. É, de fato, um menino, um garoto. Se quisesse entrar num filme de Brigitte Bardot, seria barrado, seria enxotado. Mas reparem: — é um gênio indubitável. Digo e repito: — gênio. Pelé podia virar-se para Miguel Ângelo, Homero ou Dante e cumprimentá-los, com íntima efusão: — 'Como vai, colega?'

De fato, assim como Miguel Ângelo é o Pelé da pintura, da escultura, Pelé é o Miguel Ângelo da bola. Um e outro podem achar graça de nós, medíocres, que não somos gênios de coisa nenhuma, nem de cuspe a distância. E que coisa confortável para nós, brasileiros, saber que temos um patricio assim genial e assim garoto!

Pelos olhos do escritor Nelson Rodrigues, no texto publicado em *Manchete Esportiva, Anuário de ouro, Edição especial, janeiro de 1959*, Pelé, um menino franzino de apenas 17 anos transformava-se em gênio. As palavras auxiliavam na construção da imagem, neste caso do futuro rei do futebol. E como conseguir essa façanha?

Para Nelson Rodrigues parecia uma tarefa fácil, pois buscava uma nova visão para um fato do cotidiano. O jornalismo literário surgiu com o objetivo de transformar ações do dia-a-dia em histórias que valessem a pena serem escritas. A grande façanha desta especialidade de se fazer jornalismo foi romper com a divisão entre o jornalismo e a literatura, onde o primeiro era sempre o real enquanto o segundo, o ficcional.

Afinal, o que é jornalismo literário? Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (PENA, 2006, p.13).

Ao pesquisar a associação entre o jornalismo e a literatura, Lima (2009) diferencia o *jornalismo informativo* do *jornalismo interpretativo*. O *jornalismo informativo* tem como único papel "informar e orientar de maneira rápida, clara, precisa, exata, objetiva. Em virtude disso, essa prática é muitas vezes criticada como superficial, incompleta (p.17)".

Já o *jornalismo interpretativo* "possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo, a seu leitor ou a seus autores uma dose ponderável de liberdade para escapar aos grilhões normalmente impostos pela fórmula convencional do tratamento da notícia" (p.18).

No jornalismo literário, o contar história passa a ter função central. Os recursos e as técnicas utilizadas na literatura são incorporadas no jornalismo, para que assim as histórias reais do nosso dia-a-dia possam ser reveladas.

O eixo condutor de tudo é o reportar, a arte de você partir a campo para o mundo, vivenciar uma situação, testemunhar, acontecimentos, interagir com pessoas imersas nas suas circunstâncias particulares de vida e de seu momento histórico, dar significado à realidade que você constata e expressar tudo isso, num texto com vivacidade, vigor, valor estético e validade (LIMA, 2009, p. XV).

No jornalismo esportivo brasileiro, as atuações dos irmãos Mário Filho e Nelson Rodrigues, a partir dos anos de 1950, são um exemplo de *jornalismo interpretativo*. As páginas dos jornais e revistas em que os irmãos trabalhavam passaram a tratar de assuntos relacionados ao futebol com o intuito de envolver o leitor, mostrando assim muito mais do que a simples informação das partidas. Foi exatamente nesta época que

crônicas recheadas de drama e de poesia enriqueciam as páginas de jornais em que Nelson Rodrigues e Mário Filho escreviam [...]. Essas crônicas motivavam o torcedor a ir ao estádio para o jogo seguinte e, especialmente, a ver seu ídolo em campo. A dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou àquele jogador. Seres mortais alçados da noite para o dia à condição de semideuses (COELHO, 2003, p. 17).

Ao estudar o jornalismo literário, muitos estudiosos o associam ao *New Journalism* de Tom Wolfe, Truman Capote, Gay Talese, Norman Mailer, George Plimpton, Joan Didion, Barbara L. Goldsmith, Rex Reed, John Sack, entre tantos outros. Para Lima (2003), o *new journalism* configura-se como uma versão própria e renovadora do jornalismo literário.

Quando os novos jornalistas americanos surgiram, o jornalismo literário já havia conquistado espaço considerável ao longo das décadas anteriores, testando as técnicas literárias transplantadas para o jornalismo que, através da produção de gente de prestígio como A. J. Liebling, Joseph Mitchell, Lillian Ross, Ernest Hemingway. Gay Talese e seus contemporâneos dos

anos 60 e 70, aperfeiçoaram essas técnicas, assim como inovaram com a introdução de pelo menos duas novas. Tom Wolfe trouxe para o jornalismo a técnica do fluxo de consciência – que fora introduzida na literatura de ficção por James Joyce, em seu trabalho *Ulisses* –, enquanto Norman Mailer criou a técnica do ponto de vista autobiográfico em terceira pessoa (LIMA 2003, p.12).

No Brasil, o livro *Os sertões* de Euclides da Cunha é considerado o percussor do jornalismo literário. Publicada em 1902, a obra retrata a Guerra de Canudos que marcou o extermínio do arraial liderado pelo beato Antônio Conselheiro, no interior da Bahia, pelas tropas do governo federal.

Euclides foi enviado pelo jornal *O Estado de S. Paulo* para relatar os confrontos, e, diferentemente da cobertura feita por outros jornais da época, "o escritor soube interrelacionar a existência do arraial de Antonio Conselheiro e a natureza do sertão da Bahia, o comportamento sertanejo e até mesmo a conjuntura internacional que poderia ser associada ao conflito. Tornou-se o relato profundo da realidade de um Brasil ignorado" (EUCLIDES da Cunha, 2003, p.34).

A literatura deixava de ter um caráter utópico do país e passava a mostrar a verdadeira realidade brasileira. As páginas de *Os Sertões* apresentam a preocupação da literatura com o real, iniciando-se a aproximação entre literatura e jornalismo. Entretanto, a obra situa-se somente no campo da literatura, visto que "faltava-lhe o compromisso com a estrutura e com a vocação do órgão de informação" (EUCLIDES da Cunha, 2003, p.34).

No campo jornalístico, a união entre o jornalismo e a literatura inicia-se com o desenvolvimento da reportagem nas redações dos veículos de comunicação. "A reportagem, como gênero, pressupõe o exame do estilo com que o jornalista articula sua mensagem. Significa também um certo grau de extensão e/ou aprofundamento do relato, quando comparado à notícia, e ganha classificação de grande-reportagem quando o aprofundamento é extensivo e intensivo (LIMA, 2009, p.24).

Inicialmente a grande-reportagem ganhou espaço nas revistas e jornais. Um dos principais responsáveis por esta junção entre o jornalismo e a literatura foi o jornalista João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto.

Também na primeira década do século XX, Paulo Barreto combinou literatura com técnicas da reportagem moderna-como o questionamento de fontes e descrições detalhadas de ambientes e pessoas. Com isso, é apontado como o principal responsável pela introdução da reportagem nos jornais brasileiros (BELO, 2006, p.31).

Mas com o passar do tempo, o jornalismo literário deixou as páginas de jornais e revistas e ingressou nas páginas do livro-reportagem. "Nem sempre é possível ao autor, numa

revista ou jornal, aprofundar um tema como gostaria. Aí é que entra o potencial do livro-reportagem e é aí que se casa muito bem com o jornalismo literário" (LIMA, 2009, p.352).

Atualmente é neste meio de divulgação, dedilhado no tópico a seguir, que o jornalismo literário floresce e se destaca.

2.2.2 Livro-reportagem: as páginas jornalístico-literárias

De um lado o livro, símbolo da literatura, do outro a reportagem, gênero nobre do jornalismo. A junção destes dois protagonistas resultara na criação do livro-reportagem. "O livro-reportagem não tem, a rigor, uma data de nascimento. [...] Mesmo assim é possível estabelecer um ponto de partida aproximado: a reportagem em livro começou a ganhar força como um subgênero da literatura na Europa do século XIX" (BELO, 2006, p.19).

A reportagem em livro deixa-se de pautar na construção da pirâmide invertida (as informações mais importantes são apresentadas primeiro) e passa a dar espaço a uma narrativa mais rica em detalhes e também em dramaticidade.

O jornalista americano Jhon Reed, com a publicação das obras *México rebelde!* (1914) e *Dez dias que abalaram o mundo* (1919), para diferentes pesquisadores de comunicação, marca o início do jornalismo literário em forma de livro (BELO, 2006, p.22).

O livro-reportagem cumpre um relevante papel, preenchendo vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários da televisão, até mesmo pela internet quando utilizada jornalisticamente nos mesmos moldes das normas vigentes da prática impressa convencional. Mais do que isso, avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, os aspectos efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais da informação jornalística (LIMA, 2009, p. 4).

Conceito semelhante apresenta Belo (2006) em sua obra *Livro-reportagem*.

É possível dizer que o livro-reportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos. É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa também a mídia mais rica – com a exceção possível do documentário audiovisual – em possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção narrativa (BELO, 2006, p. 41).

O livro-reportagem está intrinsecamente ligado a fatos do cotidiano que são transformados em história. Por esta razão, o livro-reportagem pode ser construído de duas maneiras. A primeira refere-se ao fato do livro ser produzido a partir de matérias que foram publicadas em jornais. Já a segunda trata-se do fato que, desde o início, a ideia original é a elaboração do assunto em forma de um livro-reportagem (LIMA, 2009, p. 41).

Este presente trabalho enquadra-se na segunda visão, visto que o intuito foi trabalhar a temática escolhida na criação de um livro-reportagem, ou seja, os textos foram construídos especificamente para o livro.

O pesquisador Edvaldo Pereira Lima (2009) classifica diferentes grupos de livros-reportagem. Esta divisão acontece por causa do tema ou do tratamento narrativo. Os tipos de livros-reportagem apresentados são: "livro-reportagem-perfil", "livro-reportagem-depoimento", "livro-reportagem-retrato", "livro-reportagem-ciência", "livro-reportagem-ambiente", "livro-reportagem-história", "livro-reportagem nova consciência", "livro-reportagem-instantâneo", "livro-reportagem-atualidade", "livro-reportagem-antologia", "livro-reportagem-denúncia", "livro-reportagem-ensaio" e "livro-reportagem-viagem".

O autor deixa claro que nem sempre haverá a presença de um único modelo de livro-reportagem em uma obra e que a classificação não é um modelo fechado. O presente trabalho apoiou-se nas características do livro-reportagem-perfil, visto que o objetivo foi a construção de perfis das para-atletas em Uberlândia.

2.2.2.1 Perfis: a narrativa jornalística

Os textos desenvolvidos para a construção do livro-reportagem tiveram como base o livro-reportagem-perfil, visto que o intuito do nosso produto foi destacar as histórias das para-atletas na cidade de Uberlândia.

Kotscho define perfil como o "filão mais rico das matérias chamadas humanas, o perfil dá ao repórter a chance de fazer um texto mais trabalhado – Seja sobre um personagem, um prédio ou uma cidade" (2003, p.42).

Definição semelhante apresenta Edvaldo Pereira Lima que apresenta o livro-reportagem-perfil como uma "obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse (LIMA, 2009, p.50).

A regra básica para a construção de um perfil é a humanização, ou seja, mostrar o lado humano com os erros e acertos da personagem. Assim, o gênero perfil permite um texto mais detalhado, fazendo com que o leitor possa se identificar com a história contada.

O jornalista Sérgio Vilas Boas, autor de diversos perfis, defende que o papel mais importante deste gênero é gerar empatia. "Empatia é a preocupação com a existência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor" (2003, p.14).

O perfil mostra ao leitor como é a vida da personagem na realidade, pois ela é o centro da história. A construção do perfil concretiza-se pela narrativa, que é possível pela realização de entrevista, seja com o perfilado ou com as pessoas do círculo social dele.

Assim, perfil, jornalismo literário e livro-reportagem são três ingredientes de uma constelação diferenciada do universo jornalístico. Extendem o papel da mídia tradicional, complementam, noutra direção, as funções do jornalismo, enquanto sistema moderno de expressão pública do conhecimento contemporâneo. Permitem um aprofundamento impossível ou difícil de ser concretizado nas formas tradicionais (LIMA, 2002, s.p).

Contar histórias das quais o ponto central são as mulheres para-atletas. Assim, nasceu a ideia do presente projeto de mestrado. Páginas em que o jornalismo literário e o esportivo se entrelaçaram com um único objetivo: humanizar a mulher com deficiência em uma sociedade pautada pela luz da desigualdade. E o caminho escolhido foram as páginas do livro-reportagem **Guerreiras**.

2.2.3 Terminologias sobre deficiência

Um dos grandes desafios em relação ao estudo sobre a deficiência deve-se à terminologia. Os termos utilizados para designar a pessoa com deficiência são muitos e não há um consenso de qual é o mais adequado.

"Na linguagem se expressa, voluntariamente ou involuntariamente, o respeito ou a discriminação em relação às pessoas com deficiências" (SASSAKI, 2003a, p.160). Por esta razão, termos como " 'pessoa portadora de deficiência', 'pessoa com deficiência', 'pessoa com necessidades especiais', e outros [termos mais] agressivos com 'aleijado', 'débil mental', 'retardado', 'mongoloide', 'manco' e 'coxo' foram colocados na mesa de discussão" (DINIZ, 2007, p.27).

A Constituição Federal da República do Brasil, promulgada em 1988, utiliza o termo pessoa portadora de deficiência. Saker (2010, p.55) explica que esse léxico na esfera jurídica é correto, porém é considerado inadequado na comunicação. Isso se deve ao "verbo 'portar' dá a ideia de que a pessoa carrega consigo algo de que pode dispor depois, enquanto a deficiência faz parte da pessoa (da mesma forma, não se diz que alguém é 'portador de olhos castanhos', por exemplo)".

Outro termo utilizado consiste em deficiente, porém este quando usado como substantivo (deficiente físico) vem caindo em desuso. Conforme apresenta Sassaki (2003a, p.160), o termo deficiente vem sendo substituído por pessoa com deficiência. Entretanto, alguns pesquisadores preferem o léxico deficiente, como, por exemplo, os seguidores da Upias (Union of the Physically Impaired Against Segregation) e do modelo social britânico. "Segundo Oliver e Barnes, 'a expressão pessoa com deficiência sugere que a deficiência é propriedade do indivíduo e não da sociedade', ao passo que 'pessoa deficiente' ou 'deficiente' demonstram que a deficiência é parte constitutiva da identidade das pessoas e não um detalhe" (DINIZ, 2007, p. 19).

Por outro lado, termos que utilizam as palavras especial ou excepcional devem ser evitados, já que

a palavra "especial" não deve ser usada com referência à deficiência, pois hoje adquiriu uma conotação que tende a abstrair, dos indivíduos com deficiência, sua condição humana. Confere lhes, assim, uma diferenciação inadequada pois, por sermos únicos, somos, todos, especiais, sem exceção. Pela mesma razão, a designação "excepcional", embora inicialmente pareça meritória, traz um conteúdo preocupante, pois atribui à pessoa com deficiência um lugar de alguém que foge aos padrões humanos de existência e de comportamento (VIVARTA, 2003, p.40).

As nomenclaturas com os léxicos especial ou excepcional, de acordo com o autor, devem ser evitadas. Já as terminologias deficiente e pessoa com deficiência são as mais utilizadas. Conforme apresenta Diniz (2007), muitos pesquisadores utilizam ambas nomenclaturas, porém a terminologia

"pessoas com deficiência" passa a ser o termo preferido por um número cada vez maior de adeptos, boa parte dos quais é constituída por pessoas com deficiência que, no maior evento ("Encontrão") das organizações de pessoas com deficiência, realizado no Recife em 2000, conclamaram o público a adotar este termo. Elas esclareceram que não são "portadoras de deficiência" e que não querem ser chamadas com tal nome (SASSAKI, 2003b, s.p).

Esse trabalho optou por utilizar o termo pessoa com deficiência, ressaltando que nas citações, em cumprimento às normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), foram mantidos os termos utilizados pelos autores consultados. O livro-reportagem também utilizou a terminologia pessoa com deficiência, salvo em casos em que a própria personagem escolheu a maneira como quer gostaria de ser mencionada.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO

A proposta de produto para o curso de Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação foi produzir um livro-reportagem com perfis de mulheres para-atletas na cidade de Uberlândia. A obra buscou fazer com que as mulheres com deficiência praticantes de esportes pudessem enxergar a sua importância em nossa sociedade.

Esta pesquisa com finalidade aplicada fundamentou-se na presença da mulher no paradesporto uberlandense. Os objetivos referem-se a uma proposta exploratória, no sentido de apresentar como a mulher com deficiência pode ser abordada em um veículo midiático. Assim, o intuito do livro foi promover o empoderamento das personagens e mostrar a elas e a sociedade que podemos abordar a deficiência sem um olhar carregado de preconceitos.

A principal atividade desenvolvida antes da execução do projeto foi a formação teórica da pesquisadora, para que assim pudéssemos ter conhecimento e embasamento sobre a temática a ser abordada e também em como se comportar diante do entrevistado.

A primeira etapa do trabalho consistiu em uma revisão bibliográfica acerca dos conceitos de deficiência, jornalismo literário, jornalismo esportivo, paradesporto e a presença da mulher no ambiente paradesportivo. A base epistemológica do estudo foi a fenomenologia, corrente defendida pelo alemão Edmund Husserl (ver Capítulo 2 deste trabalho).

A fenomenologia nasceu no ambiente filosófico que envolvia a Europa no fim da Idade Moderna e consiste no estudo da experiência humana e dos modos como as coisas são apresentadas para nós (sujeitos). Compreender a deficiência como fenômeno desvincula o conhecimento do pesquisador sobre o fenômeno, buscando assim novas formas de visão para além do entendimento cotidiano e promovendo assim a inclusão social, visto que a deficiência, como fenômeno, é analisada a partir dela mesma.

O desenvolvimento do livro-reportagem iniciou-se com a seleção das entrevistadas e a produção das pautas. É relevante destacar que das cinco para-atletas inicialmente selecionadas, apenas uma não aceitou o convite. De início a para-atleta da natação mostrou-se empática com o projeto, entretanto no momento da confirmação das entrevistas, a esportista declinou a participação alegando que tinha o objetivo de escrever um livro com ela relatando a história.

Para a substituição da para-atleta, entramos em contato com o técnico do Praia Clube e da seleção brasileira paralímpica, Alexandre Vieira, e pedimos a indicação de um nome para o livro. O técnico indicou a jovem nadadora Laila Suzigan.

Com as pautas aprovadas, realizamos os diálogos com as perfiladas. O número de encontros foi de acordo com o envolvimento de cada personagem, sendo que foram necessários no mínimo três encontros com cada fonte. É importante ressaltar que durante as entrevistas, tivemos o cuidado de respeitar a narrativa da entrevistada, deixando que a mesma se sentisse a vontade para abordar qualquer assunto. Deste modo, a pauta criada antes dos encontros tornou-se apenas um apoio, visto que quem escolhia o assunto a ser abordado era a própria para-atleta.

O *corpus* da pesquisa refere-se a entrevistas com cinco para-atletas que carregam o nome da cidade de Uberlândia nas competições paralímpicas. As esportistas foram escolhidas por terem conquistado feitos importantes nas modalidades do Atletismo, Bocha, Goalball, Halterofilismo e Natação.

Optamos por construir a obra apenas com a visão de cada para-atleta. Deste modo, não houve entrevistas com outras pessoas. Os capítulos foram construídos com as narrativas das seguintes para-atletas:

- **Amanda de Sousa**, para-atleta do Halterofilismo. Atualmente, é a recordista brasileira na categoria até 73 kg. A esportista treina em busca de uma vaga para os Jogos Paralímpicos de 2020, em Tóquio, Japão.
- **Daniele Martins**, praticante da modalidade da Bocha. A esportista da classe BC3, categoria destinada a atletas com maior grau de comprometimento motor e/ou múltiplo, passa por um momento de transição. Daniele está deixando as competições paralímpicas oficiais para se arriscar nas universitárias.
- **Gisele Ferreira**, para-atleta da modalidade criada exclusivamente para as pessoas com deficiência visual, Goalball. A esportista teve a vida salva pelo esporte. Após uma tentativa de suicídio, Gisele conheceu o esporte que hoje representa a sua independência.
- **Joana Silva**, para-atleta personagem do atletismo. Praticante de corridas de velocidade (100m, 200m e 400m) e meio fundo (1500m), na categoria T13 do atletismo paralímpico (atletas de baixa visão). Joana descobriu a deficiência apenas aos quarenta e dois anos de idade. Hoje, ela tem 10% da visão e compete nas competições nacionais paralímpicas.
- **Laila Suzigan**, para-atleta da natação. A nadadora começou na natação convencional e aos 12 anos transferiu-se para a natação paralímpica. Para-atleta da equipe

paralímpica do Praia Clube, Laila está em busca de uma vaga nas Paralimpíadas de 2020.

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa. A pesquisa qualitativa "não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc." (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.32). Este foi o objetivo desta pesquisa, que visou criar um meio de comunicação que abordasse a mulher no paradesporto uberlandense com um maior aprofundamento.

Para contar uma boa história não utilizamos apenas as palavras. Uma imagem pode nos auxiliar na construção da narrativa, mostrando detalhes não revelados pela escrita. Assim, o nosso livro-reportagem teve o auxílio da fotografia para ilustrar as narrativas. Além das palavras, apresentamos as perfiladas pelo olhar da lente de uma câmera. Foi realizado um encontro com cada para-atleta para uma sessão de fotos. Optamos realizar a sessão de fotos durante os treinos. Apenas Daniele Martins, devido aos compromissos universitários, pediu para que as fotos fossem realizadas na casa dela.

Com as entrevistas finalizadas, passamos para a construção dos perfis. Iniciamos com as transcrições de todos os áudios. Cada para-atleta possui um capítulo no livro no qual é revelada a história com o paradesporto. Com os textos finalizados, realizou a revisão do material produzido.

Durante a produção dos capítulos, decidimos alterar o título do livro. A princípio, a obra seria intitulada *Guerreiras Invisíveis*, entretanto com os encontros percebemos que o substantivo *guerreira* enquadra-se mais com o livro, visto que a obra tem como objetivo apresentar a visão da para-atleta e, para elas, elas não são invisíveis, elas são guerreiras.

Para a diagramação da obra contratou-se a jornalista Elisa Chueiri, que foi a responsável pela criação do projeto gráfico e diagramação. Com a validação da diagramação, o material foi enviado à impressão em uma gráfica rápida e anexado a este trabalho. A impressão de um restrito número de exemplares deve-se ao fato de que o livro ainda passará por uma avaliação, o que poderá acarretar em sugestões, correções e/ou apontamentos no texto. Assim, após o aval da banca examinadora para a publicação da obra, a mesma poderá ser impressa em uma quantidade maior e disponibilizada na forma de *e-book*.

Para facilitar a compreensão do trabalho desenvolvido, elencamos a seguir os procedimentos para a pré-produção, a produção e a pós-produção do livro-reportagem com as mulheres para-atletas em Uberlândia.

A primeira etapa da execução do produto proposto foi a pré-produção que englobou as seguintes ações:

- Pesquisa bibliográfica sobre os conceitos teóricos para o embasamento do trabalho, tais como deficiência, jornalismo literário, jornalismo esportivo, paradesporto e a corrente filosófica da fenomenologia;
- Seleção das para-atletas que participariam do livro;
- Produção das pautas para as entrevistas;
- Submissão do projeto para a avaliação da banca examinadora da disciplina de Exame de Qualificação.
- Contato com as fontes e agendamento das entrevistas com as pessoas selecionadas;

A segunda fase do processo de desenvolvimento do livro-reportagem foi a produção que compreendeu:

- Entrevista com as fontes;
- Produção das imagens para a ilustração do livro;
- Transcrição das entrevistas e seleção das partes que seriam utilizadas na construção do livro-reportagem;
- Construção dos perfis das para-atletas entrevistadas.

Após a produção, a última etapa da construção do livro-reportagem foi a pós-produção que contemplou:

- Revisão dos perfis produzidos;
- Encaminhamento do material produzido para a diagramação;
- Produção da capa do livro-reportagem sobre as mulheres para-atletas em Uberlândia;
- Impressão em gráfica rápida do livro;
- Submissão do projeto para a avaliação da banca examinadora do Mestrado Profissional.

3.1 Exequibilidade e Aplicabilidade

A produção do livro-reportagem teve a duração de dois anos. O primeiro ano foi dedicado às disciplinas obrigatórias e optativas do Programa. O desenvolvimento do produto aconteceu efetivamente no segundo ano do mestrado.

Os perfis foram desenvolvidos individualmente. Optamos por escrever um texto de cada vez, para que assim informações não fossem confundidas. O último perfil foi o mais difícil de ser criado, visto que a aproximação da data de entrega do material para a

diagramação fez com que o texto fosse feito em um menor período de tempo. Situação inversa aconteceu com as sessões de fotos, já que a última sessão de fotos foi a que conseguimos captar com maior poeticidade a relação da mulher com o paradesporto.

O único serviço desenvolvido por terceiro foi a diagramação. A opção de contratar um profissional para realizar esta função deve-se a fato de não termos conhecimento de programas para tal ação. A diagramação ficou no valor de R\$ 900,00. Após a aprovação da obra, a mesma será revisada e enviada para uma tiragem maior, possibilitando assim a divulgação do projeto

Objetivamos também a hospedagem do livro-reportagem em uma plataforma on-line, para que assim os interessados possam ter acesso à obra no formato digital. Para a divulgação do livro, utilizaremos as mídias sociais, canal pelo qual teremos contato com o público e assim poderemos saber qual a avaliação do material produzido.

3.2 Recursos utilizados

O livro-reportagem **Guerreiras** foi construído com o uso de vários recursos: material humano, de consumo e de custeio. Para a execução deste projeto foram necessários os seguintes materiais:

- Material humano: pesquisador, redator, revisor, diagramador.
- Material de consumo: vale transporte, aluguel de transporte, combustível, alimentação, canetas, bloco de anotações, crédito para celular e internet 3G.
- Material de custeio: serviço de impressão da obra, notebook, câmera fotográfica, gravador de voz, fone de ouvido, celular, pendrive, software para edição de fotografia e software de edição gráfica.

É importante ressaltar que todos os gastos com os recursos necessários para a execução do produto foram custeados pela pesquisadora, já que o Programa não possui verbas para auxiliar na produção do produto.

3.3 Demandas mercadológicas

Em pleno século XXI, em que a bandeira da igualdade é amplamente defendida, percebemos que o paradesporto possui um restrito espaço na mídia brasileira. Apenas na época de grandes eventos, como os Jogos Parapan-Americanos e os Paralímpicos, é que a mídia aborda a temática.

Percebe-se também, ao comparar os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, uma considerável diferença na cobertura realizada pela mídia nos referidos eventos. Enquanto que no primeiro, a transmissão é minuciosa, o número de repórteres é significativamente grande e os patrocinadores disputam por um espaço no evento, no segundo, o nível de interesse por parte da mídia despenca, os patrocinadores somem e o evento é retratado com uma ínfima cobertura (OLIVEIRA; RODRIGUES; PEIL, 2009, p. 03).

No Brasil, as competições de paradesporto começaram a ter maior destaque na mídia apenas nos Jogos Paralímpicos de Sidney, em 2000. Segundo Carvalho Lima (2007), este interesse deu-se porque os atletas brasileiros tiveram um fraco desempenho nos Jogos Olímpicos.

Por mais paradoxal que possa parecer, essa situação desfavorável de nossos atletas olímpicos contribuiu imensamente para a afirmação do paradesporto. Sedento por vitórias, o povo brasileiro acompanhou pelos jornais e televisão notícias da trajetória dos então desconhecidos e obstinados atletas, que diferiam de seus ídolos do esporte dito "normal" apenas por possuírem uma deficiência. E as pessoas não se decepcionaram. Foram conquistadas seis medalhas de ouro (22 no total) (CARVALHO LIMA, 2007, s.p).

Entretanto, o espaço do esporte paralímpico ainda é restrito aos feitos das grandes competições, pois parte da mídia ignora o trabalho diário e destaca apenas os resultados destes eventos. "A cobertura mediática de desporto adaptado muitas vezes foca principalmente na performance e sucesso dos atletas com deficiência, enfatizando o significado de recordes, medalhas e tempos, com muito pouco, ou nenhum, comentário sobre a experiência dos atletas, repercussão da medalha e bastidores (THOMAS; SMITH, 2003 apud FIGUEIREDO; NOVAIS, 2011, s.p).

Assim, realizar um produto nunca antes desenvolvido na cidade de Uberlândia e em um período sem a realização de um grande evento, visto que no ano de 2017, recorte temporal deste trabalho, não houve nenhuma competição paradesportiva como os Jogos Paralímpicos ou Parapan-Americanos, é um fato inovador na mídia especializada em esportes.

O livro-reportagem **Guerreiras** surge para suprir uma lacuna no jornalismo esportivo em Uberlândia. Contar as histórias das mulheres praticantes do paradesporto na cidade é promover o empoderamento destas personagens mais também apresentá-las para o grande público.

Outro fato que corrobora com a importância mercadológica deste trabalho trata-se da escassez de produções que trabalhem o esporte adaptado. Se procurarmos livros sobre a temática nas livrarias do Brasil, encontramos poucos exemplares. Em relação a livro-reportagem dedicado a perfis de atletas, destacamos a obra da jornalista Joanna de Assis

Para-heróis⁸ que traz o perfil de 10 dos maiores medalhistas paralímpicos do país, dentre eles apenas três mulheres: Rosinha Santos, Terezinha Guilhermina, Ádria Santos.

Desta forma, percebemos uma lacuna a ser preenchida no mercado nacional, por esta razão a criação de um livro com perfis de para-atletas se faz pertinente no atual contexto de comunicação.

⁸ ASSIS, Joanna. **Para-heróis**. Caxias do Sul: Belas Artes, 2014.

4 GUERREIRAS: *histórias de mulheres para-atletas nunca antes contadas*

O livro-reportagem **Guerreiras: histórias de mulheres para-atletas nunca antes contadas** é a concretização de um sonho. Sonho que nasceu durante a graduação de jornalismo e realizou-se no mestrado profissional do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

Ao longo das 124 páginas, **Guerreiras** traz a histórias de cinco mulheres que possuem em comum o amor pelo paradesporto. Amanda Sousa, Daniele Martins, Gisele Ferreira, Joana Silva e Laila Suzigan descobriram o sentido da vida ao enfrentarem a deficiência com o auxílio do esporte.

O livro inicia-se com a Apresentação da obra, espaço em que se revela o objetivo e uma pequena descrição das personagens. As histórias das para-atletas são apresentadas posteriormente nos seguintes capítulos:

- *CAPÍTULO I - O sorriso de Joana:* A para-atleta do atletismo descobriu a deficiência visual apenas aos quarenta e dois anos. Ela começou tarde no paradesporto, mas os resultados chegaram cedo. Joana foi a primeira mulher uberlandense a participar de uma Paralimpíada, Pequim em 2008.
- *CAPÍTULO II- A universitária Daniele:* De profissional a atleta universitária. A para-atleta da bocha segue na contramão. Com uma carreira consolidada e vitoriosa, Daniele dedica-se ao esporte universitário. Ela luta para que as pessoas com deficiência entrem na universidade e tenham a oportunidade de praticar uma atividade esportiva.
- *CAPÍTULO III - O renascimento de Gisele:* O paradesporto trouxe Gisele de volta a vida. A atividade esportiva a proporcionou um novo horizonte. As conquistas no esporte criado exclusivamente para as pessoas com deficiência visual permitiram o nascimento de uma nova Gisele, a Gisele alegre com a vida.
- *CAPÍTULO IV- A força de Amanda:* A força dos braços faz Amanda Sousa esquecer a restrição dos movimentos da perna. Desde o nascimento, ela convive com a deficiência. Hoje, desbrava o mundo com o halterofilismo. As mãos calejadas refletem

o sacrifício da para-atleta, que busca ser a mulher mais forte da América Latina, na categoria até 73 kg.

- *CAPÍTULO V- A incansável Laila.* A nadadora da premiada equipe do Praia Clube foi diagnosticada aos nove anos com paralisia cerebral. Diagnóstico que representou um erro médico e que só aos dezesseis anos de idade foi desfeito. Laila possui uma doença degenerativa dos músculos. As braçadas a levam em destinos nunca antes almejados. A água retarda o atrofiamento.

O livro encerra-se com o Posfácio, parte em que revelamos os desafios e os ensinamentos com a pesquisa. Por fim, têm-se os agradecimentos, um pequeno espaço para retribuir aos que colaboram com a concretização de **Guerreiras**.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dedicar as páginas de um livro-reportagem para contar histórias esquecidas pela nossa sociedade, assim nasceu a ideia deste projeto de Mestrado. O livro-reportagem **Guerreiras** surge para suprir uma lacuna no jornalismo esportivo em Uberlândia. Divulgar as histórias das mulheres praticantes do paradesporto na cidade foi promover o empoderamento destas personagens mais também apresentá-las ao grande público.

A associação entre a mulher e a deficiência potencializa a invisibilidade, pois em um mundo pautado pela individualidade é cada vez mais escassa a preocupação com o próximo. Mas, na contramão da maré nasceu o desejo da produção de um livro em que as personagens centrais utilizam o esporte como porta voz para a liberdade.

Apesar de um ambiente com predominância masculina, o esporte é uma das importantes ferramentas para o posicionamento da mulher em nossa sociedade. Acompanhar uma mulher na prática esportiva é enxergar a vitória da luta pela igualdade de gêneros, pois por anos elas foram privadas do esporte.

Não podemos deixar esta luta à margem da sociedade. Precisamos dar visibilidade e a ferramenta escolhida foi o livro-reportagem. Veículo que divulgará e guardará nas páginas as histórias não reveladas na grande mídia.

Escrever um livro sobre o paradesporto e a mulher nos permitiu também uma reflexão crítica sobre a necessidade de se pensar o papel social que o jornalista deve representar na sociedade. Muitas vezes deixamos nos levar pelo deslumbramento da profissão e esquecemos que um dos objetivos do jornalismo é abordar questões de cunho social.

O esporte adaptado é um desses caminhos, pois devemos deixar de enxergar as pessoas que possuem alguma deficiência como indivíduos diferentes, mas, sim, como pessoas capazes de realizarem qualquer tipo de atividade.

Aprendemos com Amanda, Daniele, Gisele, Joana e Laila a importância de seguir em frente. O recomeço, apesar de dolorido, é necessário e enriquecedor.

Joana, sorriso encantador e uma juventude admirável. O olhar apaixonado ao falar do paradesporto e as marcas deixadas no corpo das cirurgias transformam a história dela em um elixir da vida.

Gisele, mulher que renasce com a ajuda do esporte. Os encontros no *campus* da Educação Física da UFU revelam a intensa vida da para-atleta. **Guerreiras**, de certa forma, é também a realização do sonho de Gisele, que deseja ter a sua história nas páginas de um livro.

Daniele, a para-atleta universitária. Conhecemos uma Daniele confiante. Uma Daniele independente. Uma Daniele feliz com a vida. A universidade apresentou novos caminhos e possibilitou a construção de uma nova mulher.

De adolescente retraída à mulher forte. O esporte apresentou à Amanda uma nova maneira de viver. A ausência de forças nas pernas é compensada pela destreza dos braços. Amanda representa a força da mulher, não apenas a força física, mas a força da vontade de vencer um novo desafio.

Laila, a caçulinha das **Guerreiras**. Uma história de reviravoltas para uma garota de apenas dezessete anos. História carregada de determinação. Laila sabe muito bem o que deseja e persegue o sonho de vestir as cores do nosso país em uma paralimpíada.

Que a deficiência não seja compreendida pelo viés da inferioridade. Que a mulher seja a protagonista da história. Que as páginas do nosso livro-reportagem nos levem a voos nunca antes alcançados.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. *Gênero e Esporte na escola: reflexões a partir da Declaração De Brighton Sobre Mulheres e Esporte*. In: **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero** (Edição Especial). 1ª Impressão. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2014, p. 53-58. Disponível em < <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/publicacoes/revista-anual-do-observatorio-brasil-da-igualdade-de-genero> > Acesso em 26 mar. 2017.

ARAÚJO, Paulo Ferreira de. **Desporto Adaptado no Brasil**: origem, institucionalização e atualidade. 1997.152 f. Tese (Doutorado em Estudos da Atividade Física e Adaptação). Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas São Paulo, 1997. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000114477>>. Acesso em: 25 fev. 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 3ed.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. (Tradução Sérgio Miliet)

BELO, Eduardo. **O livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BENFICA, Dallila Tâmara. **Esporte Paralímpico**: analisando suas contribuições nas (Re)significações do atleta com deficiência. 2012. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, 2012. Disponível em: < <http://www.ufjf.br/pgedufisica/files/2010/06/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Dalila.pdf> >. Acesso em: 25 fev. 2017.

CARVALHO LIMA, Marcos Henrique. **A Mídia e o Paradesporto**: a percepção da deficiência visual pelos meios de comunicação. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<https://paratidade.files.wordpress.com/2013/10/mc3addia-e-paradesporto-monografia-ufrrj1.pdf> >. Acesso em: 28 fev. 2017.

CIDADE, Ruth Eugênia Amarante; FREITAS, Patrícia Silvestre de. **Introdução à educação física e ao desporto para pessoas portadoras de deficiência**. Curitiba: UFPR, 2002.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO (CPB). **Classificação Funcional**. 2013a. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br> >. Acesso em: 24 nov. 2016.

_____. **Pela primeira vez na história, Brasil participará dos Jogos Paralímpicos de Inverno**. 23 nov. 2013b. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/noticias/pela-primeira-vez-na-historia-brasil-terais-2-atletas-nos-jogos-paralimpicos-de-inverno/>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

COSTA, Alberto Martins da; WINCKLER, Ciro. *A Educação Física e o Esporte Paralímpico*. In: MELLO, Marco Túlio de; OLIVEIRA FILHO, Ciro Winckler (orgs). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012. p.15-20.

DANTAS, Taísa Caldas. **A autoadvocacia dentro do campo dos estudos culturais**: um meio para o empoderamento de pessoas com deficiência. In: Revista Brasileira de Tradução Visual. Pernambuco, v.7, n.7. 2011. Disponível em: <<http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/article/viewArticle/95>>. Acesso em 24 nov. 2016.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos).

EUCLIDES da Cunha. In: **New journalism**: a reportagem como criação literária/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Especial de Comunicação Social. – Rio de Janeiro: A Secretaria, 2003. Disponível em: < <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101399/estudos7.pdf>>. Acesso em 25 fev. 2017.

FIGUEIREDO, Tatiane Hilgemberg; NOVAIS, Rui Alexandre. *Atletas com Deficiência na Mídia*: A cobertura noticiosa dos Jogos Paraolímpicos de Atlanta a Pequim nas imprensas portuguesa e brasileira. In: **Anais CONFIRBECOM** (Confederación Iberoamericana de Asociaciones Científicas y Académicas de la Comunicación). 2011. Disponível em: <http://confibercom.org/anais2011/pdf/354.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2014.

FREITAS, Patrícia Silvestre de. **A classificação funcional**. 24 jul.2013. Depoimento concedido à Cíntia Aparecida de Sousa.

FREITAS, Patrícia Silvestre de; CIDADE, Ruth Eugênio. *Desporto e Deficiência*. In: FREITAS, Patrícia Silvestre de (orgs). **Educação Física e Esporte para deficientes**: coletânea. Uberlândia: Edufu, 2000. p. 25- 40.

FREITAS, Patrícia. SANTOS; Sílvia Soares. *Fundamentos Básicos da Classificação Esportiva para Atletas Paralímpicos*. In: MELLO, Marco Túlio de; OLIVEIRA FILHO, Ciro Winckler (orgs). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012. p.45-49.

GUILHERMINA, Terezinha. *Entrevista com Terezinha Guilhermina*. In: **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero (Edição Especial)**. 1ª Impressão. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2014, p. 73-75. Disponível em < <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/publicacoes/revista-anual-do-observatorio-brasil-da-igualdade-de-genero>> Acesso em 26 mar. 2017.

GREGORY, Beatriz Helena Matté. *Esporte e Lazer: Direitos de Meninas e Mulheres de todas as idades*. In: **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero (Edição Especial)**. 1ª Impressão. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2014, p. 11-14. Disponível em < <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/publicacoes/revista-anual-do-observatorio-brasil-da-igualdade-de-genero>> Acesso em 26 mar. 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_metodos_de_pesquisa.pdf>. Acesso em: 30 set. 2016.

HILGEMBERG, Tatiane. *Representação Midiática do Atleta com Deficiência na Mídia Brasileira e Portuguesa – do coitadinho a super-herói*. In: **Anais XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Manaus, Amazonas. 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1754-1.pdf>>. Acesso em 24 nov. 2016.

HUSSERL, Edmund. *A Fenomenologia Husserliana como método radical*. In: _____. **A crise da humanidade européia e a filosofia**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 13-61. (Introdução e Tradução Urbano Zilles)

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo demográfico de 2010**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Resultados_Gerais_da_Amostra/resultados_gerais_amostra.pdf>. Acesso em 10 out. 2016.

KOTSCHO, Ricardo. **A Prática da Reportagem**. Editora Ática: São Paulo, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Histórias de Vida em Jornalismo Literário Avançado*. In: **Comunicarte**, v. 19, n.º 25, Campinas – SP, PUC-CLC, 2002. Disponível em <<http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/pos-graduacao/memoria-portal-abjl/179-historias-de-vida-em-jornalismo-literario-avancado>>. Acesso 25. fev. 2017.

_____. *Jornalismo literário: O legado de ontem*. In: **New journalism: a reportagem como criação literária** / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Especial de Comunicação Social. – Rio de Janeiro: A Secretaria, 2003. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101399/estudos7.pdf>>. Acesso em 25 fev. 2017.

_____. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4ª ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Relatos Oraís: do indizível ao dizível*. In: SIMSON, Olga de Moraes Von (Org.) **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988, p. 14-43.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. **O esporte paraolímpico no Brasil: abordagem da sociologia do esporte de Pierre Bourdieu**. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 2010.

_____. *et al. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências especificidades numa perspectiva contemporânea*. In: **Revista Brasileira Educação Física Esporte**. São Paulo, v. 23, n. 4, out./dez. 2009. p.365-377. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rbefe/v23n4/v23n4a06.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

MARTINS, Lília Pinto. *Definições*. In: RESENDE, Ana Paula Crosara; VITAL, Maria de Paiva. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. Brasília: Secretária Especial dos Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa com Deficiência, 2008. p. 28-30

MAVIGNIER, Tancy Costa; TARAPANOFF, Fabíola. *Cinema e deficiência*. In: **Anais XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. Bauru, São Paulo. 2013. Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1675-1.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

MELO, Fernanda de. *A participação feminina brasileira nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos*. In: **MultiRio** - a mídia educativa do Rio. Disponível em <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/10358-a-participa%C3%A7%C3%A3o-feminina-brasileira-nos-jogos-ol%C3%ADmpicos-e-paral%C3%ADmpicos>>. Acesso em 26 mar. 2017.

MIRAGAYA, Ana. *As mulheres nos Jogos Olímpicos: participação e inclusão social*. In: RUBIO, K. **Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 229-231. Disponível em <http://www.sportsinbrazil.com.br/livros/as_mulheres_jogos_olimpicos.pdf>. Acesso em 26 mar. 2017.

OLIVEIRA, Gilberto. CHEREM Eduardo H.L., TUBINO Manoel J.GA **inserção histórica da mulher no esporte**. Revista Brasileira de Ciência & Movimento, Rio de Janeiro, n. 2, v. 16, p. 117-125, 2008. Disponível em <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/1133/884>>. Acesso em 26 mar. 2017.

OLIVEIRA, Francisco de Assis Furtado; RODRIGUES, Leandro Meireles, PEIL, Luciana Marins Nogueira. *Jogos Olímpicos e Mídia: uma relação perfeita?*. In: **Anais XVIII Congresso de Iniciação Científica e XI Encontro de Pós-Graduação**. Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul. 2009. Disponível em: <http://www.ufpel.tche.br/cic/2009/cd/pdf/CH/CH_01827.pdf>. Acesso em 07 jan. 2013.

PARSONS, Andrew; WINCKLER, Ciro. *Esporte e a Pessoa com Deficiência*. In: MELLO, Marco Túlio de; OLIVEIRA FILHO, Ciro Winckler (orgs). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012. p.3-14.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

RODRIGUES, Nelson. *Pelé, colega de Miguel Ângelo, Homero e Dante*. In. **A pátria de chuteiras** / Nelson Rodrigues. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

SAKER, Fernando Augusto Simões. **Jornalismo e pessoas com deficiência: construção de conceitos e superação de estigmas por meio da comunicação**. 2010.147 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em Comunicação, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2010.

SASSAKI, Romeu Kazumi. *Terminologia sobre Deficiência na era da inclusão*. In: VIVARTA, Veet. (coordenação). **Mídia e deficiência**. Brasília: Andi; Fundação Banco do Brasil, 2003a. (Série Diversidade).

_____. **Vida Independente**: história, movimento, liderança, conceito, filosofia e fundamentos. São Paulo: RNR, 2003b.

SILVEIRA, Denise Tolfo.; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. *A pesquisa científica*. In: GERHARDT, Tatiane Engel.; SILVEIRA, Denise Tolfo. (orgs) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31 a 42. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2016.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à Fenomenologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2004. (Tradução: Alfredo de Oliveira Moraes).

SOUSA, Cíntia Aparecida de; OMENA DOS SANTOS, Adriana Cristina. *A mídia e o paradesporto: A representação do para-atleta no site Globoesporte.com*. In: XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2015, Uberlândia - MG. **Anais XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Uberlândia** São Paulo: Intercom, 2015. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/resumos/R48-0132-1.pdf>>. Acesso em 12 mar. 2017.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis**: e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.

VIVARTA, Veet. *Mídia e deficiência*. Brasília: Andi; Fundação Banco do Brasil, 2003. (Série Diversidade).

ANEXO A - Termo de Autorização de uso de imagem e depoimentos de Amanda Aparecida Santos de Sousa



Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação
Programa de pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação
Av. João Naves de Ávila, 2121 - Campus Santa Mônica, Bloco 1G - Uberlândia-MG Fones: (34) 3291-6395


TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

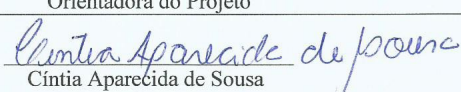
Eu Amanda Aparecida Santos de Sousa,
CPF 0740849 248 RG 3629184 depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do trabalho de "Livro-reportagem sobre as mulheres para-atletas de Uberlândia", do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como de estar ciente da importância do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, por meio do presente termo, a mestranda Cíntia Aparecida de Sousa com o professor orientador Rafael Duarte Oliveira Venancio, responsável pelo referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e/ou a gravar meu depoimento em vídeo/áudio (filmagem) sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.


Ao mesmo tempo, libero a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos (seus respectivos negativos) para fins científicos e de estudos (documentários, livros, artigos, slides, transparências, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor do professor acima especificado, desde que sem fins lucrativos.

Qualquer dúvida a respeito do projeto, você poderá entrar em contato com: Rafael Duarte Oliveira Venancio, na Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Uberlândia, situada na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100 e pelo telefone: (34) (34) 3291-6395.

Uberlândia, 27 de novembro de 2017


Rafael Duarte Oliveira Venancio
Orientadora do Projeto


Cíntia Aparecida de Sousa
Orientanda do projeto


Amanda Aparecida Santos de Sousa
Fonte entrevistada

ANEXO B - Termo de Autorização de uso de imagem e depoimentos de Daniele Martins**Universidade Federal de Uberlândia**

Faculdade de Educação

Programa de pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação

Av. João Naves de Ávila, 2121 - Campus Santa Mônica, Bloco 1G - Uberlândia-MG Fones: (34) 3291-6395

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Daniele Martins,
CPF 067810186-3, RG 13101932, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do trabalho de "Livro-reportagem sobre as mulheres para-atletas de Uberlândia", do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como de estar ciente da importância do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, por meio do presente termo, a mestranda Cíntia Aparecida de Sousa com o professor orientador Rafael Duarte Oliveira Venancio, responsável pelo referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e/ou a gravar meu depoimento em vídeo/áudio (filmagem) sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos (seus respectivos negativos) para fins científicos e de estudos (documentários, livros, artigos, slides, transparências, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor do professor acima especificado, desde que sem fins lucrativos.

Qualquer dúvida a respeito do projeto, você poderá entrar em contato com: Rafael Duarte Oliveira Venancio, na Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Uberlândia, situada na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100 e pelo telefone: (34) (34) 3291-6395.

Uberlândia, 19 de dezembro de 2017

Rafael Duarte Oliveira Venancio
Orientadora do Projeto

Cíntia Aparecida de Sousa
Orientanda do projeto

Daniele Martins
Fonte entrevistada

ANEXO C - Termo de Autorização de uso de imagem e depoimentos de Gisele Ferreira da Silva



Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação
Programa de pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação
Av. João Naves de Ávila, 2121 - Campus Santa Mônica, Bloco 1G - Uberlândia-MG Fones: (34) 3291-6395

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Gisele Ferreira da Silva,
CPF 699521466, RG 12516579 depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do trabalho de "Livro-reportagem sobre as mulheres para-atletas de Uberlândia", do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como de estar ciente da importância do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, por meio do presente termo, a mestranda Cíntia Aparecida de Sousa com o professor orientador Rafael Duarte Oliveira Venancio, responsável pelo referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e/ou a gravar meu depoimento em vídeo/áudio (filmagem) sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos (seus respectivos negativos) para fins científicos e de estudos (documentários, livros, artigos, slides, transparências, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor do professor acima especificado, desde que sem fins lucrativos.

Qualquer dúvida a respeito do projeto, você poderá entrar em contato com: Rafael Duarte Oliveira Venancio, na Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Uberlândia, situada na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100 e pelo telefone: (34) (34) 3291-6395.

Uberlândia, 05 de dezembro de 2017

Rafael Duarte Oliveira Venancio
Orientadora do Projeto

Cíntia Aparecida de Sousa
Orientanda do projeto

Gisele Ferreira da Silva
Gisele Ferreira da Silva
Fonte entrevistada

ANEXO D - Termo de autorização de uso de imagem e depoimentos de Joana Helena dos Santos Silva



Universidade Federal de Uberlândia

Faculdade de Educação

Programa de pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação

Av. João Naves de Ávila, 2121 - Campus Santa Mônica, Bloco 1G - Uberlândia-MG Fones: (34) 3291-6395

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Joana Helena dos Santos Silva,
CPF 498.622.866-87, RG MG 2.925.320, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do trabalho de "Livro-reportagem sobre as mulheres para-atletas de Uberlândia", do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como de estar ciente da importância do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, por meio do presente termo, a mestranda Cíntia Aparecida de Sousa com o professor orientador Rafael Duarte Oliveira Venancio, responsável pelo referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e/ou a gravar meu depoimento em vídeo/áudio (filmagem) sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos (seus respectivos negativos) para fins científicos e de estudos (documentários, livros, artigos, slides, transparências, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor do professor acima especificado, desde que sem fins lucrativos.

Qualquer dúvida a respeito do projeto, você poderá entrar em contato com: Rafael Duarte Oliveira Venancio, na Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Uberlândia, situada na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, Campus Santa Mônica - Uberlândia -MG, CEP: 38408-100 e pelo telefone: (34) (34) 3291-6395.

Uberlândia, 07 de dezembro de 2017

Rafael Duarte Oliveira Venancio
Orientadora do Projeto

Cíntia Aparecida de Sousa
Orientanda do projeto

Joana Helena dos Santos Silva
Fonte entrevistada

ANEXO E - Termo de autorização de uso de imagem e depoimentos de Laila Suzigan Garcia

Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação
Programa de pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação
Av. João Naves de Ávila, 2121 - Campus Santa Mônica, Bloco 1G - Uberlândia-MG Fones: (34) 3291-6395

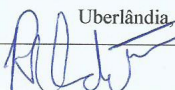
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

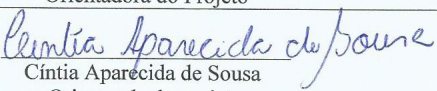
Eu Laila Suzigan Garcia,
CPF 07202737655, RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do trabalho de "Livro-reportagem sobre as mulheres para-atletas de Uberlândia", do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como de estar ciente da importância do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, por meio do presente termo, a mestranda Cíntia Aparecida de Sousa com o professor orientador Rafael Duarte Oliveira Venancio, responsável pelo referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e/ou a gravar meu depoimento em vídeo/áudio (filmagem) sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

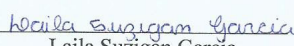
Ao mesmo tempo, libero a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos (seus respectivos negativos) para fins científicos e de estudos (documentários, livros, artigos, slides, transparências, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor do professor acima especificado, desde que sem fins lucrativos.

Qualquer dúvida a respeito do projeto, você poderá entrar em contato com: Rafael Duarte Oliveira Venancio, na Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Uberlândia, situada na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100 e pelo telefone: (34) (34) 3291-6395.

Uberlândia, 23 de novembro de 2017


Rafael Duarte Oliveira Venancio
Orientadora do Projeto


Cíntia Aparecida de Sousa
Orientanda do projeto


Laila Suzigan Garcia
Fonte entrevistada

APÊNDICE A- Livro-reportagem impresso **GUERREIRAS** *histórias de mulheres para-atletas nunca antes contadas*

CÍNTIA SOUSA

GUERREIRAS

histórias
de mulheres
para-atletas
nunca antes
contadas

GUERREIRAS

CÍNTIA SOUSA

GUERREIRAS

histórias
de mulheres
para-atletas
nunca antes
contadas

© Cíntia Sousa, 2018

Universidade Federal de Uberlândia

Faculdade de Educação

*Programa de Pós-Graduação
em Tecnologias, Comunicação
e Educação*

Reportagem e fotografia

Cíntia Sousa

Orientação

Rafael Duarte Oliveira Venâncio

Projeto gráfico e diagramação

Elisa Chueiri

Ilustração de capa

Símbolo paralímpico “Agito”

*À Amanda Sousa, Daniele
Martins, Gisele Ferreira,
Joana Silva e Laila Suzigan,
alicerces desta obra.*

*E a todos que possuem um
incondicional amor pelo
paradesporto, assim como eu.*

*Olhar o mundo
Com a coragem do cego
Ler da tua boca as palavras
Com a atenção do surdo
Falar com os olhos e as mãos
Como fazem os mudos*

Querido diário
Cazuza

13
APRESENTAÇÃO

19
CAPÍTULO I
O sorriso de Joana

37
CAPÍTULO II
A universitária Daniele

57
CAPÍTULO III
O renascimento de Gisele

77
CAPÍTULO IV
A força de Amanda

97
CAPÍTULO V
A incansável Laila

113
POSFÁCIO

119
AGRADECIMENTOS

APRESENTAÇÃO

Guerreiras: *histórias de mulheres para-atletas nunca antes contadas* é a concretização de um sonho. Sonho que nasceu durante a graduação de jornalismo e realiza-se no mestrado profissional. O meu amor pelo esporte adaptado já estava presente na época escolar, apesar de que naquele momento eu não tinha consciência deste pensamento.

Nas aulas de educação física eu era sempre

a última a ser escolhida. Na verdade, eu nem era escolhida. Sempre ouvia a mesma frase: ‘as que sobraram, uma vai para o time X, a outra para o Y...’. O sentimento de exclusão, neste caso por não saber dominar a bola, já se fazia presente.

Como não possuía talento para o esporte, tive que encontrar um caminho no qual eu pudesse respirar o universo esportivo. A solução encontrada? O jornalismo, claro! Ingressei no curso com sede de desbravar o ambiente esportivo e na caminhada descobri o universo paradesportivo.

O esporte praticado pela pessoa com deficiência me proporcionou um novo olhar para o jornalismo esportivo. Saí do país de Pelé, Ayrton Senna, Giba, Gustavo Kuerten, para conhecer o país de Clodoaldo Silva, Terezinha Guilhermina, Daniel Dias, entre tantos outros que fizeram e fazem das limitações o caminho para a liberdade.

Nesta jornada percebi a mulher à sombra do protagonismo. Do desejo de tentar corrigir esta injustiça com as para-atletas nasce o presente livro.

Guerreiras traz a histórias de cinco mulheres que possuem em comum o amor pelo paradesporto. Descobriram o sentido da vida ao enfrentarem a deficiência com o auxílio do esporte.

Joana Silva, a mulher de sorriso cativante. Para-atleta do atletismo descobriu a deficiência visual apenas aos quarenta anos. Começou tarde no pa-



radesporto, mas os resultados chegaram cedo. É a primeira mulher uberlandense a participar de uma Paralimpíada.

Daniele Martins, de profissional a atleta universitária. A para-atleta da bocha segue na contramão. Com uma carreira consolidada e vitoriosa, hoje se dedica ao esporte universitário. Luta para que as pessoas com deficiência entrem na universidade e tenham a oportunidade de praticar uma atividade esportiva.

Gisele Ferreira, a apaixonada pelo goalball. O paradesporto a trouxe de volta a vida. A atividade esportiva a proporcionou um novo horizonte. As conquistas no esporte criado exclusivamente para as pessoas com deficiência visual permitiram o nascimento de uma nova Gisele, a Gisele alegre com a vida.

Amanda Sousa, a garra feminina. A força dos braços a faz esquecer a restrição dos movimentos da perna. Desde o nascimento convive com a deficiência. Hoje, desbrava o mundo com o halterofilismo. As mãos calejadas refletem o sacrifício da para-atleta, que busca ser a mulher mais forte da América Latina, na categoria até 73 kg.

Laila Suzigan, a promessa uberlandense. A nadadora da premiada equipe do Praia Clube foi diagnosticada aos nove anos com paralisia cerebral. Diagnóstico que representa um erro médico e que só cinco anos depois é desfeito. Laila possui uma doença degenerativa dos músculos. As braçadas a levam

em destinos nunca antes almejados. A água retarda o atrofiamento. O esporte não é só uma profissão e o elixir da luta pela vida.

Apenas cinco histórias dentre outras milhares ocultas em nossa sociedade. Deixe se levar. Tenha a cada capítulo, uma nova descoberta. A cada história, um novo sentido para vida.

A limitação é apenas um detalhe, o que importa é a alegria de viver. Permita-se um novo olhar para o universo paradesportivo. Desapegue da visão da pessoa com deficiência com um coitadinho ou como um super-herói. Veja apenas com um ser humano, o qual erra e acerta em busca do que todos nós procuramos: a FELICIDADE.

Cíntia Sousa



CAPÍTULO I

O sorriso de Joana

Londres e Campinas. Cidades separadas por milhares de quilômetros. Situadas em diferentes continentes. Unidas pela lembrança. A lembrança da dor do sofrimento. A dor de ver o sonho ser interrompido na pista. Lugar antes de alegria, que nestas cidades apresentam o sofrimento para Joana Helena dos Santos Silva.

Dizem que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar. Este ditado não

vale para a nossa para-atleta. Mulher forte, guerreira, alegre e com a vida marcada pela velocidade. Duas paralimpíadas na bagagem. Recordes brasileiros. Um incondicional amor pelo paradesporto, o qual lhe apresenta o mundo e a liberta.

Parece ironia dizer que uma pessoa se encontra no paradesporto, esporte voltado para as pessoas com deficiência. Mas sim, a deficiência liberta Joana e a mostra uma nova maneira de viver.

A história começa com a descoberta. E uma descoberta tardia. Apenas aos quarenta anos de idade. Precisamente aos quarenta e dois. O diagnóstico, o rótulo de ser uma pessoa com deficiência visual, choca no início. Joana sempre pensou que possuir uma deficiência era não ter um braço, um olho.

Hoje, ela reconhece a falta de conhecimento naquela época, pois sempre conviveu com a deficiência visual. E agora sabe que a deficiência não impede a concretização dos sonhos. Na verdade, ela pode até ajudar.

Era um dia normal como os outros. Depois do trabalho, ela dedica-se ao esporte. Joana é funcionária de limpeza do centro cirúrgico do hospital da Universidade Federal de Uberlândia. O treinamento é com os para-atletas, apesar dela não se rotular como uma. Em sua mente é uma atleta do esporte convencional e até chega a participar de competições. Treina com os para-atletas porque se sente acolhida.

Depois de um treino, Joana perde os óculos. Não lembra onde os tinha colocado. Procura por todos os cantos. O que ela não sabe é que os óculos se encontravam em sua frente. Joana não os enxerga porque não possuía uma visão cem por cento. Clayton, o grande amigo de Joana no esporte, brinca com a amiga *Você está cega? Os óculos estão na sua frente e você nem viu!*

O episódio chega ao conhecimento do treinador de atletismo paralímpico Leandro Garcia. O professor a aconselha passar por exames oftalmológicos. Joana aceita o convite e para a surpresa descobre que nunca tivera uma visão cem por cento. Apesar de sempre acreditar que enxergava normalmente e o que tinha era miopia.

Doce ilusão. Joana é diagnosticada com atrofia do nervo óptico. Doença que a faz perder a visão com o passar dos anos. O médico explica que a atrofia trata-se de uma desconexão das ligações nervosas que unem o olho ao cérebro. Quando chega ao ponto de atrofia, o nervo óptico já não transmite os sinais luminosos para o cérebro montar a imagem.

Palavras duras de serem ouvidas. Descobrir que ao invés de ter cem por cento de visão, eram na verdade dez? Apenas um zero de diferença, mais um número que muda a vida de Joana.

A partir do diagnóstico, ela entende as cobranças no emprego. Joana nunca compreendia quando



as pessoas falavam que determinado lugar estava sujo. Eram os olhos dando sinal de que algo não estava certo. Para ela não havia sujeira alguma.

O final de 2005 não é fácil para Joana. Descobrir a deficiência aos quarenta e dois anos de idade. Saber que com o passar do tempo os olhos iriam ao encontro da escuridão. Mas, a paixão pelo esporte a faz encontrar um caminho. Joana não é de abaixar a cabeça e não seria um diagnóstico que a faria ficar pelo caminho. Ela já convivia com a deficiência, só não tinha o conhecimento.

Do treinamento com os para-atletas, Joana passa para o treino de uma para-atleta. A dor do diagnóstico transforma-se em um passaporte para a vida no esporte. Joana começa a treinar as corridas de velocidade 100, 200 e 400 metros. Provas que se tornam a sua especialidade junto ao salto em distância na nova fase paralímpica.

De um treino de diversão, ela passa a um treino profissional. Treino na pista e academia para melhorar e aprimorar o condicionamento físico.

O começo não é fácil. Não é possível viver só do esporte. Conciliar o treino com as duras rotinas de limpeza do centro cirúrgico faz-se presente durante todo o ano de 2006. Ano de ingresso no paradesporto.

O emprego é 12 por 36. Doze horas de trabalho e trinta e seis de descanso. Mas nem por isso Joana perde um dia de treino. Mesmo quando passa a noite trabalhando, na manhã seguinte vai direto para a pista.

Os treinos são matutinos e ainda tem a academia, muitas vezes improvisadas em locais onde a permitiam malhar. O amor pelo esporte é maior que a dura rotina entre o emprego e o treino. O técnico, Leandro Garcia, não acredita no que vê. É muita dedicação. A gargalhadas, Joana brinca *Naquela época eu estava com 40 e poucos, imagina se eu tivesse descoberto com 20?*

O tempo passa. A cada partida de bloco Joana se encontra no esporte. Não importa se tinha passado a noite em claro trabalhando, o horário do treino é sagrado. Joana não treina buscando ter sucessos em competições. Treina porque sente prazer em estar na pista. Treina porque a pista lhe traz alegria. Treina porque se sente uma estrela, símbolo que tatuou no pulso direito.

E como toda estrela tem o seu momento de brilhar não é diferente com a estrela Joana. Os resultados vão aparecendo. Ela se destaca no circuito nacional paralímpico mesmo aos 43 anos de idade.

Como ela mesma pensa, a idade é apenas um número. *As minhas adversárias são todas mais novas, de 20, 15 anos. Para mim é uma gratificação muito grande, eu tenho orgulho do que eu faço, a idade é um número que eles colocaram para ter sequência. Mas você não precisa colocar na cabeça - Nossa, eu tô velha! É lógico que você não está com 20, 30 anos. Mas enquanto eu estiver sentido que o meu corpo está bem e estiver retribuindo, o que eu quero é só correr.*

Os resultados alcançados em 2006 garantem a Joana a primeira competição internacional em 2007. O Parapan-Americano do Rio de Janeiro. Joana participa de uma edição histórica. É a primeira vez que os jogos acontecem na mesma cidade e logo após o término do Pan-Americano. É a terceira edição dos jogos paralímpicos.

A competição também marca a carreira de Joana. A para-atleta realiza o sonho de infância: vestir as cores do país e fazer parte de uma cerimônia de abertura. Realidade que vai muito além do sonho, que era apenas participar de um momento cívico.

A alegria não fica apenas na abertura, transporta-se para a pista. Joana conquista três medalhas. Ouro no salto em distância. Prata nos 200

metros. Bronze nos 100 metros. Joana transborda de felicidade com os resultados. A dedicação aos treinos, apesar da difícil conciliação com a rotina de trabalho, é recompensada com o símbolo da vitória. Não é vitorioso apenas quem conquista o primeiro lugar. É vitorioso quem ultrapassa os próprios limites.

Apesar da solidão na pista, “anjos” proporcionam à Joana as conquistas. Uma delas é Matilde Barbosa, chefe do emprego, hoje já falecida vítima de câncer. Para competir nos jogos Parapan do Rio, Joana precisa ausentar-se por um mês. A chefe acoberta as faltas. Acreditava no potencial da empregada-esportista. Azar da Universidade que perde a funcionária. Sorte do esporte que ganha uma esportista de alto rendimento.

Os resultados trazem reconhecimento. No ano seguinte, Joana passa a receber a bolsa-atleta. Apesar dos atrasos recorrentes, a ajuda financeira a proporciona viver só do esporte.

O ano de 2008 não fica marcado apenas pela ajuda financeira e pelo destaque no cenário esportivo. Pelo contrário, a bolsa-atleta é consequência dos números alcançados. Ano dos Jogos Paralímpicos do outro lado do mundo. Pequim, China.

Joana está no melhor momento. É convocada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro para representar o país na maior competição do mundo. Joana entra para a história do atletismo de Uberlândia.

Torna-se a primeira mulher da cidade a participar de uma Paralimpíada.

Joana nasceu e sempre morou no Triângulo Mineiro. Ser a primeira mulher da cidade na competição a deixa em palavras. Fato raro de acontecer. Joana é conhecida pela tagarelice. *Nossa senhora, eu fico até sem palavras, porque é uma coisa muito significativa, muito bonita.*

Joana sabe que podia ir além. Apesar do medo de avião, enfrenta as intermináveis horas de voo para chegar ao palco da disputa paralímpica. *Passei muito medo de avião, não gosto. Em Pequim foram mais de 30 horas. Na hora que a gente chegou em Hong Kong tinham umas árvores no chão e esse avião balançou. O povo chorando, a minha mão deu uma suadeira, eu não chorei, mas a minha mão, Nossa Senhora, pensei é tão ruim morrer aqui e o povo chorava, foi horrível, na hora que pousou o povo bateu palma.*

A bagagem não volta com medalhas, mas traz expressivos resultados. Joana conquista o quinto lugar nos 100 e 200 metros e a sétima colocação nos 400 metros. Feitos nunca antes alcançados por uma uberlandense.

Os anos seguintes, 2009 e 2010, são de bons resultados nas competições nacionais. Joana é como o vinho, a cada ano fica melhor. A para-atleta vai à contra mão do esporte. A idade não a afasta da pista. A meta é baixar o tempo a cada competição.



2011. Ano do segundo Parapan da carreira. Desta vez, Guadalajara, no México. Joana conquista uma prata nos 400 e um bronze nos 100 metros.

A segunda Paralimpíada bate na porta. Joana, recordista brasileira deste o ano de 2006, está confiante à espera da convocação para representar o país. E não é diferente. O nome Joana Helena dos Santos da Silva está na lista. Emoção indescritível. Vestir as cores verde e amarela na maior competição paradesportiva do mundo pela segunda vez.

Prestes a completar meio século de vida, Joana tem mais um desafio pela frente. Novamente enfrentar o medo de avião para fazer o que mais gosta: competir.

Londres, a capital da Inglaterra. Cidade-sede dos jogos. Local que marca a carreira de Joana. A para-atleta encanta-se com a competição, sabe que está em seu melhor momento profissional. O corpo, apesar da idade, responde em alto nível na pista.

Primeiro dia de competição, 04 de setembro, Joana vem para a primeira disputa: final dos 400 metros. Raia um, Estádio Olímpico de Londres. Jo-

ana não escuta nenhuma manifestação da torcida, está concentrada para a partida. Sabe que uma largada falsa representa a destruição de um sonho.

Silêncio total. Segundos se passam à espera do único barulho desejado: o tiro de largada. Joana levanta-se do bloco de partida. Ergue a cabeça. Sabe que precisa fazer o melhor tempo, o resultado só depende dela. No início parece tudo bem. As pernas respondem ao desejo do cérebro.

Joana faz a primeira reta. Pega a curva. A pista começa a ter ondulação. Joana logo pensa *O que está acontecendo?* Sente que a perna direita não responde. No impulso da competição ainda tenta forçar alguns passos. Joana desequilibra. Cai na pista. Tenta levantar para continuar. A dor é insuportável. O pé direito não suporta pisar o chão. Joana se rende. Desaba. No momento, o único desejo é não prejudicar a prova futura, que por sinal é a sua especialidade.

Joana sente a emoção da torcida ao vê-la caída na pista. São os aplausos pelo reconhecimento de sua força. Não entende sequer uma palavra, mas sente a gratidão. *Eu senti que a pista estava cheia de ondas, daí eu caí, pus a mão na cabeça, falei não dá, não dá. Eu fui tentar tirar a sapatilha, aí veio um rapaz e me colocou na cadeira de rodas.*

As lágrimas tomam o lugar da marca registrada de Joana: o sorriso. *Eu saí chorando. Chorei*

muito, me levaram para a sala da emergência, foi quando o técnico falou para mim - Joana, agora você está três em um, você agora é mental, visual e física. Aí eu comecei a ri.

Risos misturados a lágrimas que duram pouco. Logo vem o médico da delegação brasileira e a pergunta se ela ainda tinha outra prova para competir. A esportista responde que sim. Ainda tinha os 100. Mas Joana desmorona com a confirmação de que não é possível seguir na competição. As lágrimas tomam conta do semblante da nossa para-atleta.

Joana não pode competir e também não pôde voltar para casa. Precisa esperar o final da competição para retornar ao Brasil com a delegação. A tristeza abate Joana. A para-atleta sequer sai do quarto para alimentar. As companheiras são quem buscam as refeições. A dor é imensa. Não somente a dor física. A dor de ver o sonho interrompido.

Joana tem todo o atendimento necessário. Sessões de fisioterapias e acompanhamento médico. O pé direito está muito inchado. Precisa ser imobilizado. Tentam fazer uma tomografia para constatar a gravidade da lesão. Joana não consegue relaxar. O exame é cancelado. Não é possível saber a gravidade.

Os dias passam. A volta para o Brasil chega. Joana desembarca em São Paulo. Faz exames para verificar a lesão. A cirurgia é a única solução. Rom-

pimento total do tendão do calcâneo do pé direito. Joana refuta de início, mas sabe que se quiser voltar à competição precisa enfrentar o centro cirúrgico.

Cirurgia marcada. A filha Kátia é a grande companhia. Ao acordar da anestesia, Joana não acredita no que vê. A perna direita está toda imobilizada. Começa a debater-se na cama.

Quer sair daquele lugar. Em um

momento de impulso, Joana com toda a força tenta livrar-se do gesso. Com as mãos tomadas pela raiva, começa a arrancar a proteção da cirurgia.

A filha Kátia precisa contê-la e chama ajuda.

A médica lembra a Joana de que o retorno à pista só seria possível se ela aceitar o tratamento. Palavras

que mexem com a para-atleta e a fazem acalmar. É preciso transformar a raiva em forças para a recuperação. São longos e dolorosos dez meses entre fisioterapia, gelo, academia, areia, noites sem dormir.

Joana tem que reaprender a andar. Mas o que a angustia é a distância da pista. Mesmo sem apoiar o pé no chão, ela caminha de muletas e bota pelo



chão vermelho, quer sentir a leveza da pista, mesmo sem a potência da velocidade.

A para-atleta recorda com um belo sorriso que durante o tratamento nem banhava o corte da cirurgia. Tinha medo de sentir dor. A cicatriz, poucos mais de dez centímetros, marca na pele a dor que Joana não esquece. A dor de ficar longe das pistas por um longo período de tempo.

A volta acontece em meados de 2013. Joana é autorizada a competir no regional de atletismo. A capital federal é o palco da disputa. Os meses longe das competições fazem com que ela não conquiste o índice de classificação. Sentimento de frustração com euforia. Frustração por saber que teria que começar do zero. Euforia por voltar às pistas depois uma grave lesão.

O medo inconscientemente a faz preservar o pé direito. Toda a força é depositada no lado esquerdo. Durante a recuperação, o fisioterapeuta Anderson já previa. *Engraçado, o Anderson falou para mim, eu estava aqui nesta sala. Ele falou: - Joana, você sabia que quando a pessoa rompe um tendão, ela sempre rompe o outro?. Daí eu disse: - Larga de falar besteira. E ele completou: - Você vai sustentar o peso todo na outra perna, porque você vai estar com medo.*

É o destino preparando Joana. Ela não quis ouvi-lo. Ou simplesmente não desejava acreditar.

Mesmo sentindo dores na fisioterapia durante a preparação para uma competição em Campinas, Joana atreve a viajar.

Quer conquistar o índice. Índice que não vem. Ao sair do bloco de partida para a disputa dos 100, Joana, pela segunda vez, perde as forças e cai na pista. O técnico Leandro vai a sua direção. Joana lhe disse - *Não consigo*. O técnico olha o pé esquerdo da esportiva que está um pouco afundado. Os médicos da competição atendem Joana. O diagnóstico é simples. Torção no pé. Mas a dor que Joana sente é sua velha conhecida. A lembrança de Londres logo surge na memória.

De volta às terras mineiras, de torção à ruptura parcial do tendão do calcâneo. Desta vez o pé esquerdo. Joana não acredita. Acha que é brincadeira do destino. *Fiquei triste, muito triste, Foi mais difícil que a primeira, pois você fica com medo. Pensei - Agora acabou a minha profissão!*

Joana não se entrega ao segundo desafio do destino. Passa novamente por mais uma cirurgia. Desta vez, como não se leciona durante uma competição como representante do Comitê Paralímpico Brasileiro, todas as despesas do tratamento são por conta dela. Por sorte, Joana pagava um convênio médico que cobre o tratamento.

O médico faz o menor corte possível, deixando apenas uma pequena cicatriz. Apesar de toda dor,

Joana brinca *O bom disso tudo que é eu já sabia andar de muleta. Lá fui eu, todo o processo de recuperação de novo. Eu não desisti.*

Fisioterapia, gelo, academia, areia, noites sem dormir. Tudo se faz presente novamente. Recuperada, Joana volta às pistas. E junto conhece o medo. A saída de bloco não é mais a mesma. A velocidade também não. O inconsciente traz as imagens das lesões. O corpo trava com o receio de mais uma. Joana tenta competir para conquistar o índice nos 100. O resultado não chega.

O técnico Leandro vendo o sofrimento da dedicada para-atleta sugere a troca de modalidade. De corridas de velocidades para as provas de meio-fundo. Os 1500. Joana não aceita. Não gosta da modalidade.

O tempo passa. O amor pelo esporte fala mais alto. Joana se rende a proposta. Sabe que precisa acostumar o corpo com as competições. Os 1500 é a única opção.

Durante os treinos, as pessoas riam de mim. Eu fazia o treino triste, eu não sentia alegria. Eu ia às competições, mas não sentia alegria. Joana fica os anos de 2014, 2015 e meados de 2016 nos 1500.

Apesar de não sentir prazer na modalidade não falta a um único treino. Os anos são duros para Joana. Ela está nas pistas, mas estava longe da sua paixão: as corridas de velocidade.

Como a pista não lhe proporciona alegria, Joana aventura-se em outros campos. Transforma-se em modelo. É convidada para participar de um ensaio fotográfico para representar a mulher no paradesporto.

Pelas lentes de fotógrafo John Wesley tem a beleza registrada. A pele negra. O cabelo cor de fogo. O sorriso encantador. O corpo definido pelo esporte. Tudo ilustra a campanha de beleza da mulher com deficiência.

A beleza natural de Joana a faz ser convidada para participar de um concurso. O ano é 2015. A Associação dos deficientes visuais de Uberlândia, Adeviudi, comemora os 43 anos da instituição com um desfile com a participação de 18 mulheres atendidas pela associação, pessoas com deficiência visual. Joana é umas das escolhidas.

A para-atleta conquista o título de Miss Simpatia. Prêmio apropriado, para a mulher que sempre está com um sorriso no rosto. Por onde passa contagia com a alegria.

Os anos passam. Joana disputa os 1500, a contra gosto. Até que no final de 2016, a para-atleta não suporta mais ficar longe das provas de velocidades. Cria coragem para conversar com o técnico. Joana quer voltar para os 100. A velocista deseja fazer o que mais lhe traz felicidade.

Leandro explica que a mudança poderia fazer Joana perder a bolsa-atleta, caso ela não ficasse en-

tre as três primeiras colocações. Joana é categórica na resposta. *O que posso fazer? Estou treinando, mas não sinto prazer. Preciso voltar para os 100.*

O técnico rende-se ao apelo da para-atleta. Os tiros de partidas para o 100 são ouvidos novamente. O coração volta a bater no compasso da alegria da velocidade.

A escolha custa a terceira paralimpíadas da carreira. Fato que Joana não se arrepende. O desejo é finalizar a carreira nas corridas de velocidade. A recordação do Rio 2016 fica por conta do símbolo da competição: o fogo olímpico. Joana não esconde a emoção de ter carregado a tocha.

Um percurso curto. Apenas 200 metros. A indicação vem do Comitê. *O meu era indicação, mas só a presença de ter carregado a tocha foi tudo. Eu não acreditei, foi outro momento top. As pessoas falavam que podia ir bem devagar, eu fui aos trotinhos, curtindo o momento. O pessoal falava: _Olha lá uma tocha, segurando outra tocha. Passou muito rápido.*

A netinha, carinhosamente chamada de Picotinha, deslumbra-se com a tocha. E o amor ao esporte também corre nas veias da terceira geração. Joana só não sabe a modalidade que a neta escolherá, mas dará total apoio.

A volta aos 100 traz a velha Joana. Não pela idade, apesar do mais de meio século vivido, mas sim pela alegria estampada no rosto.

Treino após treino. É chegada a hora de retornar as competições. Joana consegue classificação para o Circuito Loterias Caixa 1ª Etapa Nacional na cidade da terra da garoa: São Paulo. A para-atleta compete nos 100 e 200 metros. Conquista importantes resultados. Prata nos 100 e bronze nos 200.

O ano de 2017 encerra-se com uma prata nos 200 metros. Joana conquista ainda o título de Miss Beleza Negra da Adeviudi. Joana sabe que fez a melhor escolha. Sente prazer em levantar de madrugada e ir para o treino. As provas de velocidades a deixam feliz.

O sincero sorriso de Joana Helena está de volta. Apesar da idade, Joana continua firme no paradesporto. Irá competir até quando o corpo aguentar.

Resposta esta que só o tempo nós dirá.



CAPÍTULO II

A universitária Daniele

Juntar o paradesporto e a universidade. Este é o desejo da para-atleta da bocha Daniele Martins. Aos 35 anos de idade, Daniele faz uma segunda graduação. Gestão de informação na Universidade Federal de Uberlândia. O diploma não será a grande conquista da esportista. O desejo é mostrar às pessoas com deficiência que o conhecimento pode associar-se ao esporte.

O meu interesse maior é trazer o paradesporto para dentro da universidade, porque isso não existe. O paradesporto é um pouquinho esquecido. Se tiver pessoas interessadas a universidade apoia. Então a gente tem que buscar pessoas para colaborar para o paradesporto ser promovido e também as próprias pessoas com deficiência para praticar o esporte.

Isso vai agregar muito.

Daniele é pioneira da bocha na cidade de Uberlândia.

Em 2012, é a primeira uberlandense a participar da modalidade em uma paralimpíada. O início no esporte começa por acaso. Um longo caminho é percorrido até a descoberta da bocha paralímpica.

Setembro de 1995, um dia de lazer no belo cartão postal de

Uberlândia. A cachoeira do Sucupira é o destino. A família de Daniele decide acompanhar um casal de amigos em um passeio. *Era o aniversário de uma amiga da minha mãe, ela iria fazer se não me engano 28 anos, a gente juntou, a minha mãe, o meu padraсто, esse casal que era amigo da minha mãe e um monte de meninos, tudo no carro.*



Daniele está acompanhada dos irmãos mais novos: Gisele, Franciele e Rafael, mais duas crianças estão no carro. O passeio é divertido. As famílias aproveitam o momento de descontração. As horas na cachoeira passam voando, logo aproxima o retorno.

Todos a bordo no carro. O caminho para a cidade é curto. Quatro adultos e seis crianças. O padraсто de Daniele segue na direção. Ao seu lado o esposo da aniversariante do dia mais duas crianças no colo. O restante está espremido no banco de trás.

A velocidade do carro super lotado não parece ser compatível com a estrada de terra batida. Daniele, pressentindo que algo estava errado, pede para o padraсто reduzir a velocidade. Ela não se recorda das palavras. Tentativa em vão. Minutos após o pedido da jovem de apenas 12 anos, a barra de direção se rompe.

O carro capota na estrada vicinal. Todos estão sem cinto de segurança. O padraсто de Daniele para embaixo do carro e não resiste aos ferimentos. A mãe de Daniele, Sandra Martins, quebra o braço direito. A amiga da família é socorrida em estado grave. Depois de uma semana internada vem a falecer. Os mais novos, por sorte, sofrem apenas arranhões e fraturas.

Diferente das outras crianças, Daniele acorda somente três dias após o acidente. Precisa ficar em coma induzido. A luta pela vida é o desafio dos médicos. Ao despertar, não se lembra de ter sofrido nenhum acidente. Fica assustada. Não sabe onde está e ainda

não tem a presença da mãe. *Quando eu acordei, eu não raciocinei, eu lembro assim que a primeira reação foi de susto, quando eu percebi que não conseguia me mexer.*

Daniele tenta mexer os braços e as pernas. Os membros não respondem aos impulsos do cérebro. A sensibilidade do corpo também não é mais a mesma. *Eu falava pega na minha mão, eu não tô mexendo, aí ela pegava. Eu falava você não está pegando, aí ela mostrava que estava pegando.*

No desespero de sentir o corpo Daniele pede para colocar fogo em seu corpo. Não entende por que de uma hora para outra deixou de sentir. A criança só acalma um pouco quando tem a presença da mãe ao seu lado.

Após uma bateria de exames, a explicação para a ausência de movimentos. O acidente leciona a coluna vertebral de Daniele. A lesão provoca a tetraplegia. Os movimentos dos quatros membros são comprometidos.

A notícia traz uma resposta para o sofrimento. Apesar da gravidade do diagnóstico, Daniele e a família apegam-se à ideia da evolução da medicina. *Eu não senti assim este baque na hora. Até porque eu imaginava, até a minha mãe sempre tinha muita esperança, que a medicina iria evoluir e a gente iria dar um jeito. Então os meus primeiros pensamentos foram estes.*

Daniele fica internada por dois meses. Nesse período, Sandra, mesmo com o braço direito quebra-

do, começa a correr atrás da reabilitação da filha. O lugar indicado para o recomeço é o hospital referência: Sarah Kubitschek, em Brasília. *Então antes mesmo de eu sair do hospital, a minha mãe já começou a ir atrás disso, porque o processo de reabilitação era muito importante para a gente.*

A ida para a capital federal acontece na véspera de feriado de Páscoa, data em que se comemora o renascimento de Cristo. E agora o renascimento da nova Daniele. *Eu fiquei internada lá por 43 dias, aí fizeram todo o processo de reabilitação, de ajudar a como lidar com tudo e até o processo fisiológico. A controlar tudo, a controlar a ida ao banheiro, a controlar a bexiga, tudo foi feito neste processo de reabilitação. Então ajudou bastante.*

A reabilitação não podia parar. Ao voltar para Uberlândia, Sandra inscreve a filha na Associação de Apoio às Pessoas com Deficiências de Uberlândia, Aparu. Daniele começa a fazer fisioterapia, natação e uma série de atividades. O dia é carregado de atividades. Atividades que fazem Daniele se afastar dos estudos. Fica todo o ano de 1996 longe da escola.

O retorno acontece no ano seguinte. Ano que também marca o primeiro esporte praticado por Daniele. Antes do acidente, as aulas de educação física eram sempre realizadas fora das quatro linhas. Ela optava por apenas observar. Não era chegada em uma atividade esportiva. *Nunca fui, vamos dizer,*

atleta, eu ia para a escola para a educação física e ficava ali sentadinha olhando todo mundo jogar.

Com a reabilitação, a ginástica rítmica em cadeiras de rodas é o primeiro desafio. *Foi muito bom, só que eu tinha muita dificuldade, eu tinha que ficar naquela cadeirinha, eu ainda não conseguia mover nada. Era um grupo, então tinha cadeirantes e andantes, aí durante a coreografia quem andava ajudava a gente, e na época era a minha mãe que era a minha parceira. Ela dançava comigo, quer dizer ela fazia a ginástica rítmica comigo.*

A primeira apresentação fora das terras do Triângulo Mineiro acontece por causa da ginástica rítmica. A capital mineira é o palco. O grupo uberlandense realiza a abertura de um campeonato. *Nossa foi muito legal, foi muito bom, a primeira vez que eu vi o ginásio cheio, olhando para gente, depois aplaudindo, emocionante, foi muito bom, acho que por isso a minha mãe ficou mais brava por eu ter parado.*

Com a ginástica rítmica, Daniele começa a sentir os desafios da deficiência. Desiste de praticar o esporte. Sente que não está no local certo. Até então, a adolescente estava preocupada com a reabilitação. Quando começa a desbravar o mundo, percebe os desafios de um tetraplégico em uma sociedade excludente.

Mas a ginástica rítmica traz bons frutos. A tradicional valsa de 15 anos é com a cadeira de dança

do grupo rítmico. Ao som da dupla sertaneja Zezé de Camargo e Luciano, ídolos de adolescência, na companhia da mãe, Daniele dança a valsa de debutante.

A ausência do movimento dos membros inferiores e superiores faz Daniele focar nos estudos. A atividade física fica presente apenas nas ações de reabilitação.

Em 1998, Daniele conquista a primeira cadeira motorizada. Fato que a permite uma maior independência. Agora pode ir aos lugares sem uma total dependência de outras pessoas. Claro que ainda precisa de ajuda, mas a cadeira lhe traz a sensação de liberdade. A cadeira passar a ser a extensão do corpo.

Aos trancos e barrancos Daniele termina o ensino médio. Com 19 anos, na companhia da irmã Franciele decide se cadastrar no banco de emprego da Aparu.

É um dia comum, as irmãs chegam à associação. O cadastro é rápido. Antes da volta, decidem se refrescar com um açaí em frente à associação. Uma simples parada que mudaria a vida de Daniele.

Glória, educadora física e percussora da bocha em Uberlândia, aproxima-se das irmãs. Papo vai, conversa vem. A professora as convida para conhecer a bocha. Daniele solta um amarelo sorriso. Fica a imaginar como uma pessoa tetraplégica poderia praticar algum esporte. Pensa que se tratava de uma brincadeira.

Daniele não saiba que a bocha paralímpica é um esporte adaptado para pessoas com os movimentos dos quatros membros comprometidos.

O convite é aceito, grande parte por insistência da irmã. Franciele fica deslumbrada quando soube que na categoria de Daniele era preciso um acompanhante. Na mente da criança de apenas onze anos, ela já tinha tornado-se a parceira de competição. *A minha irmã já ficou encantada na hora. Ela [técnica] explicou como que era, que eu precisava de uma auxiliar para jogar comigo. A Franciele disse: _Nossa! Vamos fazer Daniele. Eu jogo com você, eu te ajudo e a gente vai.*

Franciele sempre foi uma das grandes parceiras de Daniele. Na ausência de Sandra é ela quem a auxilia nas tarefas do dia-a-dia. A parceria entre as irmãs inicia na cozinha.

Daniele sempre teve o sonho de ser uma cozinheira. Após o acidente, Franciele torna-se os braços de Dani. *É porque eu gosto muito de cozinha. Eu pegava ela e falava Franciele vamos cozinhar. A gente ia para a cozinha e fazia cada prato que ficava assim uma delícia. Quando ela ia sozinha era um desastre. Eu ia explicando tudo para ela, eu gostava de falar tudo, até o jeito de mexer.*

Da cozinha para as quadras. Franciele tanto faz que convence Daniele a conhecer a bocha. O treino é em um pequeno salão da Aparu. Glória é a primeira técnica.

De início Dani fica receosa. Em sua mente o esporte não é uma opção para as pessoas com tetraplegia. *Comecei com 19, eu fiquei pensativa, pois o plano era terminar o ensino médio e arrumar um emprego, quem me convenceu foi a minha irmã Franciele. Começou em um Salão da Aparu e depois veio a parceria com a UFU.*

O início, em 2002, é na companhia da irmã. Dani encaixa-se na classe BC3. Classe em que há a presença do calheiro. Durante as partidas, o calheiro não pode olhar o jogo e é responsável por fazer todos os movimentos da calha sob orientação da para-atleta.

Com o passar do tempo, o salão improvisado da Aparu começa a ficar pequeno para a quantidade de para-atletas. *A gente tinha que revezar, tinha dia que a gente ficava o dia inteiro para jogar uma partida só e ficava em volta vendo os outros jogarem.*

Glória, a técnica, precisa deixar a equipe. Ao ser aprovada em um concurso público muda-se da cidade de Uberlândia. Com o coração apertado, o trabalho era voluntário, deixa o grupo sem treinador. *A gente ficou muito tempo treinado sem técnico nenhum, as vezes a Aparu conseguia um estagiário. A gente treinava com a gente mesmo, lembrava do que a Glória tinha falado, dos conceitos básicos que ela tinha passado para a gente e as pouquinhos a gente ia participando das competições.*



Em 2002, Daniele participa de um campeonato em Uberlândia. Na competição ela passa por uma avaliação funcional para participar de futuras provas.

No ano seguinte, com a classificação oficial, Dani encara a primeira competição. Petrópolis, no Rio de Janeiro. Franciele, devido a pouca idade, não pode viajar. A função da calheira e acompanhante passa para a outra irmã, Gisele.

Para a sorte de Franciele, Gisele não agrada com a viagem. Acha tudo muito difícil para uma única pessoa. É a primeira e última vez que acompanha a irmã em uma competição. Franciele retoma o posto de ajudante oficial.

A primeira medalha é conquistada no campeonato regional de 2004. O dourado sela o encanto de Daniele pela bocha. O ano ainda termina mais vitorioso com duas medalhas de ouro, uma no individual e outra nas duplas, no Campeonato Brasileiro de Bocha, disputado em Guarujá, São Paulo.

As posições colocam Daniele no cenário esportivo da bocha. Ela é convidada a participar dos treinamentos da seleção brasileira. *Em 2005, eu comecei a participar da seleção e o que a gente aprendia, a gente colocava em prática aqui. O legal de você está num seleção é que tem muita coisa boa, a experiência, os ensinamentos, coisas que eu nunca tinha visto.*

O primeiro ano na seleção termina com um bronze no Campeonato Brasileiro e um ouro no Torneio Sérgio Del Grande, em São Paulo. E ainda marca a primeira competição fora do nosso país. Daniele disputa uma Copa América em terras argentinas. Não conquista pódio, mas percebe que o esporte a pode levar em lugares nunca antes almeçados ou sequer sonhados.

Em 2006, Daniele garante ouro no Campeonato Regional e no Campeonato Brasileiro na disputa de pares. Já em 2007, a conquista da prata acontece no Campeonato Regional.

Uma prata no Campeonato Regional; um bronze no Campeonato Brasileiro e outra prata no Torneio Sérgio Del Grande marcam o ano de 2008.

Já em 2009, Dani ganha um bronze no Campeonato Regional e um ouro na disputa de pares no Campeonato Brasileiro. O ano é marcado por uma conquista fora da quadra. Daniele, que sempre se dedicou aos estudos, presta vestibular para Relações Públicas. Ao ver o nome da lista de aprovados, a para-atleta concretiza o sonho de cursar uma faculdade.

O sonho nasce depois de um curso de turismo e hotelaria. Daniele até chega a sonhar com uma agência de turismo, mas ao frequentar as aulas na Faculdade Esamc encanta-se com o ambiente universitário. Quer ser uma universitária.

No início, a área de comunicação é a pretendida. Jornalismo e Publicidade rondam os pensamentos. Mas, ao analisar as grades dos cursos, Daniele deslumbra-se com Relações Públicas. O intuito é associar a carreira acadêmica ao universo esportivo.

As mensalidades são pagas com o dinheiro do bolsa-atleta. Ajuda financeira que Daniele recebe deste o ano de 2005 e garantiu importantes mudanças em sua vida.

2010 é marcado por um ouro no Campeonato Regional, uma prata na disputa de pares no Campeonato Brasileiro e outro bronze no Torneio Sérgio Del Grande.



A participação no Campeonato Mundial de Bocha Paralímpica em Lisboa, Portugal, encerra a parceria com Franciele. A irmã, que tanto incentivou Daniele a praticar esporte, precisa dedicar às conquistas pessoais. A função de calheira é assumida pela mãe Sandra.

O objetivo da nova dupla é conquistar índice para a tão sonhada paralimpíada. Daniele precisa

estar entre as melhores do país para ter o nome na lista de convocação.

O ano de 2011 é marcado por desafios. A participação na Copa do Mundo de Bocha, em Belfast, na Irlanda do Norte, é fundamental para a concretização do sonho olímpico. É preciso conquistar pontos para se manter nas primeiras colocações do ranking mundial. A participação vem depois de muita luta.

Na competição, medalhas não são conquistadas, mas a vaga para representar o Brasil em uma Paralimpíada fica mais próxima. A um ano dos jogos paralímpicos, o ouro no Campeonato Regional demonstra que Dani está na luta por melhores colocações.

O ano olímpico é regado por treinos intensos. Cinco dias por semana. É preciso manter a concentração para a maior competição do mundo. A primeira competição do ano é o Campeonato Regional na cidade de São Paulo. O desempenho na quadra é coroado com a medalha de ouro.

A convocação para os Jogos Paralímpicos acontece no dia 20 de julho. Ao ter o nome na lista de para-atletas Daniele concretiza o sonho de representar o país na maior competição paralímpica do mundo.

Daniele também entra para a história da bocha uberlandense. Ela torna-se a primeira mulher da modalidade a representar a cidade em um paralimpíada.

Os bons resultados deixam Dani confiante. Ela sabe que está no melhor momento da carreira. Desembarca na terra da rainha com sede de uma medalha.

A primeira partida é pela fase preliminar. Dani sai vitoriosa do confronto. O segundo jogo é válido pela primeira fase de grupos. Com o placar de 7 a 2 a seu favor, Dani avança para a segunda fase da competição.

Nesta fase, as jogadas não saem como o esperado. As bolas não alcançam o alvo. Daniele conhece a primeira e última derrota dos jogos paralímpicos. É eliminada da competição. O sonho paralímpico termina com um roteiro não esperado.

A dor da derrota consome o coração de Dani. *Em Londres a gente saiu depois da competição, foi um pessoal levar a gente para passear. Sabe quando a gente não vê nada, você não quer ver nada, não quer ver ninguém. Eu tinha perdido, eu tinha acabado de perder a competição. Eu queria passear? Eu queria era um poste para jogar a minha cabeça lá dentro, um martelo para martelar.*

A volta ao Brasil é amarga. A ausência da medalha pesa na bagagem. O sentimento de frustração corrói Dani. Mas é preciso continuar a luta. Daniele ainda está no auge. Enxugar as lágrimas não é tarefa fácil. Levantar a cabeça. Recomeçar o caminho em busca da segunda paralimpíada. O foco passa a ser Rio 2016.

O ano termina com um ouro no individual e uma prata nos pares no Campeonato Brasileiro. Combustível para a busca do sonho paralímpico.

Desistir seria o caminho mais curto e fácil a ser seguido. Dani começa o ano de 2013 com a mesma determinação dos anos anteriores. O ano entra para a história da para-atleta. É o ano da primeira conquista internacional. A prata nos pares na 30ª Edição do Défi Sportif Altergo, na cidade de Montreal, no Canadá, mostra a Daniele que o esporte ainda tem muito a oferecer.

Daniele fecha 2013 com desempenho positivo nas competições nacionais. Ouro no individual no Campeonato Regional de Bocha Paralímpica, reali-



zado em Uberlândia. A conquista consagra Daniele como hexacampeã regional.

A competição nacional encerra-se com a prata no individual e o bronze nos pares, disputada em Maringá, Paraná. O ano finaliza com o bronze na disputa da primeira Copa Brasil de Pares e Equipes – bocha paralímpica, realizado no mês de dezembro, em Uberlândia.

Os resultados animam Daniele. O sonho paralímpico continua vivo. Chama que se mantém acessa com o primeiro ouro internacional da carreira conquistado nos Jogos Para Sul-Americanos, em Santiago, em 2014,

O ano de 2015 é marcado por uma reviravolta na carreira. Apesar do inesperado segundo lugar na categoria de pares no Campeonato Mundial em Suel, Coreia do Sul, Daniele começa a ver o sonho da segunda paralimpíada se distanciar.

Os Jogos Parapan-Americanos acontecem em Toronto, Canadá. Daniele conquista o terceiro lugar. O resultado não é agradável. O nível da competição é baixo. Daniele esperava um melhor desempenho. *Meu resultado não foi um resultado bom, a gente ganhou um bronze, mas de desempenho poderia ter sido bem melhor. Em Toronto, o nível já era menor um pouco, então todo mundo esperava muito e eu também esperava muito de mim mesmo e na hora dos jogos eu não fui bem.*

A competição encerra a passagem de Daniele na seleção. O resultado em Toronto revela à para-atleta que a participação no Rio 2016 estava mais distante. *Eu saquei que 2016 ia ser difícil deles me manter na seleção. Eu continuei treinando, mas acabou que não deu certo. Aí eu saí.*

Não vestir as cores do país. Deixar de participar da principal competição em seu próprio país. Provocam marcas em Daniele que começa a pensar na vida sem o esporte.

Um velho amor é despertado. O amor pela universidade. Em 2017, Daniele diminui a carga de treinos e arrisca em uma segunda graduação. Desta vez, a escolha é a tecnologia. Gestão de Informação na Universidade Federal de Uberlândia.

O curso apresenta uma nova alternativa de esporte. O esporte universitário. *Quando eu comecei a fazer faculdade, eu percebi que a minha carreira no esporte não tem que acabar. Acho que ela tem que dar uma repaginada. Assim, eu não me vejo fora do esporte. Por um bom tempo ainda eu quero continuar e ter participado destes jogos foi assim uma luzinha. Eu acho que seja a vez de dar uma mudada, de reinventar.*

No primeiro semestre de faculdade, a calou-ra Daniele já escreve o nome na história da UFU. A para-atleta representa a instituição na primeira participação da universidade nos Jogos Paralímpicos Universitários.

Organizado, em parceria pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e a Confederação Brasileira do Desporto Universitário (CBDU), o evento acontece no Centro de Treinamento Paralímpico Brasileiro, em São Paulo.

Daniele conquista o segundo lugar na categoria BC3. *No esporte eu quero trabalhar a nível universitário. Este ano eu participei do meu primeiro jogos universitários, foi muito legal. Foi uma experiência ótima. Eu fiquei em segundo, eu perdi para uma atleta que joga muito bem, ela é a atual campeã paralímpica nos pares.*

Reinventar-se no esporte é o que busca Daniele Martins. *Eu acho que o objetivo da gente é aprender alguma coisa, a vida está sempre ensinando e cabe a gente escolher como a gente vai aprender, vai aprender da forma mais fácil ou se a gente vai tomar o caminho mais difícil.*

A vida é uma escola e acabe a nós decidirmos como vamos aproveitar este ensinamento. Que possamos nos reinventar, assim como Daniele Martins.



CAPÍTULO III

O renascimento de Gisele

Dizem que temos apenas uma data para marcar o nosso nascimento. Mas algumas pessoas contrariam a lógica do destino. Gisele Ferreira da Silva é uma delas. O nascimento é associado à morte. E a morte a traz de volta à vida. Paradoxo difícil de compreender, mas presente na vida da nossa para-atleta do goalball.

17 de setembro de 1987. Uma mulher, a beira da morte, dá a luz a um

casal de meninas. Uma não resiste e vem a falecer. A mãe sequer vê o rosto da filha com vida. A outra, Gisele, fica por três meses em uma incubadora pré-natal. Os médicos não dão esperança. *Nasci de oito meses, a minha mãe ficou internada, pois estava quase morrendo, ela ficou sedada, em coma induzido, e eu, Gisele, fiquei na UTI pré-natal, porque eu nasci com baixo peso. Eu nasci prematura, por causa da doença eu não desenvolvi o que eu tinha que desenvolver.*

A doença é a toxoplasmose congênita, a qual acompanha Gisele para o resto da vida. Durante a gestação, a mãe, em um ato de gentileza, também contrai rubéola. É dia de tratamento da toxoplasmose congênita na Santa Casa na cidade de São Paulo, Dona Nalva dos Reis Ferreira teve que mudar para a capital paulista para tratar a doença. Deixa a cidade de Uberlândia em busca de melhores condições de tratamento. O ônibus coletivo é o meio de transporte. O percurso segue o ritmo normal. Até que em uma parada uma jovem com uma criança no colo tenta subir. Ela não consegue. Dona Nalva levanta-se e, com o instinto maternal, a auxilia. Pega nos braços a criança que ardia em febre. Um dos sintomas da rubéola.

Naquele instante o togavírus associa-se ao toxoplasma gondii. A gestação que já é de risco, torna-se mortal. O símbolo da vida liga-se a morte. Apenas um milagre permitiria o nascimento da criança. Dona Nalva volta para Uberlândia, decidi terminar a

gestação na cidade mineira perto da família. Aos oito meses de gestação dá a luz a um casal de meninas. *Quando eu nasci, os médicos chegaram na minha mãe e falaram assim: _A sua filha não vai falar, não vai andar e não vai enxergar.*

A mãe não se entrega ao triste diagnóstico. Não desiste da criança. Já tinha perdido uma, não podia despedir-se de outra. Dona Nalva vai à luta. Busca ajuda mesmo com os médicos afirmando que o bebê não falaria, não andaria e não enxergaria.

O tratamento começa assim que a pequena recebe alta hospitalar. A família muda-se para a cidade mineira de Indianópolis. Injeções, remédios, fisioterapias, assim eram os dias de Gisele. Mas os resultados insistem em não aparecerem. O diagnóstico do nascimento concretiza-se com o passar do tempo: não falar, não andar, não enxergar.

São longos sete anos até o primeiro passo no cascalho da casa da tia. É desengonçado. Mas representa a conquista. A primeira palavra? Bolo é a escolhida. A visão? Esta não apresenta melhoras, pelo contrário, diminui com o passar do tempo. *Daí eu comecei a andar, falar, até os nove anos a minha visão era maior, eu perco a visão com o passar do tempo. Em 2011, quando eu entrei no goalball, eu tinha 25 por cento da visão, hoje eu tenho 4.*

Aos nove anos, com a separação dos pais, Gisele volta para Uberlândia junto com a mãe e a irmã.



A vida aperta o botão do recomeço. E neste recomeço é preciso conviver com a deficiência visual.

A doença, consequência da toxoplasmose, faz as pessoas se afastarem de Gisele. Gisele se afasta das pessoas também. Na escola não tem amigos. *Foi difícil, muito preconceito. Os outros me chamava de fundo de garrafa, me batiam, jogavam os meus materiais no chão, ninguém brincava comigo, ninguém conversava comigo.*

Na minha adolescência eu escutava muito _Não vou te chamar para brincar porque você não enxerga. Foi uma infância e uma adolescência muito doida, muito dura.

Aprender a conviver com a deficiência visual não é tarefa fácil. Gisele opta por afastar-se do mundo para esquecer o sofrimento de viver em um lugar em que a diferença causa estranhamento.

Os anos passam-se. O ensino escolar não é concluído no tempo regular. Gisele decide casar-se. Aos 16 anos, muda-se para Uberaba para morar na casa da sogra. Na terra do zebu não encontra escola adaptada perto de casa. Como consequência decide parar os estudos ainda no ensino fundamental.

Aos 17 anos engravida do primeiro filho. Luiz Fernando Ferreira Silva chega ao mundo para mostrar à mãe que a vida poderia ter outro sentido.

Gisele passa a viver para cuidar do pequeno. Aos 21 anos, de volta à Uberlândia, época em que nasce o segundo filho, Luan Dalbello Ferreira Silva. Momento de felicidade que se transforma em depressão em pouco tempo. A para-atleta ainda recorda as palavras que a fizeram perder a vontade de viver.

Como você cega vai cuidar de outra criança. Uma conhecida questiona Gisele. Palavras que ecoam como um punhal afiado. A jovem tranca-se para a vida, mas pelos filhos tenta continuar a viver.

A família, que poderia ser um porto seguro para a para-atleta, não está presente, a jovem tam-

bém se afasta deles. Gisele vê os vizinhos felizes e sonha em ter uma família unida também. A mãe dificilmente visita a casa da esportista.

Com o intuito de reunir a família e ter um dia especial, a jovem resolve fazer uma festa de aniversário. A mãe, principal e mais importante convidada, não aparece à comemoração. *Eu estava criando uma expectativa muito grande e aquilo doeu muito.*

Golpe duro de digerir. Gisele entrega-se totalmente à depressão. Passa a não se arrumar. *Para que se preocupar com a beleza se o mundo não gosta de mim?* Doa as roupas mais bonitas para os outros, não sente prazer em sair de casa.

Entrega-se à escuridão. O quarto é o único local que deseja estar. Sair de casa é um martírio. Distante do mundo, distante de todos. As lágrimas são as fiéis companheiras. O choro tenta lavar a dor da existência.

Lágrimas, escuridão, solidão. Os dias de Gisele resumem-se em uma profunda revolta por existir. Não vê sentido em continuar neste mundo, apesar do imenso amor que sente pelos filhos.

Final de 2010. No auge da depressão, Gisele decide acabar com o sofrimento. Numa quinta-feira, levanta-se da cama, deixa o quarto escuro. A claridade ofusca os olhos, mas está decidida a prosseguir. Procura na casa qualquer produto que seja tóxico. Recolhe e os mistura. Faz uma bebida mortal.

Uma bebida que a libertaria do sofrimento. Não pode deixar neste mundo as pessoas que mais amava: os filhos. Decide ceifar com a vida deles também. Escreve uma carta para a mãe se despedindo do mundo. Junto deixa uma foto dela com os filhos. *Quando eu lembro isso eu até me emociono, porque quando eu lembro que iria fazer uma coisa dessa...*

Coloca a bebida em um canto e pensa em tudo que viveu. A dor está preste a acabar. A morte lhe traria a liberdade. Neste instante, a porta se abre. O pensamento de Gisele é interrompido.

Nauane Ferreira Cordeiro, a irmã mais nova, chega para fazer companhia aos sobrinhos. Como toda criança, a pequena, de então dez anos, só pensa em brincar. Pega um cabo de vassoura e na travessura infantil esbarra na bebida mortal. O líquido escorre pelo ar e pousa no chão. A mistura começa a corroer o piso. Um buraco surge e intriga a garota.

Nauane logo indaga *O que é isto?* Gisele não esconde a verdade. Conta o que pretende fazer: acabar com a própria vida. A irmã em uma inversão de papéis dá uma bela bronca *Você está doida! Você não vai fazer isso não Zezé!*

A contra gosto, as palavras da pequena são atendidas. Gisele desiste de por fim em sua vida. Mas a angústia de viver ainda continua. Era preciso encontrar um caminho para a felicidade. Qual seria? Pergunta que parecia não ter resposta.



Gessy do Ribeiro Amaral, amiga de velha data, vendo a tristeza de Gisele e sabendo do desejo da amiga de morrer, a convida para praticar o goalball. Gisele, na insistência em se isolar de tudo, é ríspida com a fiel companheira *Que goalball o que! Eu não quero saber de goalball algum.* A amiga insiste *Eu olho o seu menino.* Gisele decidida responde *Não vou fazer porcaria nenhuma.*

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura. Ditado que define a persistência de Gessy. A amiga convence Gisele a conhecer o esporte criado exclusivamente para as pessoas com deficiência visual.

Setembro de 2011. Desconfiada Gisele chega à palestra sobre o esporte na Associação dos Deficientes Visuais de Uberlândia, Adeviudi. Fernan-

do Dias, o técnico que a acompanha até os dias de hoje, é o palestrante.

Gisele ouve atentamente as palavras do professor. Já conhecia o esporte, mas encanta com o universo que acabava de descobrir: o esporte profissional. Ao final da palestra, Fernando direciona-se a jovem e a pergunta *Você já conhece o goalball?* Gisele timidamente responde *Sim, eu já joguei na escola, em um interclasse.*

Fernando percebe o potencial da jovem e a convida para participar dos treinamentos, conhecer o esporte na prática. O convite mexe com Gisele que se deslumbra com a possibilidade de ser uma para-atleta profissional. *A emoção de você entrar dentro de uma quadra e treinar com uma pessoa profissional, que sabe, era diferente do que eu vivenciei, que era só escolar.*

O primeiro treino é como o primeiro amor, deixa marcas e mostra um novo sentido para a vida. É o renascimento. É o esporte proporcionando o surgimento de uma nova mulher. *Cara, foi assim, sabe quando você conhece uma pessoa, vamos dizer de relacionamento, quando você vê aquele príncipe encantado, o seu coração acelera, a mão gela, a perna bambeia, foi mais ou menos essa sensação que eu tive.*

O esporte trouxe à Gisele a alegria de viver. A para-atleta percebe que a única pessoa que podia lhe colocar limitação era ela mesma. Trancar-se no

quarto e esconder-se do mundo só a distanciava da felicidade que a vida poderia proporcionar. *Foi onde eu comecei a ver a vida de outra maneira. Vê o mundo de outra maneira. Eu vi que quem punha limite nas coisas, no que fazer era eu mesma.*

Os primeiros treinos são sem a venda. Gisele precisa conhecer cada centímetro da quadra, para futuramente deixar-se guiar apenas pela audição e pelas marcações no chão. No goalball, os jogadores têm os olhos vendados durante as partidas, permitindo assim que pessoas com diferentes graus de deficiência visual possam participar dos jogos.

Os arremessos parecem que não tem força para chegar ao lado adversário. A defesa é desengonçada, a bola sempre passa pelo corpo. O som dos guizos não anuncia a direção da bola. *O treino começa do zero. Eu comecei com um arremesso bem fraquinho, podia contar até 10 para a bola chegar do outro lado. Depois as coisas foram melhorando, o meu arremesso foi ficando mais forte.*

Não é apenas a maneira de jogar que modifica com o passar do tempo. A principal mudança Gisele esboça estampada no rosto. A vida ganhava um sentido.

O esporte traz forças para Gisele voltar aos estudos. Ela termina o ensino fundamental e o ensino médio. A para-atleta almeja cursar a faculdade de educação física. Tem o sonho de trabalhar com educação inclusiva. Deseja ajudar as crianças com

deficiência a enfrentarem as barreiras do preconceito. *Eu me imagino professora. Quero trabalhar com as pessoas sobre deficiência. Porque o preconceito é muito grande. Eu vejo muito preconceito na escola. Eu me vejo professora mostrando a realidade de uma pessoa com deficiência para que ela não desista dos sonhos.*

O ano de 2012 marca o jogo inesquecível para a esportista. A equipe deixa as terras do Triângulo Mineiro e cruza rumo ao Sul de Minas. Poços de Caldas é o palco da competição: Regional Sudeste I de Goalball.

Como em todo começo de carreira, Gisele inicia na reserva, fato que não a incomoda. O sentimento de equipe fala mais alto. Fica sempre à disposição. As primeiras partidas do Regional são acompanhadas do lado de fora. Até que em um lance, a pivô titular da equipe uberlandense, Lília, se sente mal e precisa ser substituída. Fernando olha para o banco, precisa recompor o time.

O técnico fixa o olhar em Gisele e a chama. A para-atleta não acredita nas palavras que ouve, mas levanta do banco e vai em direção a voz. O técnico é categórico na instrução *A responsabilidade é sua*. Gisele aceita o desafio. Entra em quadra para a sua primeira partida oficial.

A classificação para o campeonato nacional não é alcançada. A equipe do Triângulo Mineiro encerra a competição na quinta colocação e apenas os

dois primeiros garantiriam as vagas. Apesar do resultado, Gisele está feliz, tinha jogado uma partida oficial. Não tem palavras para descrever o momento.

Meses mais tarde a equipe ganha novamente a estrada. Araxá é o ponto de destino. II Torneio Araxá de Goalball. As para-atletas trazem o troféu para a casa. São campeãs invictas. Vencem todas as quatro partidas. Gisele de quebra conquista o título de artilheira da competição com 17 gols marcados.

De reserva a peça fundamental para o time. Gisele tem a certeza de que tinha encontrado um sentido à vida. O amor pelo goalball crescia a cada dia. *Aí quando eu comecei a treinar, eu tomava três antidepressivos por dia. Comecei a treinar, treinar, quando fui ver, eu já não estava tomando mais nenhum. Eu tenho a cartela até hoje.*

Gisele não gosta de faltar aos treinos, sabe que precisa se dedicar ao máximo para alcançar o sonho: SELEÇÃO BRASILEIRA. Sonho que começa a concretizar-se durante o primeiro campeonato brasileiro da para-atleta: Copa Loterias CAIXA de Goalball.

Outubro de 2016. A cidade paulista de Jundiaí sedia a disputa. A equipe uberlandense termina a competição em quinto lugar. Mas uma para-atleta do único time mineiro chama a atenção da comissão técnica da seleção brasileira.

Com a eliminação da equipe, Gisele acompanha a competição da arquibancada. De repente, a

esportista percebe a aproximação do técnico da seleção feminina, Paulo, com o seu técnico Fernando. Os dois ficam conversando por alguns minutos. Para Gisele, que observa atentamente, parece uma eternidade. Em sua mente, um turbilhão de pensamentos. Será que era ela o assunto? O que eles queriam falar com o professor?

Os técnicos se despedem. Fernando caminha em direção a para-atleta. *O técnico da seleção quer falar com você.* Palavras que mexem com Gisele que no auge da emoção apenas responde *Ok*.

Ansiosa, ela espera o momento do encontro. Minutos depois, que parecem dias, Paulo aproxima-se e a parabeniza pela competição. A para-atleta timidamente agradece *Obrigada*.

A ansiedade não permite fazer perguntas. Está diante do técnico da seleção feminina de goalball. A conversa é rápida. O técnico deseja saber o envolvendo com o esporte e, o principal, se a para-atleta gosta e pode viajar para as competições. O sim sai meio atravessado. As palavras denunciam o amor pelo esporte.

Será que o sonho de vestir o verde e amarelo estava bem a sua frente? Questionava a para-atleta uberlandense.

A conversa chega ao fim. Minutos depois, Fernando recebe da comissão da seleção uns papéis e logo brinca *Acho que eles vão te convocar?* Gisele,

com um sorriso amarelo e com o coração a mil, responde *Acho que não*. O pensamento é ao contrário. *Tomara que sim! Tomara que sim!*

2016 acaba, ano de grandes conquistas. 2017 nasce com a esperança do sonho verde amarelo.

Passa janeiro. Passa fevereiro. Passa março. Passa abril e nada. A convocação não sai. Apenas em maio chega a tal sonhada convocação. O nome Gisele Ferreira Silva está entre as nove selecionadas para a fase de treinamento. *Quando me disseram que o meu nome estava lá, eu não acreditei, fui conferir no site, e quando vi o meu nome, fiquei sem reação*. Hora de arrumar as malas e andar de avião pela primeira vez. São Paulo é o destino. O treinamento é de 19 a 27 de maio de 2017. No centro de treinamento a primeira lição logo aprendida é o sentido da palavra coletividade. Todas as ações, comer, treinar, descansar são realizadas em grupo. *Se uma terminava antes, deveria esperar todas terminarem*.

Os dias são puxados. Treino. Treino. Treino. E mais treino. Contato com a família apenas nas pouquíssimas horas de descanso. Os amigos de Gisele estranham a falta de contato da para-atleta. Mas Gisele vive um sonho. Vestia as cores da seleção. *Lá o treinamento é o que eles mandam, não é o que você quer. Você não pode fazer as coisas sozinhas. Se você faz algo errado ou não quer fazer, eles dão uma advertência. Você não está ali para brincar*.



A I Fase de Treinamento representando a seleção chega ao fim. Gisele realiza o sonho e também tem uma grande conquista pessoal. A para-atleta tinha medo de se machucar. Sempre treinava e jogava com uma proteção de espuma.

Eu fui para a seleção treinando com almofada, com medo de machucar. Eu tinha medo da bola, só que lá na seleção eles disseram Você pode até treinar com isso, mas a gente pede para você tentar acostumar. Fui para a seleção usando e voltei sem usar nada. Eu não uso mais proteção nenhuma, a bola vem e eu defendendo.

De volta a Uberlândia, a para-atleta dedica-se ainda mais aos treinos. Quer ter o nome na segunda lista de convocação. A II Fase de Treinamento já é no mês de agosto. O carimbo para a convocação seria o Regional Sudeste I de Goalball, no mês de junho.

Vila Velha, Espírito Santo, recebe a competição que também garantiria vaga para a disputa nacional da modalidade. Gisele sabe que precisa fazer uma boa competição. Entra em quadra como se cada partida fosse a última de sua vida. Ataca e defende. Entrega-se à equipe.

Na fase de grupos, o time uberlandense perde apenas um jogo. Classifica em segundo lugar. A semifinal é contra o Instituto Benjamin Constant, IBC-RJ. O placar? 7 a 1 para as meninas mineiras que conquistam não somente uma vaga para a grande final, mas carimbam a credencial para o primeiro campeonato nacional da equipe.

A final é contra a Urece Esporte e Cultura também do Rio de Janeiro. Por coincidência, o time responsável pela única derrota da equipe do Triângulo Mineiro na competição.

A sombra do jogo da fase de grupo fica logo para trás. O trio uberlandense não dá chance para as adversárias. Vence a partida por 11 a 1. Vence por game. Com diferença de 10 gols a partida chega ao fim. Pela primeira vez na história o goalball uberlandense alcançava o primeiro lugar da competição. Gisele, com os 46 gols marcados, traz para as minas gerais o troféu de artilheira da competição.

A boa atuação garante a esportista a segunda convocação para a seleção brasileira. A semana de 19 a 26 de agosto é regradada a treino, treino e mais

treino. Gisele não queixa. Apesar de todo sofrimento, é naquele lugar que almeja estar.

Logo chega o dia 26, sexta-feira, último dia de treinamento. Data em que o sonho começa a desmoronar. Comissão técnica e jogadoras reunidas. É preciso avaliar quem continuaria com o grupo nos próximos treinamentos e quem daria adeus.

Uma a uma é convocada para o tenso momento. Gisele vê todas as companheiras serem chamadas. Fica por último. Fato que mexe com o emocional. Já imagina que o pior estar por vir. Gisele ouve o seu nome. Levanta-se e entra na sala de sentença.

Uma vez seleção, sempre seleção. A frase já aponta o final da conversa. Gisele é desligada. *Eles chegaram em mim e falaram que eu não ia participar das outras fases de treinamento, mas que eu tenho um grande potencial, basta que eu focasse.*

Gisele não acredita no que ouve. Tinha lutando tanto e o sonho estava sendo destruído. A esportista passa a noite em claro. Queria entender o que tinha feito de errado. O arremesso? A defesa? O convívio? Não tinha uma resposta.

O dia amanhece e Gisele precisa voltar para casa. O voo de volta sai bem cedinho. Antes das sete. O rosto da para-atleta denuncia o choro compulsivo da noite anterior. Gisele é de poucas palavras, apenas deseja voltar para a casa e se trancar no quarto, lugar em que se escondia do mundo.

Antes das nove da manhã aterrissa em Uberlândia. Em solo mineiro, Gisele recorda que a sua equipe Faculdade Shalom de Ensino Superior, Fases, disputa o Torneio de Goalball na cidade de Araxá. Em um impulso, ao invés de pegar o caminho para a casa, decide mudar a rota. Não poderia se entregar novamente à depressão. Mostraria a comissão técnica que a decisão de desligamento tinha sido equivocada dentro das quatro linhas.

A rodoviária é o destino. Compra uma passagem para a cidade de Uberaba, não tinha ônibus direto para Araxá que chegaria a tempo da competição.

Chega a Uberaba. À espera do ônibus para Araxá decide vestir a roupa de competição. Ela sabe que chegaria com a partida já em andamento. Embarca. Chega à Araxá com a equipe uberlandense pronta para entregar em quadra. Apenas tem tempo de vestir a camiseta do uniforme.

Apesar de ter o pensamento apenas no desligamento da seleção, encontra forças para esconder o sofrimento do corte. Entra em quadra. Faz o que sabe fazer de melhor: defender e arremessar a bola com os guizos.

As companheiras percebem o abatimento de Gisele. Não é aquela jovem alegre. Mas ela nada revela. Apenas entra em quadra e ajuda a equipe a garantir uma vaga para a final. Após o fim da partida, conta o que a afligia. Gisele recebe apoio da equipe, que a ajuda a continuar de cabeça erguida.

A final coroa o esforço de Gisele. A equipe conquistou o título da Taça Araxá de Goalball. *Eu tinha tudo para ir para a minha casa e dizer as meninas que se virem, mas não! Sabe por quê? Eu acho que a gente é equipe dentro e fora da quadra. E igual o professor sempre fala, não precisa você ser amiguinha de ninguém, frequentar a casa, mas aqui dentro da quadra vocês é uma equipe, lá fora vocês fazem o que quiserem. Durante a competição vocês é uma equipe, desde o dia que chega até o último.*

Durante a volta para Uberlândia, o sentimento de decepção corrói Gisele. Queria entender o que tinha feito de errado. Ao chegar em casa se entrega às lágrimas. O quarto escuro é o local de refúgio. O fim de semana logo chega ao fim e os treinos voltariam. Gisele tinha uma dúvida. Encontraria forças para erguer a cabeça e continuar no esporte?

A resposta não tarda a aparecer. Primeiro treino após a competição lá está a para-atleta pronta para começar novamente. Sabiamente desistir do goalball não é a opção escolhida. O esporte a trouxe de volta a vida e não seria uma decepção que a faria ficar pelo caminho.

Gisele continua em busca do seu sonho: representar a seleção brasileira em uma competição internacional. Quem sabe a resposta não venha do outro lado do mundo. Como dizem por aí, Tóquio é logo ali.



CAPÍTULO IV

A força de Amanda

Retirar a barra do suporte. Levá-la até o peito. Erguê-la o mais alto possível. Esperar o comando da validação ou não do movimento. Voltá-la para o suporte. Assim é a rotina de Amanda Aparecida Santos de Sousa. Para-Halterofilista. 26 anos. Recordista brasileira da categoria de até 73 quilos com 88 quilos levantados. Pentacampeã nacional na modalidade. Virginiana.

Entrega-se de corpo e alma em tudo que faz. Intensidade é a palavra que a define.

Halterofilismo, modalidade que a fez conhecer o mundo, inicia por acaso. Amanda começa na natação. Não almeja ser uma grande nadadora. Apesar de sentir-se bem na água. Dedica-se a modalidade por orientações médicas. As pernas precisam de estímulo para não perderem as forças. Forças estas que aos sete meses de vida já demonstram ser diferentes.

Amanda, filha de uma mineira, Sônia Sebastiana dos Santos, e de um baiano, Antônio José de Sousa, que se esbarram em São Paulo e constroem uma família na capital paulista. O primeiro filho do casal, Marco Antônio Santos Rocha de Sousa, vem para selar a união. Nasce de oito meses. Dona Sônia descobre que não consegue segurar o bebê no útero. Razão do nascimento prematuro.

O sonho de ser mãe de uma menina pulsa mais alto. Sônia tenta engravidar novamente. *Minha mãe, ela tinha dificuldades de segurar os fetos. Ela queria muito ter uma menina, ela teve duas perdas espontâneas nesse período e na última tentativa o médico fez um tratamento para fortalecer o útero.*

Dona Sônia engravida. A tal sonhada menina está a caminho. É Amanda. Por ser uma gravidez de risco, fica a maior parte de repouso. Sabe que qualquer movimento mais intenso colocaria fim ao sonho.

A gestação segue. Na vigésima segunda semana, ao retirar roupas da máquina de lavar, a bolsa se rompe. No desespero, Dona Sônia corre para o hospital. Precisa salvar a filha. Os médicos fazem de tudo para segurar o bebê no útero da mãe. Passam-se três dias. A única solução encontrada para salvar a criança é o parto. Com apenas cinco meses e quinze dias, Amanda conhece o mundo. *Ela fala que eu nasci linda. Mentira. Eu nasci com cara de joelho.*

A pequenina, que é a concretização de um sonho, já chega lutando pela vida. Dois meses na incubadora. A mãe não deixa a filha. Acompanha todo o desenvolvido, que por decisão do destino é feito fora do ventre.

A alta do hospital chega. Enfim, a mãe leva nos braços a filha para casa. *Até hoje ela me conta que eu mamava no conta-gotas. Ela tirava o leite, punha num conta-gotas e punha na minha boca. Eu não tinha sucção, não tinha sobancelha, não tinha cabelo.*

O tempo passa. Aos sete meses, Amanda começa a engatinhar. Um detalhe chama a atenção. A pequena realiza os movimentos dos braços e as perninhas se arrastam. Elas não apóiam no chão.

O que este gesto significaria?

Resposta encontrada na AACD de São Paulo: Paralisia cerebral diparética espástica.

Com o nascimento prematuro, os neurônios responsáveis pelo estímulo motor dos membros inferiores

são afetados. A motricidade das pernas está comprometida. Com a fisioterapia alguns movimentos podiam ser estimulados por outras áreas do cérebro. Logo, aos sete meses, Amanda inicia o tratamento fisioterápico. Rotina que a acompanha até os dias de hoje.

Aos seis anos de idade, Amanda presencia a separação dos pais. A mãe decide voltar para Minas e com ela leva os filhos. Ituiutaba é o destino. O pai casa-se novamente e muda-se para a capital federal, sede do hospital referência em reabilitação, Hospital Sarah Kubitschek. Seu Antônio consegue uma vaga para uma cirurgia da filha nos pés.

Na AACD de São Paulo a fila de espera é enorme. Amanda não pode esperar, precisa corrigir a marcha. Os pés se voltam para o interior dificultando o caminhar. A pequena muda-se para Brasília. Durante dois anos mora com o pai.

Com o tratamento encerrado, Amanda decide voltar para as terras mineiras. Dos nove aos treze anos mora na cidade de Ituiutaba. Até que o sábio avô Sebastião Inácio dos Santos convence a filha a mudar-se para Uberlândia. Seu Tião escolhe uma casa perto de uma escola e ainda paga um ano de aluguel. Tudo para que a neta não abandonasse os estudos.

A vida de Amanda também começa a tomar um novo rumo. A esportista volta a frequentar a AACD. Descobre que toda a parte de evolução do corpo já tinha chegado ao limite.

É preciso preocupar-se com a interação social. Amanda tem que conhecer o mundo. *Com quatorze anos eu comecei a frequentar aquele grupinho de pessoas com deficiência, tinham mais ou menos a minha faixa de idade. Isso é muito gostoso e eu recomendo para qualquer pessoa que tenha alguma dificuldade, você precisa conviver com o comum para você, achar identidade e perceber que não é o fim do mundo, que os desafios que você enfrentam não são os únicos.*

O grupo a faz perceber que a deficiência não a exclui do mundo. É preciso conquistar o próprio espaço. É preciso sair da curva.

Apesar do desenvolvimento dos membros inferiores ter chegado ao limite, Amanda não pode ficar



parada. É preciso estimular as pernas, para que toda evolução conquistada não seja perdida. O esporte é o caminho encontrado. A natação, modalidade indicada pelos fisioterapeutas e médicos.

Em 2006, lança-se nas piscinas. *Sempre gostei muito de nadar, mas eu nunca tive a aspiração de ser profissional, eu fazia porque tinha que continuar me reabilitando.*

As braçadas na água chamam a atenção de Wéverton Santos, técnico de halterofilismo. Baixinha, tronco e braços fortes. Amanda tem o biótipo perfeito para o halterofilismo paralímpico. O convite é feito. Trocar a piscina pela sala de musculação.

No instituto Viths havia uma regra. Não é permitido dois esportes por pessoas. Amanda opta por ficar na água. O técnico não desiste. Sabe que ela nasceu para o halterofilismo. Como em toda regra, consegue uma exceção. Amanda poderia fazer os dois esportes. Terça e quinta-feira: natação; segunda, quarta e sexta-feira: musculação.

O desafio é aceito. Os dias passam a ser preenchidos com atividades esportivas. Por seis meses as duas modalidades estão presentes até uma crise financeira afetar o clube. Amanda é obrigada a parar a natação e o halterofilismo.

Com o esporte interrompido, Amanda passa-se a dedicar somente aos estudos. Primeiro, segundo e terceiro anos do ensino médio. Ao ver a

aproximação do vestibular, sente que não conquistaria uma vaga. Estudou a vida toda em escola pública. Não está preparada para conseguir uma vaga na UFU. A família não tem condições de arcar com uma faculdade particular. Mudar-se de cidade está fora de cogitação.

O desespero começa a rondar. O que fazer?

Um cartão encontrado por acaso apresenta a resposta. É o contato de Wéverton. Amanda logo pensa em voltar para o esporte. Liga. Pergunta se o técnico recordava dela. Wéverton não se esquecera da baixinha gordinha de braços fortes.

Para surpresa de Amanda, ele estava em um novo clube e montava uma equipe de halterofilistas. Ele a convida para visitar o treino. A oportunidade que faltava para a volta ao esporte.

Novembro de 2009, Amanda recomeça o levantamento de peso. O Clube Desportivo para Deficiente de Uberlândia, CDDU, passa a ser a sua segunda casa.

Apesar do retorno ao esporte, os estudos não são deixados de lado. Dona Sônia apóia a filha na atividade esportiva, mas não aceita o abandono escolar. Amanda concilia os treinos com as aulas de cursinho preparatório para o vestibular. Fica em dúvida entre psicologia e relações públicas e vê o amor pelo halterofilismo crescer.

Com menos de um ano de treinamento, Wéverton inscreve a para-atleta no primeiro campeon-



nato oficial. O técnico quer que Amanda vivencie a adrenalina de uma competição.

Goiânia, etapa regional do Circuito Loterias Caixa, marca a carreira de Amanda. A para-atleta levanta 55 kg e conquista o primeiro lugar na modalidade júnior e o segundo no geral da categoria até 75 kg.

A adrenalina arrebatava Amanda. A esportista passa a ter certeza que o esporte é o seu caminho. Os resultados repetem-se na etapa regional em Maringá, no Paraná. Já em terras paulistas, no Troféu Sérgio Del Grande, a para-atleta levanta 60 kg e garante a prata da categoria.

O primeiro ano de competição encerra-se dourado. No Campeonato Municipal de Uberlândia le-

vanta 70 kg. Conquista o primeiro lugar tanto na categoria geral como na júnior.

Amanda descobre-se no esporte. Os pesos levantados trazem a leveza da existência. A deficiência não é mais um problema. A deficiência é uma dádiva da vida. *Durante muito tempo da minha vida eu imaginei que era um problema, hoje para mim é um grande presente, me ensina muito, me ensina a ter limites. Todos os dias eu aprendo uma coisa ao ser deficiente e por que eu aprendo tudo isso? Para de alguma forma ensinar. Hoje para mim é um grande presente, lá atrás foi um grande problema.*

O ano de 2011 começa com desafios. Amanda desce de categoria. Passa a competir na de 67,5 kg. Precisa perder peso. Desafio que a acompanha durante toda a carreira. Um mísero quilograma pode deixá-la fora de uma disputa.

Amanda é determinada. Consegue alcançar o peso corporal. No Circuito Loterias Caixa: Etapa Regional em Brasília levanta o próprio peso, 65 Kg. Garante a medalha de ouro tanto na categoria júnior como na geral.

No Troféu Sérgio Del Grande em São Paulo, a força de Amanda alcança os 70 kg. A garota começa a chamar a atenção do universo halterofilista. Com pouco tempo no esporte, a cada competição conquista novos índices. Amanda ainda figura na categoria júnior, Mas alcança índice da categoria profissional.

As conquistas não são apenas no tablado. Amanda, por insistência da mãe, concilia o esporte com os estudos. Tenta vestibular para psicologia. Não alcança êxito. Hoje, sabe o porquê não foi aprovada. Estava escolhendo a profissão errada.



O caminho a ser seguido é a fisioterapia. O técnico, a mãe, todos sempre dizem que ela tem mãos boas para a profissão. Uma dúvida corrói Amanda.

Uma pessoa com deficiência cuidando de outra?
Como as pessoas reagiriam?

Amanda decide arriscar-se no desafio. Presta vestibular para fisioterapia. O resultado? Aprovada na Universidade Federal de Uberlândia.

Começa o curso no segundo semestre de 2011. Quando eu comecei, eu tinha medo. Hoje eu falo que escolhi o curso certo. Quando olho para o paciente olhando para mim com medo e pensando será que vai dar certo? Olho para ele e falo_Calma comigo é diferente e vamos chegar lá!

A universidade trouxe novos aprendizados. Respeitar o limite do corpo é um deles. O estágio na pediatria reacendeu as dores da infância. Ao cuidar dos pequenos, Amanda sente as dores do paciente. Conhece o sofrimento e não pôde ficar alheia a dor.

Fase dura na faculdade. Precisa de acompanhamento para vencer a batalha que hoje se transformou em aprendizado. *Depois deste estágio na pediatria, eu percebi que não adianta querer cobrar do meu corpo o que ele não consegue. Eu tive que respeitar alguns limites.*

O ano de 2012 apresenta à Amanda um novo desafio. Pela primeira vez a para-atleta participa de uma competição nacional. O bom resultado na etapa regional em São Paulo, 65 kg, garante a participação no Circuito Brasil Loterias Caixa: Etapa Nacional.

Fortaleza, Ceará, é o palco da disputa. Os 75 kg levantados, recorde da carreira, proporcionam o primeiro lugar na categoria peso médio de 55 kg até 73 kg.

Viver do esporte começa a ser possível. Com os resultados alcançados Amanda encaixa-se no programa Bolsa-atleta. Passa a receber um incentivo financeiro à prática esportiva.

Com a presença no cenário nacional, a profissionalização no esporte ganha força. Amanda está pronta para os novos desafios. O ano de 2013 começa com a mudança de categoria. A para-atleta volta para os 73 kg. Participa de dois regionais. Um em São Paulo, em que conquista o primeiro lugar no individual e o quarto no geral. O outro em Porto Alegre, em que repete a colocação geral e fica em segundo no individual.

O nacional daquele ano traz uma novidade. É também um *Open Internacional*. A marca de 72 kg garante a Amanda o segundo lugar no individual, o quinto no geral e uma impressionante sexta colocação no *Open Internacional*.

Os resultados apresentam à Amanda um novo caminho. A esportista é convidada para compor a equipe de jovens da seleção brasileira. Uma semana vestindo as cores verde e amarela e convivendo com os melhores do halterofilismo.

Aprende também as privações do esporte profissional. Para alcançar o topo é preciso tomar difíceis escolhas. Amanda diminui a carga horária da faculdade. Com a possibilidade de representar o país em uma paralimpíadas, começa a se dedicar mais aos treinos. Sabe que pode romper a barreira dos 80 kg.

Fevereiro de 2014. A primeira competição oficial na cidade que a revelou para o esporte: Uberlândia. Os 78 kg garantem o segundo lugar no individual e o quinto no geral.

A cada prova não é apenas os pesos que aumentam. As conquistas também surgem. Os bons índices carimbam literalmente o passaporte de Amanda.

Santiago, Chile, a primeira competição internacional. Primeiro Jogos Para Sul-Americanos. *Eu ainda era novinha, a gente não tinha perspectiva de medalha, era participar para ganhar experiência, era a primeira vez que ia para fora. A equipe técnica falava comigo, vamos fazer um bom campeonato, fazer um bom trabalho técnico, dá tudo que você tem.*

O tudo de Amanda rende a primeira medalha da competição para o nosso país. Com a marca de 74 kg, a para-atleta conquista o ouro. As provas de halterofilismo acontecem antes mesmo da cerimônia de abertura.

Amanda sabe que qualquer resultado alcançado seria uma vitória. Preste a entrar no tablado ouve ou finge que ouve os últimos ajustes do técnico. A concentração é chave fundamental do esporte. Pensa apenas no movimento que tem que fazer. Retirar a barra, levá-la até o peito, erguê-la o mais alto possível.

A primeira tentativa é de 70 kg. A barra sobe. A tentativa é validada. Bom resultado para quem estava apenas para ganhar experiência.

O halterofilismo é uma modalidade rápida. Minutos depois Amanda volta para a segunda tentativa. Repete os mesmos rituais. Desta vez, tenta 74 kg. Os movimentos são perfeitos. Os árbitros dão bandeira branca. O primeiro lugar é alcançado. Amanda grita de emoção. Sabe que conquistou um bom resultado.

A terceira rodada começa. As adversárias de Amanda não conseguem superar a marcar. Apenas uma tenta levantar 75 kg. A adversária não ergue a barra. *Eu lembro do Wéverton falando para mim, se ela errar é ouro. Eu não sei o que deu nas mulheres que elas começaram a errar.*

Amanda vai para a terceira e última tentativa. Tenta 76 kg. Mas a barra não sobe. Fato que não impede de conquistar o ouro. A medalha já está garantida.

A premiação é regada a muito choro. Medalhas não eram esperadas. Sair da competição com o ouro na bagagem é uma sensação indescritível. *O Chile foi uma zebra. Primeiro porque que eu não acreditava na convocação. Eu olhava para as meninas e falava o que eu estou fazendo aqui. Para mim eu não tinha potencial para estar ali, todo mundo via, mas eu não. A gente foi mais relaxado, foi para fazer tecnicamente o que a gente sabia fazer e de repente na hora que você faz a sua prova é ouro.*

De volta ao Brasil, Amanda compete em duas etapas de regionais do Circuito Brasil Loterias Caixa.



Rio de Janeiro e São Paulo. Nas duas competições alcança 78 kg. Marca repetida também no nacional da modalidade. Resultado que garante o primeiro lugar na categoria individual e o segundo no geral. Medalha de prata.

A categoria júnior fica para trás. Amanda passa à elite do halterofilismo. Começa a ver a possibilidade de participar da paralimpíada Rio 2016. Precisa apenas ultrapassar a marcar dos 85 kg para garantir uma vaga nos Jogos Parapan-Americano em Toronto Canadá. E manter vivo o sonho paralímpico.

Inicia os treinamentos de 2015 com a marca em mente. Nos treinos a barreira dos 85 kg é alcançada. Mas, como dizem por aí treino é treino, jogo é jogo. Amanda sabe que a oportunidade é o Brasil Loterias Caixa: Etapa Regional Recife, Ceará.

A para-atleta vive na terra do frevo o inverso que viveu no Chile Chega com a responsabilidade

de conquistar o resultado. Tensão que a prejudica durante prova. Na competição, Amanda para nos 78 kg. Conquista o primeiro lugar do individual e o quarto no geral. Mas, vê a possibilidade de participar de paralimpíada escorregar pelas mãos.

Em suas recordações, Amanda guarda em destaque a foto da competição. A frustração é transformada em aprendizado. *Essa foto eu gosto muito dela, pois me lembra uma frustração, porque as pessoas acham que a vida de atleta é só ganhar. Essa foto foi uma competição em Recife, a gente estava cotado para ir para o Canadá, Toronto, e precisava fazer uma marcar. Eu estava no aquecimento, estava tudo ok, tinha tudo para fazer a marca, mas na hora H não saiu. Foi uma frustração dolorosa.*

A prova acontece no último dia de competição. Amanda já tinha visto sonhos serem alcançados ou destruídos. E se perguntava, o que o destino reservaria para ela.

A hora da resposta chega. No aquecimento a marca é alcançada. Sabe que pode fazê-la na prova. Entra no tablado. Está tensa. A primeira tentativa é de 78 kg. Os movimentos são válidos. Bom resultado. Mas não o suficiente para o sonho paralímpico.

É preciso alcançar os 85 kg. Peso da segunda tentativa. A barra não sobe. A esperança ainda continua. Há a terceira e última tentativa. Amanda

prepara para o movimento. Respira fundo. Agarra a barra. Olha fixamente. Começa a realizar o movimento. Leva até o peito. Agora é preciso erguê-la. Neste instante, os braços perdem as forças. A barra não sobe, invalidando o movimento.

Eu descii, na hora que eu fui levantar travou. Aí já não vale e eles tiram a barra para você não se machucar. Uma das coisas que esta competição me ensinou apesar da frustração, a gente sempre tem um pouquinho mais para chegar, e nunca achar que a gente está cem por cento pronto.

A esportista não se entrega a decepção. Apesar do mês de choro, enxuga as lágrimas e volta aos treinos. Acredita que desistir é o caminho mais fácil. *Nas decepções se a gente se entregar, a gente não termina nada na vida. Eu tenho muito isso e ao longo do tempo com a deficiência eu fui aprendendo também a respeitar o limite do meu corpo, ele é diferente, não adianta a Amanda querer imprimir um ritmo que funciona para outra pessoa.*

Por capricho do destino, a marca desejada é alcançada ainda no ano de 2015. Na etapa nacional do Brasil Loterias Caixa na capital paulista. Amanda levanta os 85 kg. Garante a medalha de bronze na categoria geral e o primeiro lugar no individual

No ano paralímpico, Amanda participa de dois regionais, Brasília e São Paulo, e do nacional na capital paulista. Nos regionais levanta 78 kg contra 75

kg do nacional. Amanda encerra o ano com três medalhas: ouro, regional de São Paulo; prata, nacional e bronze, regional de Brasília.

Em 2017, um novo ciclo paralímpico inicia-se. É preciso conquistar novos resultados. Em um piscar de olhos 2020 chega.

As competições de 2017 apresentam uma nova Amanda. A Amanda que rompe a barreira dos 80 quilos. Em nenhuma competição o peso levantado foi menor que esta marcada.

O ano inicia-se com uma novidade para a para-atleta. Os 87 kg garante não apenas a medalha de ouro da etapa regional Centro Leste do Brasil Loterias disputado em Brasília. Traz o título de recordista brasileira da categoria até 73 kg. E ainda carimba uma vaga para a Copa do Mundo de Para-halterofilismo em Eger, na Hungria.

Primeira competição em outro continente. O esporte lança Amanda ao mundo. O quarto lugar, com os 81 kg, é uma importante conquista. Mas o objetivo era 87 kg. Marca para participar do Mundial da categoria na Cidade do México.

Amanda não desiste. Tem as competições nacionais para alcançar o índice. Disputa a primeira etapa do Brasil Loterias Caixa na cidade de São Paulo. Na competição quebra o próprio recorde. Alcança os 88 kg. Novo recorde brasileiro. Vaga garantida para o Mundial da categoria.

Setembro, data do primeiro mundial da carreira. Prestes a embarcar para a competição, um terremoto atinge a Cidade do México. O país fica devastado com o abalo de magnitude 7.1. O campeonato é adiado. Uma nova data é marcada. Novembro de 2017.

Amanda viaja para o México com a delegação brasileira. Não vai a busca de pódio. Deseja fazer o melhor resultado que o corpo suporta. Compete no quinto dia do mundial. Entra no tablado com o auxílio do técnico Wérverton. A primeira tentativa é de 85 kg. Tentativa bem sucedida. A segunda traz o acréscimo de cinco quilos. A barra chega a subir, mas o movimento não é válido. De três árbitros, dois erguem a bandeira vermelha para o movimento. A cor representa a invalidação. Terceira e última tentativa. Os noventa quilos é a meta. Amanda repete o ritual. Mas ao tentar erguer a barra, os braços não suportam o peso e não conseguem levantar a barra.

Foi um dos dias mais sonhados da minha vida. Minha prova no primeiro mundial da carreira. O resultado não foi muito o que esperávamos. Essa foi uma oportunidade e tanta de aprendizado e crescimento numa modalidade que demanda tempo, dedicação, mas principalmente perseverança.

O halterofilismo ainda reserva grandes desafios para Amanda. A para-atleta busca o sonho das paralimpíadas. Sabe que o difícil não é chegar ao top, mas sim manter-se nele.

O futuro diploma de fisioterapeuta, que será conquistado em meados de 2018, trará alívios. Se os resultados começaram a não aparecer, mudará de lado. As mãos acostumadas com pesos se entregarão ao toque macio da pele e ajudarão na reabilitação de outras pessoas.

A deficiência não se trata de um problema. A não ser que você se deixe levar pelos olhos preconceituosos. Seja fora da curva. Assim, como Amanda orgulha-se de ser.



CAPÍTULO V

A incansável Laila

Viver os primeiros anos da vida sem um diagnóstico. Não saber o porquê das pernas perderem as forças. Assim, vive Laila Suzigan Garcia. Aos nove anos de idade, a paralisia cerebral é o primeiro diagnóstico. Algumas perguntas são respondidas. Outras ainda continuam uma incógnita.

Aos dezesseis, uma reviravolta. Não é paralisia. A perda das forças é

uma característica da paraparesia espástica hereditária. Doença rara e degenerativa.

Hoje, aos dezessete, Laila carrega com orgulho as cores amarela e preta. Faz parte da equipe paralímpica de natação do Praia Clube. A modalidade surge na vida da para-atleta aos seis anos de idade. As ótimas braçadas a fazem se destacar na natação olímpica. Começa a participar dos campeonatos. Os resultados animam a pequena que descobre o amor pelas piscinas.

Com o passar do tempo, a água, o lugar em que a garota se encontrava, tornar-se um martírio. As pernas, que antes respondiam ao impulso do cérebro, começam a negar os movimentos. A cobrança começa a surgir.

Manha de criança?

Falta de empenho?

Perguntas que a incomodam. O amor pela natação não suporta a pressão. Ninguém compreende a agonia da pequena. Laila decide deixar as águas. *Com o tempo eu fui parando de bater pernas, aí eles sempre me cobravam bater pernas. Eu tentava, mas não conseguia fazer do jeito que eu batia antes. E aí eu fui ficando muito irritada com isso e quis parar de nadar, porque ninguém entendia.*

Distante das águas, Laila começa a perder o equilíbrio. As pontas do pé carregam o peso do corpo. Os tropeços são constantes. As quedas passam

a ser rotina. A mãe, Ana Cristina, percebe a luta da filha para ficar em pé. Vê que algo precisa ser feito.

Sai em busca de uma resposta. Procura vários médicos. Ouve de tudo. Mas nenhum diagnóstico é exato. *A minha mãe me levou no médico, porque ela percebeu que as minhas pernas estavam diferentes de antes. Eu caía muito, todo dia eu tinha um tombo, tinha um ralado diferente. Ela me levou em vários médicos, teve médico que diz que era frescura, manha de criança, que criança andava na ponta do pé e depois passava.*

Engano médico. Não é frescura. É o corpo pedindo por ajuda. Ajuda esta que encontra resposta na AACD. Três anos após a saída da natação, uma explicação para a perda das forças das pernas. Paralisia cerebral. Paralisia adquirida na infância. A mãe não compreende o diagnóstico, mas vai à luta pela saúde da filha.

Laila começa o tratamento. Fisioterapia e hidroginástica passam a fazer parte da rotina. É preciso estimular os movimentos das pernas. Uma cirurgia no tendão também é feita.

A jovem descobre que ainda tinha os movimentos das pernas porque praticou natação aos seis anos de idade. O esporte retardou o atrofiamento dos músculos.

Aos doze anos de idade a garota recebe alta do tratamento. Os médicos a aconselham a dedicar a um esporte. Por sorte, a natação é a primeira opção.



A volta às águas traz velhas recordações. O lugar em que se sentia livre. E desta vez, sem a cobrança da perfeição dos movimentos. Os treinos no Uberlândia Esporte Clube são para a reabilitação. Mas Laila revela um segredo. As braçadas demonstram uma atleta em potencial.

O esporte podia ser além de uma atividade de reabilitação. Laila é convidada a praticar natação paralímpica. Movida a desafios, aceita o convite de Hudson Pain.

O ano de 2012 é marcado pelas Paralimpíadas Escolares. Com apenas 12 anos, vive a primeira sensação de uma competição oficial. São Paulo, o palco da disputa. A para-atleta passa pela classificação funcional. A avaliação a encaixa na classe S8. Limi-

tação física-motora do corpo em duas extremidades, sendo afetação grave de uma extremidade ou afetação grave de diversas articulações. Laila participa dos 50 metros peito, 50 metros livre, dos 100 metros livre e do revezamento 4 x 50 medley.

No ano seguinte retorna à competição. Desta vez, compete nos 50 metros costas, 50 metros livre e repete a participação no revezamento.

As competições infanto-juvenis começam a ficar pequenas para o talento da promessa paralímpica. Com apenas treze anos, Laila conquista índice para participar de um regional de natação. Mas a idade não permite a esportista competir. O mínimo é de 14 anos.

2014. O ano da maioridade esportiva. Laila alcança a idade mínima para participar de uma competição nacional. O regional a leva para o brasileiro. *Então eu conquistei as coisas muito rápido. Fiquei treinando com o diagnóstico de paralisia cerebral, eu era S8, a gente é classificado por classes, quando maior a sua deficiência menor a sua classe, quando menos coisa você conseguir fazer, menor é a classe.*

A classe S8 é uma classe forte para Laila. A para-atleta não consegue acompanhar o ritmo das adversárias. No início, a ausência de resultados não impede Laila de continuar a busca do sonho: ser uma para-atleta profissional.

O tempo passa. Os resultados negativos começam a incomodar. As pessoas ao redor cobram um

rendimento melhor. Laila também se cobra. Deseja ser uma esportista melhor.

O ano de 2015 é marcado por lutas. Novamente, a piscina volta a ser um martírio. Uma infecção de urina também a faz afastar do esporte. Aos poucos Laila distancia do mundo. Deseja ficar longe de todos. A cobrança a sufoca.

As férias, período de diversão, são marcadas pela solidão. Laila se tranca no quarto. A escuridão é o refúgio. Chorar, a solução para fugir dos problemas.

Durante um mês, Laila se entrega à depressão. Fica longe das águas. Não deseja ver ninguém. Não sente prazer na vida. Não dorme. Não come.

O corpo começa a perder as forças. Laila chega aos 40 kg. A bela adolescente se sente feia. *Eu não dormia, eu só ficava no quarto, não comia nada, nada. Não saía, fiquei um mês assim.*

A lembrança ainda a atormenta. Deseja esquecer o momento em que não via sentido na vida. Apenas um mês, que pareceu uma eternidade.

Em janeiro de 2016, Laila começa um acompanhamento psicológico. A avó Dona Nair exige apenas um ato da neta: a volta às piscinas. Laila não decepciona a mulher que tanto ama. Obedece ao desejo de Dona Nair. Retorna as águas.

As braçadas não são mais as mesmas. A depressão ainda deixa rastros. Laila não se rende as barreiras. Continua os treinos. Alexandre Vieira ou

Xanxo, como é carinhosamente chamando pela para-atleta, técnico da seleção paralímpica de natação e da equipe praiana, faz um convite a esportista. Nadar na piscina olímpica da cidade maravilhosa. É o evento-teste para as Paralimpíadas do Rio. Sabidamente o técnico aconselha Laila a passar por uma nova classificação funcional.

Laila não imagina a mudança que a competição traria em sua vida. Ela aceita o convite apenas com o desejo de nadar em um palco olímpico. Arruma as malas e aterrissa no Rio de Janeiro.

Evento-teste para os Jogos Paralímpicos do Rio 2016. Nadar em uma piscina de uma Paralimpíada é a realização de sonho. Laila se deixa levar pelas águas. Cai na piscina, não em busca de resultados. Busca a satisfação pessoal.

A grande vitória de Laila é conquistada fora das raias. A para-atleta passa por uma nova classificação funcional. Os avaliadores vêem o que Laila já sentia nas competições. Está na classe errada. Os novos testes revelam que a classe S6 é o lugar em que deveria estar.

Não é apenas a classe que altera. Laila recebe uma mensagem que a faz vibrar de alegria. Ainda no hotel, após vários convites de outras equipes, e com a cabeça a mil, recebe uma mensagem de Xanxo. É o convite que sempre sonhou. Integrar a equipe paralímpica de natação do Praia Clube.

Laila não acredita nas palavras que lê. Fazer parte da equipe de destaque da cidade em que nasceu era o sonho. A mãe é a primeira a saber da novidade. Ana Cristina não acredita. É tudo que desejava, ver a filha no Praia.

A mensagem chega no domingo e já na terça-feira Laila está treinando no novo clube. Não quer perder sequer um dia. O destino testa Laila. Uma chuva incessante marca aquela terça-feira de maio. Laila de início questiona se teria treino. Não tinha costume de treinar debaixo de chuva. Apesar da desconfiança, toma coragem e vai.

Chega ao complexo aquático imaginando que teria que fazer uns quatro mil metros ou mais de treino. Tudo é novo. A começar pelo treino debaixo de chuva. Mil e quinhentos metros é a distância percorrida. Metragem fichinha para a atleta. O primeiro dia é vencido.

Os treinos são aprimorados. Laila aprende que para alcançar o topo não é apenas cair na água. É preciso muito mais. Os treinamentos mostram isso. *Tem alongamento fora da água, tem academia, tem um monte de coisa. Eu tive que me adaptar em três tempos. Mas assim foi muito legal a experiência, sabe?*

A alegria de Laila está de volta. A depressão começa a ficar para trás. O esporte a apresenta um novo caminho. No ano de 2016 Laila conquista o título de campeã brasileira nos 100m livre e 400m

livre. O ano encerra-se com uma convocação para a Seleção Brasileira Paralímpica de Jovens de Natação de 2017.

2016. Um ano que começa em um quarto escuro, termina com as cores verde e amarela.

2017 começa com importantes revelações. Laila sempre teve dificuldades em recuperar o corpo. Todos acreditavam que era um dos sintomas da paralisia cerebral. Algo incomum para a este tipo de deficiência. Mas era o que o diagnóstico permitia. Uma médica ao verificar esta dificuldade encaminha Laila para o hospital referência em reabilitação física, Hospital Sarah Kubitschek.

Na capital federal, após uma bateria de exames, uma descoberta. O diagnóstico de paralisia cerebral está equivocado. Paraparesia espástica hereditária é o que acompanha Laila. Deficiência rara que se caracteriza pela perda da força dos músculos. Conhecida como a doença de Strumpell-Lorrain. *Ele me explicou que a minha doença é degenerativa, não tem um tratamento assim para parar ela. Tem como aliviar, as dores, o que eu sinto. Eu demoro a recuperar. Tipo assim, os meninos de minha equipe recuperam de um dia para outro, eu demoro a recuperar uns três dias, por exemplo.*

O novo diagnóstico permite que Laila conheça o limite do corpo. O cansaço nos treinos passa a ser compreendido. A perda das forças das pernas também.

A equipe praiana ajuda Laila a seguir em frente. Os técnicos Alexandre Vieira, Daniel Cunha e Lucas Oliveira montam treinos adequados para Laila. *Então sempre os meus treinamentos são um dia forte e um dia fraco.*

O golpe é duro. Mas Laila desta vez não se afasta das piscinas. Pelo contrário, foca em melhorar as marcas. Inicia o ano com a seleção brasileira paralímpica de jovens. Participa do III Camping Thiago Pereira de Natação na companhia da colega de clube Emyly Santos.

Em março tem a primeira competição internacional da carreira. Jogos Parapan-Americanos de Jovens 2017. Cinco medalhas são conquistadas. Campeã parapan-americana juvenil nas provas de 100 metros peito, 100 metros livre, 400 livre e 50 livre.

Os resultados trazem fôlego e uma nova convocação para a seleção de jovens. Em maio, recebe o primeiro convite para integrar o time brasileiro em uma competição no velho continente. Berlim, capital da Alemanha, é o destino.

Antes da primeira viagem internacional, Laila participa da I Etapa Loterias Caixa Fase Nacional. Desta vez, leva no peito as cores da equipe praiana. É o primeiro nacional representando o clube do coração.

No fim de semana da prova, Laila pega um resfriado. A para-atleta não se entrega. Cai na piscina e faz bonito. Conquista três ouros e duas pratas.



A hora da primeira competição fora do país chega. Laila viaja para Berlim na companhia do técnico Alexandre e da companheira de equipe Emyly Santos.

Desembarca em terras alemãs com o desejo de fazer o melhor. O intuito é assombrar o mundo. Laila compete em várias provas no Aberto de Berlim de Natação Paralímpica, IDM Berlin. Mas uma a marca para sempre.

A especialidade de Laila é os 400 metros livre. Mas no dia da prova ela está cansada. O desânimo também a persegue. *Eu estava muito cansada, muito desanimada, eu estava com medo de nadar, pois eu estava treinando mal e isso veio na minha cabeça neste dia. Era a prova principal e eu estava com medo e fiquei muito nervosa e também eu estava com muitas dores.*



A tensão deixa os músculos rígidos. O fisioterapeuta da seleção, Tom, tenta soltar a para-atleta. O rosto de Laila denuncia a preocupação. Tom tenta relaxar Laila com uma massagem nos ombros. Tentativa em vão. A atleta está uma pilha.

A hora da prova chega. Laila entra no ginásio acompanhada do técnico Alexandre. Ouve a orientação do professor. Raia dois é o local de disputa. Deposita o casaco na caixa plástica. Ajusta os óculos e a toca. Direciona-se à borda da piscina. Bate fortemente no peito. Precisa ativar os músculos. Com o auxílio do técnico cai na piscina. Segura na borda. À espera do *Take our marks* sente que o tempo passa mais lentamente. Contrário do que acontece durante a prova. Ao soar da sirena Laila se lança na raia. São quatrocentos metros.

Durante a prova, pensa apenas em acompanhar o ritmo da atleta favorita. Não pode perdê-la de vista. É o conselho do técnico. *Eu olhava para o lado*

e nada da menina. Pensava cadê esta menina. Ai eu falei_Que saber, eu vou acelerar, eu não tô vendo ela. Ai eu acelerei, no que eu acelerei, eu fui, fui, fui.

Laila foi. Ao chegar à borda da piscina, não tinha consciência do feito alcançado. Olha para o técnico. O silêncio é uma resposta de que a prova foi ruim. Quando tem um resultado bom, o técnico logo sai gritando.

O técnico está sem reação. O silêncio assustador é interrompido com um gesto. Alexandre direciona a mão para o placar. Laila prontamente obedece. Vira. Vê o que deixa o técnico sem palavras. Quatro décimos abaixo da melhor marca feita pela para-atleta. Os 5 minutos, 58 segundos e 07 milésimos não dão apenas o primeiro lugar da bateria. Dão o quinto melhor tempo do mundo na modalidade.

Laila começa a pular na piscina. A felicidade é tanta que quase afoga. O rosto molhado se mistura as lágrimas. Não consegue ver as lágrimas do técnico sem acompanhá-lo. *Nossa na hora que eu vi aquele tempo, eu olhei para ele e ele dizia comemora. Aí comemorei e me afoguei. Nossa! E ele me olhava e ficava comemorando gritando lá. Na hora que eu saí d'água, ele gritava, eu gritava, e nós começamos a chorar. Eu chorava, ele chorava, foi a coisa mais linda que eu vivi com ele.*

Xanxo pergunta se ela tem noção do feito alcançado. Laila responde negativamente. O técnico

acolhe a para-atleta nos braços e grita *Você está entre as dez melhores do mundo!*

O resultado coloca Laila na quinta colocação do ranking mundial. Toda a abdicação, as dores, a saudade, a dieta, o sacrifício são recompensados.

A competição na Alemanha deixa literalmente marcas em Laila. A para-atleta, ao voltar para terras brasileiras, tatua o mapa alemão com as cores da bandeira germânica. O braço direito é o local escolhido. Que traz também a frase *Vamos assustar o mundo!*

Na companhia da ‘miga’, o para-atleta Felipe Caltran, a dupla grita aos quatro cantos o lema criado para a competição. A ideia da tatuagem nasce de uma brincadeira entre os amigos que se conheceram



no Open Thiago Pereira no início de 2017. Amizade com menos de um ano, mas que parece ser de uma vida inteira.

Quando Laila precisa de ajuda, é no ombro de Felipe que repousam as lágrimas. Felipe é nadador da classe S14. *A gente foi e viajou junto. Lá a gente brigou, a gente fez as pazes no outro dia, mas na hora de gritar para mim, ele estava lá, sabe.*

A parceria precisa ficar marcada. Felipe vira para Laila e dá a ideia de fazer uma tatuagem para selar a amizade. Laila não pensa duas vezes. Aceita o desafio. *Tudo que ele pede eu topo e tudo que eu peço ele topa.*

De volta em solo brasileiro, Laila tatua na pele a frase que virou símbolo da primeira viagem juntos dos inseparáveis amigos. Felipe cumpre a promessa. Tatua na perna o mapa da Alemanha e a frase símbolo da dupla: *Vamos assustar o mundo!*

As águas trazem felicidade. *Me faz sentir mais calma. Às vezes eu tô com problemas e eu desconto na água a raiva. Então é um alívio, parece que você toma um remédio. Tipo, você vem para cá e desestressa.*

Assustar o mundo é o que deseja a incansável Laila.

Que o assombro venha em Tóquio 2020.



POSFÁCIO

Chega ao fim uma importante jornada de minha vida. A construção do livro-reportagem **Guerreiras** marca o surgimento de uma nova pessoa.

A caminhada não foi fácil, especialmente no fim. Ao escrever as derradeiras páginas desta obra, recebi a notícia de minha demissão como assessora de comunicação de uma agência. As palavras despertaram um

sentimento de incompetência, de que todo o esforço dedicado teria sido em vão.

Momento este que foi vencido ao lembrar as histórias de cinco guerreiras. Mulheres que enfrentam barreiras e lutam para alcançar um lugar ao sol. Desistir não está presente na história de Amanda, Daniele, Gisele, Joana e Laila. E não poderia estar presente na minha também. Aprendi com elas a importância de seguir em frente. O recomeço, apesar de dolorido, é necessário e enriquecedor.

Joana, sorriso encantador e uma juventude admirável. As conversas, após os cansativos treinos, apresentaram a extraordinária mulher que a velocista é.

O olhar apaixonado ao falar do paradesporto e as marcas deixadas no corpo das cirurgias transformam a história de Joana em um elixir da vida.

Desejo chegar ao meio século de vida com a garra de Joana.

Gisele, mulher que renasce com a ajuda do esporte. Os encontros no *campus* da Educação Física da UFU revelam a intensa vida da para-atleta. **Guerreiras**, de certa forma, é também a realização do sonho de Gisele, que deseja ter a sua história nas páginas de um livro.

Estar diante de uma pessoa que tentou tirar a própria vida e que foi salva pelo esporte, é presenciar o milagre do recomeço. Os olhos marejados da es-

portista revelam a paixão pelo goalball. Aliás, o amor pelo esporte corre nas veias de Gisele.

Desejo apaixonar-me intensamente assim como Gisele.

Daniele, a para-atleta que vi uma grande transformação. Os encontros na UFU renderam um convite para uma visita na casa da para-atleta. Conhecer a família da esportista foi uma experiência indescritível. O amor da família é primordial para arriscarmos em nossos desafios.

De todas as **Guerreiras**, Daniele era a que eu já conhecia. Neste novo contato descobri uma nova mulher. Uma Daniele mais confiante. Uma Daniele mais independente. Uma Daniele mais feliz com a vida. A universidade apresentou novos caminhos e possibilitou a construção de uma nova mulher.

Desejo ter a coragem de Daniele para me reinventar.

De adolescente retraída à mulher forte. O esporte apresentou à Amanda uma nova maneira de viver. A ausência de forças nas pernas é compensada pela destreza dos braços.

A sessão de fotos, durante uma árdua segunda-feira de treinos, apresentou-me a descontração no esporte. Os pesos levantados tornam-se leves com os risos dos para-atletas. Amanda mostrou-me a força da mulher, não apenas a força física, mas a força da vontade de vencer um novo desafio.

Desejo ser fora da curva assim como Amanda orgulha-se em ser.

Laila, a caçulinha das **Guerreiras**. O primeiro contato a beira da piscina é gelado como as águas. Com o passar do tempo, a para-atleta se solta. Criamos um laço de cumplicidade.

Uma história de reviravoltas para uma garota de apenas dezessete anos. História carregada de determinação. Laila sabe muito bem o que deseja. Já realizou o sonho de fazer parte da equipe vitoriosa do Praia. Agora, persegue o sonho de vestir as cores do nosso país em uma paralimpíada.

Desejo ter a determinação de Laila nos desafios da vida.

Cinco histórias que se cruzam neste livro.

Cinco mulheres que se dedicam ao paradesporto.

Cinco lições de vida que nos fazem erguer a cabeça e dar a volta por cima.

Cinco **Guerreiras** em uma sociedade excludente e machista.

Cinco histórias com as quais aprendi que a vida é um ciclo.

Basta, apenas a nós mesmo, a coragem de recomeçar.

Que **Guerreiras** tenha sido um recomeço. Assim como foi para mim.

Cíntia Sousa

AGRADECIMENTOS

*Agradecimentos
especiais a*

Deus, pelo dom da vida.

Antônio, Marli, Marcos e Graciele, pessoas que foram escolhidas para ser a minha família, o meu porto seguro.

Rafael Duarte Oliveira Venâncio, meu orientador, que me deu a oportunidade de realizar o meu sonho.

Míria Monteiro, minha colega de profissão na Escola Estadual Honório Guimarães, por ter me emprestado a câmera fotográfica para registrar o dia-a-dia das **Guerreiras**.

Elisa Chueiri, pelo projeto gráfico e pela diagramação.

Sociedade, que mantém a universidade pública e me proporcionou duas graduações e um mestrado na UFU.

Aos técnicos Emilene dos Santos e Weverton Santos (halterofilismo); Leandro Garcia (atletismo); Fernando Dias (goalball); Alexandre Vieira, Daniel Cunha e Lucas Oliveira (natação); por permitirem a minha presença nos treinos das **Guerreiras**.

Amanda Sousa, Daniele Martins, Gisele Ferreira, Joana Silva e Laila Suzigan, obrigada por confiarem em mim e contarem as suas histórias.

Guerreiras: histórias de mulheres para-atletas nunca antes contadas é a concretização de um sonho. Sonho que nasceu durante a graduação de jornalismo e realiza-se no mestrado profissional do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

Esta obra traz as histórias de cinco mulheres que possuem em comum o amor pelo paradesporto. Amanda Sousa, Daniele Martins, Gisele Ferreira, Joana Silva e Laila Suzigan descobriram o sentido da vida ao enfrentarem a deficiência com o auxílio do esporte.

Deixe-se levar por estas cinco encantadoras **Guerreiras**.